

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Tatiane da Silva da Rosa

**Lazer:
concepções e vivências de uma juventude**

**Porto Alegre
2006**

Tatiane da Silva da Rosa

**Lazer:
concepções e vivências de uma juventude**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof^ª. Dr.^ª Marie Jane Soares Carvalho

Porto Alegre

2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos jovens que participaram desta pesquisa, pelo cuidado que tiveram comigo e pela sua disponibilidade em ajudar;

Aos meus pais, Abílio e Elvenci, à minha irmã Taiane e ao meu cunhado André, pelo apoio e incentivo constantes;

Ao Leandro, por sua música e especial companhia;

Aos meus amigos e amigas, por se manterem presentes na minha vida mesmo quando precisei estar ausente;

Aos colegas (que considero meus novos amigos) Vinícius Lousada e Simone Gimenes, pelo afeto e atenção que sempre dedicaram a mim e ao meu trabalho;

Aos colegas da Biodanza, com quem estou aprendendo a dançar a vida;

À direção e aos professores do Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello, por terem possibilitado minha aproximação com os jovens e colaborado durante todas as etapas da pesquisa;

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, pelos ensinamentos e orientações;

Ao professor Nilton Bueno Fischer e às professoras Heloísa Turini Bruhns e Tânia Fortuna, pelo respeito e acolhida na ocasião da qualificação do projeto;

Aos colegas do grupo de orientação, pela troca de idéias, dúvidas e sugestões;

À Prof^a Dr^a Marie Jane Soares Carvalho, orientadora desta dissertação, por ter me iniciado no mundo da pesquisa e colaborado na finalização deste trabalho.

Ou seja, assim, ó... Eu acho que dessa forma que eu tô agindo, eu acho que tá legal assim. E cada vez que eu procuro pensar as coisas de um modo, cada vez eu descubro mais coisa que eu penso e que eu não pensava antes. Como assim, ó... Essa conversa que eu tô tendo contigo. Eu nunca pensei que eu ia ter uma conversa assim com ninguém. Porque acho que as pessoas não me dão oportunidade pra falar. Elas não querem ouvir. Não que elas não queiram, elas não gostam de ouvir. Elas gostam de ouvir palavras curtas e grossas, e não nada explicadinho, tim-tim por tim-tim. Foi por isso até que eu não hesitei em participar da pesquisa, porque eu achei importante isso. Até mesmo porque, no caso, isso ia fazer bem pra mim, porque eu ia me expressar, conversar e ajudar também uma outra pessoa com a pesquisa.

Jean (menino de 18 anos – participante da pesquisa)

RESUMO

A pesquisa se propôs a conhecer as vivências de lazer de jovens estudantes do ensino médio, moradores do bairro Farrapos, em Porto Alegre. O estudo focaliza as concepções de lazer dos jovens por entender que a vivência do lazer não se dá apenas sobre bases objetivas (tempo e atividade) e que, portanto, aspectos de ordem subjetiva (atitude, gostos, preferências) necessitam ser considerados. Ouvir o que os jovens entendem por lazer e como acreditam vivê-lo tornou-se o principal empreendimento desta pesquisa. Entrevistas foram utilizadas como principal técnica para coleta de dados. Participaram deste estudo 12 jovens na faixa etária entre 16 e 20 anos. Reunimos seis meninas e seis meninos com rotinas diferentes: jovens que trabalham, jovens que desenvolvem atividades extra-escolares e jovens que apenas estudam. A análise foi desenvolvida a partir do enfoque fenomenológico, que envolve uma análise compreensiva do lazer ao destacar os significados desse fenômeno para os jovens. A discussão teórica é feita a partir da interlocução com autores que investigam os temas lazer e juventude. O lazer dos jovens do bairro Farrapos reflete a situação econômica das famílias e as condições materiais do lugar onde vivem. O que apontam como lazer ocorre principalmente dentro do seu bairro, nas imediações de suas casas, não envolve gastos e se constitui através de atividades que realizam cotidianamente. O modo como esses jovens vivem o lazer apresenta diferenças sutis que indicam particularismos de gênero. Muitas vezes, o que classificam como lazer envolve o mesmo tipo de atividade e ocorre, inclusive, no mesmo lugar. As companhias e a utilização de certos espaços em determinados dias ou horários diferenciam os lazeres de meninas e meninos. No que diz respeito às concepções de lazer, os jovens referiram-se a ele como um momento, uma hora ou um tempo, indicando, assim, um fator temporal. Também o definiram como algo que se faz, ou seja, uma atividade. O lazer é relacionado a escolhas, ausência de obrigações e diversão.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Juventude. Educação.

ABSTRACT

This research aims at investigating leisure experiences of young high school students who live in Farrapos neighborhood in Porto Alegre. The study has focused on the conceptions of leisure of youth, assuming that the leisure experience does not occur founded only on objective bases (time and activity), therefore, subjective aspects (attitude, tastes and preferences) must be taken into consideration. Listening to what young people understand as leisure and how they believe they experience it has become the main undertaking in this research. Interviews have been used as the main tool to collect data. Twelve 16-20 year-olds have participated in this study. Six girls and six boys with different routines have been gathered: those who work, those who have extra-class activities, and those who only attend school. The analysis has been developed from the phenomenological approach, which involves a comprehensive analysis of leisure by highlighting the meanings of this phenomenon to youth. The theoretical discussion has been carried out from an interlocution with authors who have investigated both leisure and youth. Leisure of young people from Farrapos neighborhood reflects both the economical situation of their families and the material conditions of the place where they live. What they have pointed out as leisure occurs mainly in their neighborhood, near their homes, it does not imply expenditures, and consists of the activities they perform daily. The way those girls and boys experience leisure has shown subtle differences that indicated gender peculiarities. What they have pointed out as leisure often involved the same kind of activity and even occurred in the same place. Companions and the use of certain spaces on particular days or hours distinguish leisure between girls and boys. As to their conceptions of leisure, young people have referred to it as a moment, a time or period, thus indicating a temporal factor. They have also defined it as something that one does, i.e. an activity. Leisure has been related to choices, absence of duties and amusement.

KEY WORDS: Leisure. Youth. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 DO SURGIMENTO AOS DIFERENTES CONCEITOS DE LAZER	12
2 JUVENTUDE E LAZER	26
3 DA TRAJETÓRIA DE PESQUISA	38
4 AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS JOVENS DO BAIRRO FARRAPOS	53
5 OS JOVENS DA PESQUISA: QUEM SÃO? O QUE FAZEM? O QUE PENSAM?	58
6 CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE LAZER	79
7 ASPECTOS DE CLASSE SOCIAL E GÊNERO NO LAZER VIVIDO PELOS JOVENS DO BAIRRO FARRAPOS	95
8 CONSIDERAÇÕES PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO	105
9 PALAVRAS FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

Esta dissertação fala sobre lazer. Meu primeiro contato com esse tema se deu na ocasião em que fui bolsista de iniciação científica durante a graduação. Ao participar de uma pesquisa que investigava os usos do tempo de crianças de classe popular, fui convidada a trabalhar com os dados de tempo livre e discutir questões referentes ao lazer daquele grupo. Os conceitos que apresentavam o lazer como “atividades realizadas no tempo livre” acomodaram-se facilmente nos dados de que dispunha. Porém, algo parecia estar mal colocado.

Ao final do trabalho, surgiram dúvidas e conflitos em relação ao método utilizado na pesquisa e às concepções que segui. Perguntava-me: Para viver o lazer basta realizar determinadas atividades? Sempre que alguém estiver ouvindo música estará vivendo um momento de lazer? Será que assistir à televisão é um lazer para todas as pessoas? Esses questionamentos apontavam para um outro modo de compreender o lazer.

A partir de algumas idéias que circulam no senso comum, comecei a problematizar a forma como classificamos as vivências das crianças. Se lazer envolve diversão, livre escolha e fazer coisas que gostamos, então, não são os sujeitos quem devem indicar quais são os seus lazeres? O instrumento que utilizamos nos forneceu uma descrição rica do cotidiano do grupo pesquisado, mas não nos possibilitava conhecer o que pensavam sobre isso. Hoje entendo que o problema não estava no método, e sim na forma como conduzimos as análises referentes ao lazer.

Lenea Gaelzer (1979) foi a autora que desestabilizou a noção de lazer que eu tinha até aquele momento. Ela afirma claramente que o lazer não é uma atividade nem sinônimo de tempo livre. Para a autora, o lazer é um estado. A atividade e o tempo são elementos interdependentes para a vivência, mas ela destaca, ainda, um aspecto pessoal. Entende que a atitude dos sujeitos é fator importante para a constituição do lazer.

Assim, passei a pensar o lazer como uma experiência subjetiva, algo que pode ser vivido, sentido e percebido de maneiras diferentes pelos sujeitos. Surgiu daí o interesse em saber o que as pessoas pensam sobre o lazer. Outras

indagações foram levantadas: O que elas apontariam como sendo o seu lazer? Por que consideram determinadas vivências um lazer? O que faz do momento um lazer?

Atualmente, muitos projetos e políticas sociais têm entre seus objetivos proporcionar lazer às comunidades. Atividades esportivas, artísticas e recreativas são desenvolvidas nessas ações, que têm como público-alvo crianças e jovens. As demandas por intervenções desse tipo são maiores entre o segmento juvenil que reside nas periferias das cidades e se encontra em situação de risco social.

Então, decidi pesquisar as concepções e vivências de lazer de jovens. Os sujeitos que participaram deste estudo são estudantes do ensino médio, moradores do bairro Farrapos, localizado na zona norte de Porto Alegre. Trata-se de um bairro com alto índice de vulnerabilidade social, por isso conta com muitos projetos sociais que visam à inserção do jovem no mercado de trabalho. Além disso, há algumas iniciativas que atuam em prol da formação e expressão cultural dos jovens.

A opção de trabalhar com jovens também se deu por acreditar que eles possuem maior liberdade para ir e vir dentro do bairro e da cidade. Isso poderia significar mais autonomia para realizar escolhas e buscar as atividades de sua preferência. O nível de escolaridade foi outro fator considerado. Muitas habilidades, interesses e demandas podem se originar nas experiências vividas na escola, pois é o lugar onde muitas crianças e jovens têm o primeiro contato com o esporte, o teatro, o cinema, por exemplo.

Nesta dissertação, abordo dois temas que reúnem muitas controvérsias. Os autores que realizam estudos sobre lazer ou juventude sinalizam as dificuldades em apreendê-los conceitualmente. Imprecisões, ambigüidades e tensões cercam essas duas temáticas. A perspectiva deste trabalho é desenvolver uma reflexão acerca das concepções e vivências de lazer de uma juventude. Busca-se compreender esses fenômenos, mas não há a pretensão de explicá-los. Logo, não apresento conclusões sobre o que é lazer e juventude.

No primeiro capítulo, exponho a linha de tempo traçada por alguns autores na tentativa de entender como surgiu o que hoje chamamos de lazer. Esses autores argumentam que, para compreender o fenômeno, é necessário conhecer os diferentes sentidos atribuídos a ele em diferentes momentos históricos. A noção de tempo predominante em cada época parece ter papel importante no seu surgimento. Ao fazer essa retomada, indico a relação do lazer com o trabalho, a idéia de ócio e

de tempo livre. Após, apresento alguns conceitos de lazer e a discussão dos autores sobre tais definições.

Juventude é o assunto que abordo no segundo capítulo. Início relatando o foco dos primeiros estudos sobre o tema. A inserção da juventude como objeto de estudo nas universidades foi um dos fatores que deram visibilidade à população jovem na sociedade. A caracterização da juventude se consolidou como uma fase de transição para a vida adulta marcada por períodos de crise. Exponho a problematização do conceito de juventude realizada por autores que trabalham com uma perspectiva sociológica. Em seguida, mostro as relações existentes entre lazer e juventude.

A trajetória da pesquisa é detalhada no terceiro capítulo. Nele indico todo o caminho percorrido, desde as primeiras aproximações com os jovens do Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello até a etapa das entrevistas. Explicito também os critérios que utilizei para a escolha dos 12 jovens que participaram da pesquisa e como desenvolvi as entrevistas que geraram os dados deste trabalho.

No quarto capítulo, reúno algumas informações sobre o contexto desses jovens. Apresento os índices de condições de vida e de vulnerabilidade social da região à qual pertence o bairro Farrapos, bem como a renda e a escolaridade média da população do bairro. Para traçar um paralelo com esses dados, apresento cada um dos jovens da pesquisa e a situação das suas famílias em termos de ocupação, escolaridade e renda.

As falas dos jovens sobre suas vidas constituem o quinto capítulo. Nos seus relatos, falam sobre o seu cotidiano, família, amigos e namoro. Também expressam quais são seus projetos de vida e o que pensam sobre a escola e o trabalho. Considero que esses depoimentos foram importantes para conhecê-los e para compreender o modo como vivem o lazer.

No sexto capítulo, mostro quais são as concepções de lazer que circulam entre os jovens do bairro Farrapos. Recorro novamente às suas falas para explicitar o entendimento que possuem acerca do lazer e destacar o modo como acreditam vivê-lo.

Analiso o lazer vivido por esses jovens no sétimo capítulo. Para isso, destaco os lugares que freqüentam, as atividades com as quais se envolvem no cotidiano e as que apontaram em suas vivências de lazer. Entendo que o lazer desses jovens é atravessado e limitado por aspectos de classe social e gênero.

No oitavo capítulo desta dissertação, faço uma reflexão dirigida ao campo da educação. Aprendizagens não são vividas apenas dentro da escola. O educativo está presente em todas as dimensões da vida e se dá através das relações que estabelecemos com outros sujeitos, com as instituições, com as políticas públicas, com a cidade, entre outros. Ao dar exemplos de programas e projetos sociais desenvolvidos em Porto Alegre, enfatizo a importância dessas ações como desencadeadoras de processos educativos no âmbito do lazer.

1 DO SURGIMENTO AOS DIFERENTES CONCEITOS DE LAZER

O SURGIMENTO DO LAZER

Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior (2003), ao resgatarem a origem do lazer, argumentam que todas as sociedades, independentemente da época, buscaram formas de se divertir e distrair. Porém alertam que não podemos afirmar que o lazer sempre existiu. A palavra *lazer*, segundo os autores, passa a ser utilizada em determinado momento da história para definir um fenômeno social. Antes, outras palavras eram usadas para denominar fenômenos similares, mas não iguais.

Para compreender o fenômeno lazer, é necessária uma incursão nos sentidos que assumiu em distintos momentos históricos. Segundo Josep M^a Puig e Jaume Trilla (2004), as concepções atuais de lazer possuem uma mistura de interpretações políticas, morais, religiosas e econômicas oriundas de diferentes épocas. Com o intuito de entender como surgiu o que hoje chamamos de lazer e os sentidos atribuídos a ele, os autores traçam uma espécie de linha do tempo que inicia na Grécia e Roma antigas¹.

Pensar e discutir o lazer implica aproximar-se da sua relação com o trabalho. Além de constituírem dimensões importantes da vida humana, influenciam-se mutuamente. No entanto, uma oposição se estabeleceu entre esses dois “mundos” ao longo da história. Na Grécia antiga, valorizavam-se a contemplação e o cultivo de valores considerados nobres, como a bondade, a verdade e a beleza. O trabalho cotidiano era visto como algo que dificultava a vivência desses valores, pois reduzia o tempo livre necessário para a contemplação (Mello; Junior, op. cit.).

Para a sociedade grega, o tempo livre era uma oportunidade de crescimento espiritual. Esse momento era denominado *skholé*. A palavra *ócio* teria sua origem etimológica na raiz *skholé*, que significa “parar” na concepção grega. Os gregos

¹ As palavras *ócio* e *lazer* possuem raízes etimológicas diferentes, mas hoje são utilizadas para designar o mesmo fenômeno. O uso do termo varia de acordo com o país. Os países de língua espanhola e italiana utilizam a palavra *ócio*, que tem sua raiz no termo *otium* (ausência de trabalho). Já os países de língua portuguesa, inglesa e francesa utilizam, respectivamente, as palavras: *lazer*, *leisure* e *loisir*. Estas derivam do termo *licere*, que significa “poder ter direito”. Portanto, utilizarei os termos conforme aparecem nos textos citados.

acreditavam que tal atitude proporcionava repouso e paz aos indivíduos. O ócio possuía um sentido de tempo desocupado e dedicado a si mesmo. Estava diretamente relacionado com a idéia de formação não-utilitária da pessoa (Melo; Junior, op. cit. e Puig; Trilla, op. cit.).

Na Grécia antiga, o ócio era concebido como o oposto do trabalho. Significava libertar-se da necessidade de trabalhar e constituía o estado vivido pelo homem livre. O trabalho era de responsabilidade de uma massa de escravos, e somente a elite podia se dedicar ao desenvolvimento do espírito. O ócio era vivido, então, por aqueles que não tinham a necessidade de estar ocupados, nem a obrigação de realizar atividade alguma. O sentido do ócio era contrário à idéia de ocupação, e sua finalidade residia em si mesmo (Melo; Junior, op. cit. e Puig; Trilla, op. cit.).

Os romanos, por sua vez, não consideravam o trabalho algo negativo. O ócio configurava-se num tempo de descanso para recuperação e preparação do corpo e do espírito para a volta ao trabalho. É na sociedade romana que surgem os conceitos de *otium* e *nec-otium*, termos oriundos do latim que significam, respectivamente, ócio (não-trabalho) e ausência de ócio (trabalho). Estes não eram considerados conceitos antagônicos. Atribuía-se ao *otium* e *nec-otium* um sentido de inter-relação, complementação e dependência. Nesse contexto, o ócio tinha uma finalidade e era um meio para conseguir o máximo proveito do trabalho (Melo; Junior, op. cit. e Puig; Trilla, op. cit.).

O sentido e o significado do aproveitamento do tempo de não-trabalho modificam-se na idade média. Nessa época, a igreja católica instituiu um rígido conceito de pecado, que estabelecia os limites do que podia ser vivenciado nesse tempo. Embora fosse exíguo e muito controlado, em geral o tempo de não-trabalho era dedicado pela população ao descanso e às festas. Já os nobres passam a viver o ócio como um tempo de exposição de gostos luxuosos e sem finalidade social. O trabalho era considerado tarefa das pessoas menos abastadas, e o ócio era uma forma de expressão de poder e riqueza (Melo; Junior, op. cit.).

O valor conferido ao ócio e ao trabalho sofre significativa transformação ao longo do século XVII. Um sentido negativo é atribuído ao tempo de não-trabalho quando surgem as religiões protestantes. O protestantismo enalteceu o trabalho e difundiu a idéia de que o ócio era uma perda de tempo a ser eliminada da vida de qualquer indivíduo. A partir de então, o ócio é considerado improdutivo, e o trabalho se torna muito valorizado. Assim, muitos divertimentos e festejos populares foram

reprimidos ou modificados com vistas a contribuir com o novo modo de produção que estava sendo gestado (Melo; Junior, op. cit. e Puig; Trilla, op. cit.).

No final do século XVIII², inicia-se a implantação do modelo de produção fabril e da organização do trabalho em fábricas, o que provocou a artificialização dos tempos sociais. Puig e Trilla (2004) argumentam que, em todas as épocas, povos e grupos sociais, foi possível diferenciar o tempo de trabalho do tempo livre e de ócio. Os autores afirmam que sempre se viveu o conflito entre aumentar o tempo de descanso e diversão e aumentar o tempo de trabalho para melhorar as condições de vida. Porém, antes da Revolução Industrial, havia uma relação de complementaridade e equilíbrio mútuo entre os tempos de trabalho e ócio. De acordo com os autores,

Entre o tempo dedicado à produção de bens e o resto do tempo humano havia, naturalmente, diferenças, mas as atividades de cada parcela sustentavam-se mutuamente. Ambos os períodos contribuíam para formar uma só vida. Viviam-se os dois como úteis e a duração de nenhum deles crescia muito mais que a do outro. Uma certa quantidade de trabalho convidava e tornava possível um tempo de descanso, distração ou comemoração do trabalho realizado. Atividades que, por outro lado, ajudavam a recuperar energias e dar sentido à produção. Esse círculo impossibilitava que alguma dessas atividades crescesse em prejuízo da outra (PUIG E TRILLA, op. cit., p. 27).

Na modernidade, esse equilíbrio chega ao fim, pois o tempo de vida diário passou a ser regido pela jornada de trabalho. Desse modo, o tempo de não-trabalho também se artificializou, e nesse período surge o que hoje entendemos por lazer (Melo; Junior, op. cit. e Puig; Trilla, op. cit.).

Com vistas a garantir a consolidação do novo modo de trabalho, a classe dominante tentou acabar com as formas de organização dos trabalhadores, que já se manifestavam contra o sistema em desenvolvimento. As diversões populares, como as feiras, as tabernas e os jogos, por exemplo, foram duramente perseguidas por se oporem à lógica do trabalho árduo que devia ser instaurada e também porque eram nesses momentos que os trabalhadores se reuniam para planejar estratégias de luta e resistência. O tempo de não-trabalho passou, então, a ser fortemente controlado. O poder judiciário, as forças policiais e a Igreja foram as instituições que

² Nesse período, a industrialização está se desenvolvendo na Europa. No Brasil, tal processo inicia no século XIX.

garantiram o controle desse tempo através da divulgação de leis restritivas e da noção de pecado (Melo; Junior, op. cit.).

O processo de industrialização e de urbanização desencadeado com o estabelecimento do novo modo de produção atingiu os trabalhadores de diversas maneiras. Destacam-se como exemplos as longas jornadas de trabalho e a redução dos espaços públicos. Pode-se afirmar que o surgimento do lazer está relacionado com as tensões que emergiram entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores que vendiam sua força de trabalho. A redução da jornada de trabalho era uma das reivindicações sempre presentes na luta dos trabalhadores e tinha entre seus objetivos a diversão e o descanso. Nas palavras de Melo e Junior (2003, p.29), “o lazer é um fenômeno moderno, surgido com a artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção fabril desenvolvido a partir da Revolução Industrial.”

Liz Cintra Rolim (1989) afirma que vivemos o lazer de forma situada e datada. Nossas escolhas são influenciadas pelo contexto cultural onde estamos inseridos e pelos grupos sociais com os quais nos envolvemos. A autora expõe a relação entre trabalho e lazer a partir da noção de tempo predominante em diferentes épocas. A linha de tempo traçada por ela mostra as mudanças no modo de perceber o tempo ao longo da história.

Na idade antiga, o homem se orientava pelos astros e pelas estações do ano. O nascer e o pôr-do-sol determinavam o início e o fim do dia. O trabalho acompanhava os ciclos da natureza. Os ritos e festas religiosas eram realizados com o intuito de aproximar o homem dos seus ancestrais. Nesse período, o homem voltava-se para o passado e negava a fluidez do tempo. A autora denomina esse modo de perceber o tempo como natural ou cíclico (Rolim, op. cit.).

A igreja torna-se responsável pela orientação do tempo na idade média. Nesse período, o homem passa a distinguir o tempo terreno do eterno e aceita sua linearidade. Rompe-se com o tempo cíclico, e toma lugar o tempo vetorial. Então, surge o sentimento de um tempo que flui (Rolim, op.cit.).

Na idade moderna, o homem cria o relógio-máquina e passa a regular o tempo e sua vida por ele. É nessa época que ocorrem a Reforma Protestante e o nascimento do capitalismo, fatos que provocaram o enaltecimento do trabalho. Com a Reforma, difunde-se a idéia de que o homem pecador se redime pelo trabalho e

que o acúmulo de bens materiais é um sinal de bênçãos divinas. De acordo com a autora, nesse período, surge o tempo mecânico (Rolim, op. cit.).

A idéia de “tempo livre” surge quando o relógio passa a orientar a vida do homem a serviço do modo de produção industrial. Rolim alerta que é necessário relativizar essa suposta liberdade, já que não é o homem quem cria esse tempo.

Há intervalos entre um tempo de trabalho e outro. Denomina-se “tempo livre” aquele que se encontra nesse intervalo, desobrigado do trabalho e das imposições familiares, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Contudo, só será livre mesmo se puder ser empregado pelo indivíduo da forma como lhe apraz. Vê-se no entanto que a liberdade é relativa, pois não é o homem quem escolhe o momento ou quem “cria” esse tempo. É a máquina que o oferece, ou melhor, o impõe ao homem (ROLIM, op. cit., p. 47).

O homem realiza a Revolução Industrial e escraviza-se ao ritmo da máquina na idade contemporânea. O tempo dividido em trabalho e não-trabalho consolida-se, criando, assim, o chamado “tempo livre”. A autora argumenta que, nesse momento, surge a noção de tempo psicológico. Trata-se do tempo que “considera o íntimo de cada ser humano na sua receptividade aos fatos, às coisas e aos seres.” (Rolim, op. cit., p. 47)

Para Rolim, o lazer surge na idade contemporânea, quando o tempo é dividido em dois e o homem passa a usar o “tempo livre” na sua realização pessoal. Nas idades antiga e média, o trabalho e o jogo aconteciam de forma integrada nas festas, através das quais o homem voltava às suas origens e se unia aos ancestrais (Rolim, op. cit.).

LAZER: UM MOSAICO DE DEFINIÇÕES

Apresentar o lazer por meio de um conceito é uma tarefa muito difícil. Há muitas definições para esse fenômeno, e estas carregam muito mais divergências do que consensos. Tempo, atitude e atividade são alguns, talvez os principais elementos considerados para definir o lazer. Alguns conceitos enfatizam apenas um desses aspectos, outros apresentam uma combinação deles.

O tempo é o fator presente na maior parte das definições de lazer. Muitos autores entendem que o lazer é sinônimo de tempo livre, mas dentro dessa corrente há subdivisões. Alguns afirmam que o lazer é o tempo não ocupado pelo trabalho.

Outros ampliam a definição ao excluir do lazer o tempo dedicado às obrigações familiares e pessoais. Há, ainda, autores que retiram da idéia de lazer também as atividades espirituais e políticas. A partir dessa concepção, entende-se que o lazer é o tempo livre, isto é, tempo não ocupado por qualquer imposição (Puig; Trilla, 2004).

Aqueles que valorizam o elemento atitude acreditam que o lazer é problema pessoal, e não temporal. A constituição do lazer dependeria, então, da atitude de quem o vive. Os autores que compartilham dessa concepção entendem que a vivência do lazer está na relação que o sujeito estabelece com sua atividade. O lazer seria resultado da expressão livre, criativa e satisfatória do sujeito (Puig; Trilla, op. cit.).

A atividade é outro elemento apontado nas definições de lazer. Alguns autores acreditam que apenas determinados tipos de atividades podem constituir momentos de lazer. Entre as atividades consideradas *de* lazer, encontram-se, por exemplo, a prática de esporte, assistir à televisão e passear. Outros autores entendem que qualquer atividade, inclusive o trabalho, pode ser lazer. Estes destacam o aspecto subjetivo do fenômeno, pois acreditam que o lazer também depende da atitude com que se vive a atividade (Puig; Trilla, op. cit.).

Puig e Trilla (2004) acreditam que é necessário integrar esses elementos para definir o lazer e compreender sua realidade. Para esses autores, o lazer implica sempre um marco temporal que distinguimos e opomos ao tempo que dedicamos ao trabalho. Os autores entendem que, para viver o lazer, é preciso dispor de um tempo não ocupado pelo trabalho ou qualquer outra obrigação. Lazer não é sinônimo de tempo livre, mas o tempo livre é uma das condições necessárias para viver o lazer.

Na opinião desses autores, o tempo livre caracteriza-se por ser uma porção de tempo aberta a qualquer ocupação que o sujeito decida ter. “Podemos entendê-lo, em certo sentido, como a ‘liberdade de’, imprescindível para tornar possível a ‘liberdade para’, que nos aproxima do ócio.” (Puig; Trilla, op. cit., p. 43) Mas há muitas divergências em relação à suposta liberdade que teríamos nesse tempo. Alguns estudiosos do lazer argumentam que nunca estamos livres de coações e imposições sociais, por isso preferem utilizar a expressão “tempo disponível” (Marcellino, 1995).

Para Puig e Trilla (2004), nosso tempo está dividido entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho. Porém, alertam que nem todo tempo de não-trabalho se configura em tempo livre. Parte do tempo que temos liberados do trabalho está

comprometida em satisfazer necessidades ou cumprir outros tipos de obrigações, como as atividades paraprofissionais, familiares, religiosas e políticas. Segundo os autores, o que diferencia um tempo do outro é a intensidade na obrigação social e na disponibilidade pessoal do tempo. Por exemplo, no tempo livre, a obrigação social é mínima e a disponibilidade pessoal do tempo é máxima, ou seja, o oposto do que vivemos no tempo de trabalho (Puig; Trilla, op. cit.).

Puig e Trilla (2004) acreditam que o lazer consiste em viver livremente o tempo livre. A constituição da vivência do lazer necessita da decisão e gestão livre das atividades pelo indivíduo. É preciso atuar com plena autonomia durante o tempo livre e obter prazer na realização da atividade para que o lazer aconteça. Sobre a importância da atitude para a vivência do lazer, argumentam:

Buscando uma formulação positiva, pensamos que o ócio implica acrescentar ao tempo livre – a liberdade de – um conjunto de atitudes pessoais que conduzem a própria atividade pelos caminhos da liberdade positiva – da liberdade para. O ócio é tempo livre mais liberdade pessoal. Alcançar uma situação de ócio requer que as atitudes com que um indivíduo decida o que faz durante o seu tempo livre sejam: livre escolha e livre realização da atividade, desfrutar durante o transcurso da ação e, finalmente, satisfazer necessidades pessoais, mesmo quando a atividade tenha finalidades coletivas (PUIG; TRILLA, op. cit., p. 46).

Para os autores, as atividades realizadas durante o tempo livre não são traços diferenciais e definidores do ócio, mas devem ser considerados. Acreditam que qualquer atividade será de lazer de acordo com o tempo social em que se produz e a atitude pessoal com que se realiza.

O lazer não depende fundamentalmente das atividades, mas é vivido por meio delas. Os autores classificam as atividades de lazer em quatro grupos: físicas, práticas, culturais e de caráter social ou coletivo. No primeiro grupo, predominam as atividades corporais, como, por exemplo, os esportes. Atividades que implicam uma produção concreta, como os trabalhos manuais, pertencem ao grupo das atividades práticas. Todas as práticas culturais, sejam de elite ou de massa, compõem o grupo das atividades culturais. Já as atividades em que predominam as relações interpessoais, como as festas, os encontros e a vida familiar, constituem o grupo de atividades de caráter social ou coletivo (Puig; Trilla, op. cit.).

Acredito que essa classificação reúne, no mínimo, dois problemas. O primeiro diz respeito aos equívocos que pode provocar a expressão “atividades *de* lazer”. Os próprios autores enfatizam que as atividades são apenas um meio de viver o lazer.

Mas, ao nomearem algumas práticas como “atividades *de* lazer”, transmitem a idéia de que vivemos o lazer quando realizamos determinadas atividades. O segundo problema que aponto refere-se à tentativa de agrupar a diversidade de práticas existentes na classificação apresentada. Novamente, destaco uma das idéias expostas pelos autores: o que se realiza numa situação de lazer pode ter diferentes sentidos pessoais e sociais. Desse modo, entendo que nenhuma classificação pode ser considerada universal ou capaz de abarcar todas as práticas possíveis para viver o lazer.

Ao buscarem uma definição de lazer, Melo e Junior (2003) fazem uma pergunta que reflete uma concepção muito difundida: o lazer é o tempo que sobra do trabalho? E novamente nos deparamos com a questão do tempo livre. Os autores nos mostram que grande parte do tempo que temos fora do trabalho está comprometida com outras obrigações. Logo, nem tudo o que vivemos no tempo livre é lazer. Melo e Junior destacam que não estamos livres de compromissos durante os momentos de lazer. No entanto, os graus de obrigação são bem menores nos momentos de lazer se comparados com os momentos de trabalho. No lazer, temos mais possibilidade de escolher o que desejamos fazer e em qual momento.

Outro aspecto apontado pelos autores em relação à definição do lazer é a idéia de prazer. Embora seja algo que se busque nos momentos de lazer, Melo e Junior alertam que o prazer não é vivido apenas no lazer. Podemos e devemos ter prazer em outras instâncias da nossa vida. Afirmam, ainda, que nem sempre é possível obter prazer durante o lazer. Portanto, o prazer não é uma característica exclusiva do lazer ou algo que só pode ser vivido nesses momentos.

O lazer, para esses autores, pode então ser definido a partir da conjugação de dois parâmetros: um objetivo (o tempo) e um subjetivo (o prazer). Para Melo e Junior, o lazer é vivido no tempo livre das obrigações profissionais, religiosas, domésticas e das necessidades físicas. Entendem que o lazer é um conjunto de atividades culturais que engloba diversos interesses humanos, linguagens e manifestações, em que se busca principalmente o prazer.

É interessante a idéia apresentada pelos autores sobre a constituição do momento de lazer. A vivência do lazer começa, segundo eles, quando estamos escolhendo a atividade que iremos realizar e nos preparamos para isso. Acreditam também que a vivência não termina necessariamente com a conclusão da atividade. O lazer pode continuar após a realização de uma atividade quando, por exemplo,

conversamos com alguém sobre esse momento ou refletimos sobre a experiência vivida.

Rolim (1989) entende o lazer como um fenômeno da sociedade industrial. Para a autora, “a exaltação exagerada do trabalho fez surgir dialeticamente a valorização do não-trabalho. Tempo desobrigado, este poderia se transformar em tempo livre, no qual se vivenciaria o lazer.” (op. cit., p. 51) Ao abordar a questão do conceito, Rolim aponta quatro conceituações de lazer: econômica, sociológica, psicológica e psicossociológica.

A conceituação econômica considera o lazer algo oposto ao trabalho profissional. Nessa perspectiva, valoriza-se o trabalho, pois ele é visto como algo útil que rende lucro (produtivo). O lazer seria algo “vazio” com relação aos interesses de ordem econômica (improdutivo).

O lazer é definido como um tempo liberado do trabalho profissional e dos afazeres domésticos na conceituação sociológica. Entende-se que o lazer pode ser vivenciado também nas atividades sociopolíticas e religiosas, desde que o indivíduo tenha concordado em realizá-las de bom grado. Rolim discorda dessa conceituação, pois considera que tempo livre é aquele tempo totalmente liberado. Na opinião da autora, somente o tempo livre pode se transformar em lazer.

A conceituação psicológica define o lazer como um “estilo de comportamento”. Essa perspectiva desconsidera as pressões sociotemporais impostas pelas instituições sobre os indivíduos. A vivência do lazer dependeria somente da disposição interior do indivíduo.

O tempo e a intencionalidade do indivíduo estão presentes na conceituação psicossociológica. O lazer é compreendido, então, como um tempo livre. Entende-se que o tempo livre é aquele empregado na realização da pessoa como um fim em si mesmo (Rolim, op. cit.).

Luiz Octávio de Lima Camargo (1989) define o lazer a partir do que seriam suas características e expõe as nuances destas. Segundo o autor, as propriedades do lazer são: escolha pessoal, prazer, gratuidade e liberação.

Em relação à escolha pessoal, Camargo alerta que nenhuma das atividades realizadas no cotidiano estão isentas dos determinismos culturais, sociais, econômicos e políticos. A diferença é que no lazer temos um grau de liberdade maior para optar e decidir o que iremos fazer naquele momento. Por isso, é dito que o lazer deriva de uma livre escolha dos indivíduos. Sobre o prazer, o autor enfatiza

que, em toda escolha de lazer, há um princípio de busca do prazer. Contudo, não se pode garantir que toda atividade realizada no lazer será prazerosa.

A gratuidade está ligada à idéia de desinteresse. Diz-se que as atividades realizadas no lazer são gratuitas porque teriam fim em si mesmas. Camargo discorda, afirmando que o lazer nunca é inteiramente gratuito, mas acredita que é um tempo em que se pode exercitar o fazer-por-fazer. Na opinião desse autor, o lazer é sempre liberatório de obrigações. Ele entende que, por meio do lazer, podemos compensar ou substituir algum esforço que a vida social nos impõe.

Camargo acredita que a enumeração dessas características não é suficiente para conceituar o lazer e busca na história outros aspectos importantes para a compreensão desse fenômeno. O autor volta-se, então, para a questão do trabalho industrial, apontando as modificações por este provocadas na organização do tempo social.

Antes do processo de industrialização, predominava o trabalho rural, que era orientado pelos ritmos naturais. A necessidade de repouso e os feriados religiosos também marcavam as pausas no trabalho. Com a implantação do modo de produção fabril, os relógios passam a ser utilizados para determinar o início e o fim da jornada de trabalho. Em nome de uma maior produção, os ritmos naturais e os limites de cada trabalhador já não são mais respeitados.

O autor destaca que o trabalho no campo era permeado de ludicidade. O trabalho e o lúdico eram dimensões que se interligavam. Em quase todas as culturas, as danças tradicionais expressavam os gestos do trabalho na terra e a relação com os companheiros. Camargo (1998) afirma que a ludicidade e a diversão sempre fizeram parte da história humana e podem ser vividas em qualquer momento da existência, até mesmo durante o trabalho. Acredita que o ser humano é sempre *faber* e *ludens*. Tais expressões latinas referem-se a dois instintos humanos: o de fazer coisas e o de desfrutar das coisas.

O *homo faber* é aquele que trabalha. Ao longo da história, esse homem se constituiu num ser tenso, produtivo e artificial. O *homo faber* vive um estado de tensão por não poder se distrair com o mundo exterior enquanto trabalha. Tem o dever de estar atento a tudo o que possa interromper ou prejudicar sua tarefa. Outra característica do *faber* é que ele deve ser produtivo, ou seja, realizar o maior número de tarefas no menor tempo possível. Por ter que se adequar às funções que cada

trabalho exige e assim assumir posturas específicas, o *homo faber* tornou-se também artificial (Camargo, op. cit.).

O *homo ludens* é aquele que brinca. Para viver a ludicidade e divertir-se, o *homo ludens* apresenta características contrárias às do *homo faber*. O *ludens* está sempre receptivo ao ambiente e, por isso, mantém uma postura relaxada diante da vida. A pressa não faz parte do seu mundo. Assim, consegue desfrutar do tempo mesmo quando está sem fazer nada. Outra característica que define o *homo ludens* é a espontaneidade. Nos momentos de diversão, expõe o que tem de mais pessoal, agindo de forma mais natural (Camargo, op. cit.).

No trabalho industrial, não é permitido viver tal ludicidade, pois isso prejudicaria o ritmo da produção. Além disso, uma longa jornada de trabalho foi imposta ao trabalhador, que já não conseguia atender às suas necessidades de descanso e diversão. No início da industrialização, o único tempo que restava ao trabalhador era o do sono (Camargo, op. cit.).

Foi necessário, então, criar um tempo em que o trabalhador pudesse viver momentos de repouso e prazer. Esse tempo foi conquistado com a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho. Porém, o mesmo relógio que determinava o horário de trabalho passou a cronometrar o início e o fim do tempo de lazer. Segundo Camargo, o desenvolvimento industrial provocou a fragmentação e artificialização dos tempos sociais.

O tempo livre é definido por Camargo como sendo o tempo que sobra das obrigações profissionais, escolares e familiares. No tempo livre, vivem-se o estudo voluntário, a participação religiosa ou política e o lazer. Segundo o autor, “o lazer é apenas um tempo especial em que podemos buscar mais situações agradáveis do que aquelas que o trabalho pode nos proporcionar.” (Camargo, op.cit., p. 33) No lazer, as pessoas buscam divertir-se, repousar e desenvolver-se.

Além de *tempo livre*, outro termo utilizado algumas vezes como sinônimo de lazer é *recreação*. Também não há consenso sobre isso. Camargo mostra-nos que o trabalho e o lúdico são dimensões humanas, por isso sempre nos acompanharam ao longo da história. Em relação ao tempo livre, à recreação e ao lazer, o autor argumenta que estes são termos que se referem a um tempo criado pela economia moderna para que os indivíduos pudessem se divertir ou fazer o que bem entendessem.

Alguns autores defendem que esses termos – *recreação* e *lazer* – se equivalem. Lembram que os países de língua espanhola, italiana e alemã não possuem nenhuma palavra correspondente a *lazer*, por isso utilizam os termos *recreação* e *tempo livre*. No entanto, países como a França e o Brasil preferem o termo *lazer*, já que a palavra *recreação* leva à idéia de recreação escolar. Os países de língua inglesa utilizam os dois termos com o mesmo sentido (Camargo, 1989).

Vimos anteriormente que o *lazer* surge com a reivindicação dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho durante a Revolução Industrial. No Brasil, o *lazer* torna-se campo acadêmico e de intervenção no início do século XX. Melo e Junior (2003) indicam que, nesse período, atividades “recreativas” eram utilizadas com o intuito de recuperar a força produtiva e manter a saúde do trabalhador.

O termo *recreação* foi então inserido em nosso vocabulário e tem sido utilizado para designar um conjunto de atividades, enquanto o termo *lazer* refere-se ao fenômeno social. Discute-se se há realmente diferenças entre os termos. Originalmente, os termos *recreação* e *lazer* foram utilizados com sentidos aproximados. Ambos são resultado de traduções de textos dos idiomas inglês (*recreation* e *leisure*) e francês (*loisir*). Porém, ao longo da história, o termo *recreação* passou a designar um conjunto de atividades relacionadas a jogos e brincadeiras (Melo e Junior, op. cit.).

Para retomar e sintetizar o que foi exposto até aqui, apresento algumas idéias de Nelson Carvalho Marcellino (1995). Em relação ao surgimento do *lazer*, vemos que há concordância entre os autores. A maior parte deles acredita que as transformações provocadas pela Revolução Industrial, principalmente no que concerne à divisão do trabalho e ao tempo dedicado a ele, constituíram o fenômeno que hoje chamamos de *lazer*. Marcellino (op. cit.) afirma que o *lazer* surge como resposta a reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho. Porém, inicialmente, essa partilha foi considerada apenas um descanso, ou seja, recuperação da força de trabalho.

Embora os estudiosos do *lazer* concordem quanto ao momento histórico em que surgiu o *lazer*, não existe um consenso no que se refere ao conceito. Segundo Marcellino (op. cit.), há muitas divergências sobre o que seja o *lazer*. Isso faz com essa palavra – *lazer* – tenha muitos significados. O autor acredita que isso acarreta dificuldades para abordagens do tema e para a programação de atividades. Destaca, ainda, que *lazer* é um termo carregado de preferências e juízos de valor.

Marcellino (op. cit.) entende que as formas de conceituar o lazer se resumem a duas grandes linhas. Uma delas se fundamenta na variável atitude. Essa linha considera o lazer um estilo de vida que não depende de um tempo específico. A outra linha compreende o lazer como “tempo liberado” do trabalho ou como “tempo livre”. Nessa linha, o lazer é visto como o tempo em que estamos liberados não só do trabalho, como também de toda e qualquer obrigação.

O autor argumenta que não devemos deixar de considerar o tempo quando falamos em lazer devido à dinâmica histórica que o gerou. Assim, Marcellino (op. cit.) adere a um conceito que explica o lazer a partir das duas variáveis – tempo e atitude – e que enfatiza a qualidade das ocupações. Segundo o autor, essa seria a tendência entre os estudiosos do lazer.

Lenea Gaelzer foi precursora na área de estudos sobre o lazer no Brasil e já fazia uma discussão sobre esses diferentes modos de compreender o fenômeno. Para essa autora, os conceitos de lazer transitam entre os aspectos tempo, atitude e atividade. Embora alguns autores elejam apenas um desses fatores nas suas definições, Gaelzer (1979) defende que esses três aspectos são interdependentes na vivência do lazer. Acredita que nenhum deles em separado pode explicar o fenômeno.

A autora enfatiza que o lazer não é a atividade realizada e que esta é apenas um meio para vivê-lo. Também destaca que tempo livre não é sinônimo de lazer. Esclarece que nesse tempo temos mais oportunidades para fazer escolhas e, assim, viver momentos de lazer. Para Gaelzer (op. cit., p. 54), o lazer “é um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer.”

Foi com a leitura de obra de Gaelzer que passei a questionar e buscar a compreensão disso que chamamos lazer. Até então, o entendimento que tinha do fenômeno estava acomodado numa concepção que definia o lazer como um conjunto de atividades realizadas no tempo livre. Esse conceito foi elaborado e difundido pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, que se tornou a principal referência no campo de estudos sobre o lazer.

O conceito criado por Dumazedier (2004) destaca os aspectos tempo e atividade. Tal definição não considera nada que remeta à dimensão subjetiva do fenômeno, tornando possível sua perfeita mensuração e classificação. Para o autor (op. cit., p. 34), o lazer é

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Acredita-se que esse conceito foi determinante para a inserção do lazer nas universidades como campo de investigação.

Heloísa Turini Bruhns (2000) expõe que, mais importante do que tentar comprimir a realidade dentro de um modelo teórico, é verificar como, para algumas particularidades, ela não serve como explicação. É com esse pensamento que me aproximo dos conceitos de lazer na tentativa de compreendê-lo. Logo, não elegerei um conceito para nortear esta pesquisa. Apenas indicarei as idéias que permeiam o modo como estou entendendo o lazer.

A partir do contato com a obra de Gaelzer, passei a pensar o lazer como uma vivência. Trata-se de um estado, uma experiência subjetiva que pode ser vivida e percebida de maneiras diferentes pelos sujeitos. Não ignoro os aspectos culturais, sociais e econômicos que certamente afetam a constituição do lazer. Porém, acredito que é preciso acrescentar nas pesquisas sobre o tema a consideração dessa dimensão subjetiva. E isso implica evitar explicações generalizantes.

A pesquisa que apresento nesta dissertação tem essas idéias como pressupostos. Assim, a proposta deste trabalho é conhecer as vivências de lazer de uma juventude a partir das falas dos sujeitos acerca do tema e das suas experiências vividas. A juventude é vista no senso comum como um tempo caracterizado pela diversão, fase em que se vive intensamente o lazer. No âmbito das políticas públicas, a relação entre juventude e lazer tem sido foco de atenção. No capítulo a seguir, falo sobre juventude na tentativa de pensar a realidade do jovem e ampliar o debate no que se refere ao lazer.

2 JUVENTUDE E LAZER

PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE

Helena Wendel Abramo (1994) aponta que grande parte dos estudos realizados sobre juventude se concentra no campo da sociologia. Até a década de 20, as pesquisas da área abordaram o desvio de comportamento e a delinqüência de grupos juvenis. Defendia-se que tais atitudes eram decorrentes de falhas no processo de socialização dos jovens. Nos anos 40, surgem estudos que propõem investigá-los a partir de sua normalidade e funcionalidade. A atenção volta-se para a centralidade dos grupos de pares que, pela similaridade de condição, têm papel importante na busca de definição de novos referenciais de comportamento e de identidade.

Nas décadas de 50 e 60, a tematização da juventude esteve voltada para sua relação com os processos de mudança social. Diferentes tipos de manifestações juvenis emergiam nesse período, recusando-se a incorporar o modo de vida industrial/burguês. Os jovens eram considerados os principais questionadores da contradição existente entre as normas ensinadas e as que predominavam na vida pública (Abramo, op. cit.).

A grande maioria dos estudos existentes sobre o segmento juvenil é de origem européia e norte-americana. No Brasil, as primeiras pesquisas abordando o tema da juventude foram realizadas durante as décadas de 60 e 70. As poucas investigações desenvolvidas nesse período analisaram os jovens estudantes, principalmente os universitários. Até a década de 80, o foco de interesse das pesquisas sociológicas era o papel da juventude como agente político (Abramo, op. cit.).

Paulo César Carrano (2000) indica que a produção de conhecimento sobre os jovens era ainda mais esparsa no campo da pesquisa em educação. Por muito tempo, os estudos dessa área deram ênfase ao sujeito aluno. As análises voltavam-se para a relação do aluno com os processos educativos no âmbito da instituição escolar. Outros aspectos da vida do jovem foram totalmente ignorados.

Segundo Marília Pontes Spósito (1996), as investigações realizadas na área educacional, na década de 70, destacaram o tema do fracasso escolar na sua relação com o Estado e os processos sociais de natureza estrutural. Nos anos 80, surgem duas novas vertentes de análise dos fatos educativos. Uma se voltou para o espaço escolar como lugar de múltiplas relações, apropriações e de redefinições das orientações estatais e das determinações estruturais. A outra vertente buscou resgatar o ponto de vista dos sujeitos ao analisar a relação das demandas educativas com os movimentos sociais.

Atribui-se ao encontro dessas duas orientações o ressurgimento do tema da juventude na pesquisa educacional. Isso porque incorporaram novas categorias de análise, como, por exemplo, gênero, etnia e geração, percebendo a diversidade de elementos que gestam as práticas educativas (Spósito, op. cit.).

Nos dias de hoje, o tema da juventude ainda é um objeto de estudo pouco consolidado nas pesquisas brasileiras. No que se refere às pesquisas em educação, Spósito (2002), ao realizar um balanço da produção discente da pós-graduação de 1980 a 1998, verificou que grande parte dos estudos é influenciada pela centralidade da escola, aproximando-se do jovem a partir de sua condição de aluno. Nas palavras da autora:

Ao que tudo indica, estaria ocorrendo um padrão de esgotamento das análises sobre a escola no Brasil que privilegiariam apenas a experiência pedagógica e os mecanismos presentes na distribuição do conhecimento escolar, sem levar em conta outras dimensões e práticas sociais em que está mergulhado o sujeito, aspectos cruciais a apontar os limites da ação socializadora dessa instituição (SPÓSITO, op. cit., p. 20).

A autora aponta que tais pesquisas não contemplaram o modo efetivo de existência do sujeito, pois não construíram nexos empíricos e teóricos capazes de apreender outras dimensões da experiência socializadora e da sociabilidade do educando. Desse modo, os estudos desenvolvidos até então ignoraram aspectos importantes da realidade juvenil que certamente afetaram a vida escolar.

Neste trabalho, não abordo temas pedagógicos, referentes à escola ou ao sujeito aluno. O estudo que realizei com os jovens do bairro Farrapos priorizou conhecê-los fora do ambiente escolar. Assim, minha atenção volta-se para outros aspectos da vida dos jovens, que certamente também são desencadeadores de processos educativos. A pesquisa fala sobre lazer, e por isso foi imprescindível

saber com quem os jovens se relacionam, quais lugares freqüentam, o que gostam de fazer, etc. O que entendemos e vivemos como lazer é resultado de aprendizagens. A família, os amigos, a escola, o trabalho, os equipamentos e as políticas disponibilizadas na cidade educam para o lazer, mesmo que não exista a intencionalidade.

MAS O QUE É JUVENTUDE?

A noção de juventude modifica-se de acordo com as formações sociais, e apenas em algumas delas tornam-se uma categoria com destaque social. A extensão do período de aprendizado escolar foi um dos principais fatos que contribuíram para a visibilidade da população juvenil nas sociedades modernas. Num primeiro momento, o prolongamento da escolarização restringiu-se aos setores burgueses e às pessoas do sexo masculino. As crianças dos setores populares e as mulheres de todas as classes eram excluídas da possibilidade de viverem a juventude. No século XX, há uma ampliação da condição juvenil, e outros setores sociais passam a viver essa fase intermediária entre a infância e a vida adulta (Abramo, 1994).

O processo de modernização desencadeado após a Segunda Guerra Mundial também influenciou a visibilidade da juventude enquanto grupo social. Mais do que isso, atribui-se às transformações provocadas pela modernização a configuração de uma nova condição juvenil. A extensão da escolaridade obrigatória para todos os setores sociais, a oferta de empregos para os jovens recém egressos da escola e a constituição de um mercado de consumo juvenil são alguns fatores que deram destaque ao jovem em meados dos anos 50 (Abramo, op. cit.).

Nesse período, se reconhece a existência de uma *cultura juvenil*³ que reflete o universo comportamental partilhado pelos diferentes setores e grupos que compõem a juventude. A *cultura juvenil* aparece como fortemente ligada ao tempo livre e ao lazer. A indústria cultural e os meios de comunicação contribuíram para a

³ Abramo faz uma ressalva em relação à expressão *cultura juvenil*, lembrando que esse termo pode encobrir as condições sociais e experiências diversas vividas pelos jovens. No entanto, acredita que se pode utilizar esse termo “para designar um ‘campo de acontecimentos’ que permite focar aquelas manifestações que não aparecem necessariamente sob a forma de movimentos sociais.” (Abramo, op. cit., p.27)

constituição de um novo padrão de comportamento ao criarem produtos que serviram de símbolos da juventude, sendo o *rock`n roll* o principal exemplo (Abramo, op. cit.).

Acompanharam a constituição dessa *cultura juvenil* as manifestações juvenis que surgiam já na metade dos anos 40. Tais manifestações faziam parte de movimentos antiburgueses e eram vinculadas ao meio estudantil universitário. O movimento existencialista na França e o movimento *beat* nos Estados Unidos foram os primeiros a expressar uma crítica ao modo de vida burguesa. Nos anos 60 e 70, o movimento contracultural contestou de forma radical a ordem política, cultural e moral vigente. Segundo Abramo (op. cit., p. 40):

O saldo daqueles anos teria sido o desenvolvimento da consciência ecológica, a aspiração a um novo equilíbrio homem-natureza, a uma nova relação entre os gêneros e uma nova concepção de família, uma liberalização da moral e dos costumes, uma nova relação com o lazer e o prazer.

Esse cenário é absorvido pela indústria e pelo comércio, que transformam as aspirações e símbolos da juventude em mercadoria. Cria-se, então, uma imagem positiva da juventude, e esta passa a ser vista como um tempo privilegiado, marcado pela diversão, pelo prazer e pela liberdade (Abramo, op.cit.).

Nos anos 80, já não são mais os movimentos estudantis que dão visibilidade à juventude. Os jovens passam a formar *tribos* ligadas a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento. Um dos primeiros grupos desse tipo foi o dos *punks*. Esse fenômeno surgiu na Inglaterra, no final dos anos 70, entre os jovens das classes trabalhadoras que foram atingidos pela crise econômica e pela política de desestatização. A música e o modo de vestir são os elementos através dos quais elaboram suas identidades, contestam e fazem a crítica à sociedade (Abramo, op. cit.).

A condição juvenil tem sido caracterizada a partir das noções de transição e crise. A juventude seria uma etapa de transição em que se realiza a passagem da infância para o mundo adulto. A condição vivida pelo sujeito jovem é ambígua, e sua identidade é marcada pela negatividade e indeterminação. O sujeito jovem possui direitos e deveres, responsabilidades e independência mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto. Os limites de início e término

dessa transição não são explicitamente definidos. O jovem não é criança, mas também não é adulto (Abramo, op. cit.).

Entende-se o período de transição como uma fase de crise potencial. As transformações vividas com a chegada da puberdade podem gerar conflitos que são de ordem psicológica, mas que se limitam ao indivíduo. Essa seria a chamada crise da adolescência. A crise propriamente juvenil configura um fenômeno social, pois é uma manifestação coletiva que problematiza a ordem social. A crise juvenil expressa a dificuldade do jovem em entrar no mundo adulto e adequar-se a ele. É a partir dessa noção de crise e dos comportamentos oriundos dela que a juventude se torna problema social e tema de interesse acadêmico (Abramo, op. cit.).

Mas o que é ser jovem? A que e a quem estamos nos referindo quando utilizamos o termo *juventude*? Os estudos desenvolvidos sobre essa temática enfocaram diferentes aspectos ao abordarem o conceito de juventude. Jorge Baeza Correa (2003) indica que as principais aproximações da definição de juventude são: a juventude como categoria etária, a juventude como etapa de maturação e a juventude como cultura.

A delimitação de idades geralmente é utilizada como recurso metodológico na realização de pesquisas estatísticas e formulação de políticas públicas. A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu que jovens são as pessoas que têm entre 15 e 24 anos. O término da juventude coincidiria com a obtenção de um trabalho estável e a constituição de uma família (Correa, 2003).

De acordo com Heloisa Helena Martins (2000), a mesma faixa etária é utilizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) para delimitar o período da juventude. Porém, apresenta-se uma divisão. Para a OIT, a juventude divide-se em dois períodos: o período da adolescência, que vai dos 15 aos 19 anos, e a fase da juventude propriamente dita, que vai dos 20 aos 24 anos. Segundo a autora, os 15 anos indicam que o jovem já deverá ter alcançado a escolaridade que lhe permite o acesso ao mercado de trabalho.

Ao discutir as classificações etárias, Elaine Muller (2005) lembra que o crescimento e o envelhecimento do corpo são fatos naturais e comuns a todos os seres vivos. No entanto, o modo como cada sujeito e sociedade percebem esses processos pode ser distinto. Para a autora, a divisão do ciclo da vida em etapas ou fases é uma construção social relativa no tempo e no espaço. Sobre as classificações etárias, expõe que:

A idade vai além da contagem dos anos de vida dos indivíduos, pois à própria contagem já está associado um conjunto de regras, padrões de comportamento e status sociais forjados como os adequados para cada idade. Aliás, a própria contagem dos anos de vida – a noção de idade – pode ou não ser importante para diferentes grupos. Existe, portanto, o dado biológico – nossos corpos mudam com o passar do tempo – assim como existem dados sociais construídos sobre estes – usamos a idade para organizar nossa sociedade, pois ela é um critério de localização dos sujeitos (MÜLLER, op. cit., p. 67).

A perspectiva que entende a juventude como uma etapa de maturação enfatiza os processos ligados às mudanças fisiológicas e psicológicas. Tais mudanças ocorrem em nível afetivo, sexual, social, intelectual e físico-motor. Todos esses processos convergiriam para a construção da identidade do jovem. Essa etapa de transformações corresponde, nessa perspectiva, a um período de *moratória* em que ao jovem é permitido postergar os papéis sociais de adulto.

Es un tiempo de aprendizaje de ciertos conocimientos y habilidades necesarias para un futuro desempeño laboral, pero también un período para el desarrollo de procesos psico-biológicos que se complementan para definir la identidad de una persona (CORREA, op. cit., p.3).

Segundo Müller (op. cit.), a noção de moratória caracteriza a juventude como um tempo legítimo para postergar o casamento e a entrada no mundo do trabalho. Nesse período, os jovens devem se dedicar aos estudos.

A terceira definição utilizada para compreender o fenômeno juvenil é aquela que vê a juventude como cultura. Essa perspectiva considera a juventude uma construção social que possui uma origem histórica e que apresenta variações ao longo do tempo. Em diferentes épocas, viveu-se a juventude de diferentes modos e atribuíram-se a ela diferentes significados. Logo, falar de juventude implica localizá-la num tempo histórico específico e numa realidade socioeconômica particular (Correa, op. cit.).

Ao expor essas aproximações do conceito de juventude, Correa faz uma crítica às definições que apresentam a juventude como categoria etária e como etapa de maturação. Para o autor, definir a juventude a partir de uma delimitação de idade omite as condições do contexto espaço-temporal onde ocorre o processo de trânsito para a vida adulta. O autor alerta que tal definição leva a uma padronização que permitiria falar da juventude como se ela fosse única e sem diferenciação interna.

Em relação à concepção de juventude enquanto etapa de maturação, a crítica é dirigida especialmente à idéia de *moratória*. Correa argumenta que não se pode deixar de reconhecer que essa etapa chamada de *moratória* possui variações significativas de acordo com a realidade socioeconômica e cultural dos jovens.

As críticas apresentadas indicam que é preciso pensar em diversidade quando abordamos o tema da juventude. Marília Pontes Spósito (1999, 2002) argumenta que juventude no singular é um conceito impreciso. Desse modo, utiliza o termo *juventudes* para destacar a diversidade social e cultural que compõe esse segmento.

Segundo Spósito, a juventude tem sido definida como uma fase do ciclo da vida que marcaria a saída da infância até o ingresso no mundo adulto. Embora a transitoriedade seja um aspecto da condição juvenil, tal concepção permite pensar que essa *transição* para a vida adulta se daria de forma homogênea entre os jovens. A autora afirma que, nos últimos anos, esse período de transição se alongou e assumiu traços marcados pelas condições sociais, culturais, de gênero e das regiões. Spósito diz que é preciso pensar criticamente a idéia de transição, pois estaria restringindo o sentido da juventude à preparação para algo que está fora dela, ou seja, a vida adulta.

Para Regina Novaes (2000), os diversos modos de entender e viver a juventude não se dão apenas em distintos tempos históricos. Há várias *juventudes* convivendo num mesmo tempo e espaço social. Em relação às representações de juventude, discute que o lugar social ocupado pelos jovens na sociedade influi nas maneiras como eles são ou não pensados como jovens. O pertencimento de classe social, o gênero, a etnia, o estilo de vida, o local de moradia são alguns fatores que nos permitem afirmar que há diferentes maneiras de viver a juventude. Soma-se a isso, o surgimento de uma heterogeneidade cultural no meio juvenil (Dayrell, 1999; Martins, 2000; Novaes, 2000).

DIÁLOGOS SOBRE LAZER E JUVENTUDE

Abramo (1994) argumenta que o lazer é um campo onde os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experienciam situações que ajudam a estruturar suas novas referências e identidades. Segundo a autora, o lazer é considerado uma

das dimensões mais significativas da vivência juvenil. Em relação às classes populares especificamente, afirma que compreendem a juventude como um período em que se pode gozar a vida e se preparar para o futuro. O lazer é, então, diretamente associado aos jovens, e a diversão passa a ser vista como elemento constitutivo da condição juvenil (Abramo, 1994).

Carrano (2003, p.138) defende que “o lazer, entendido como um campo potencial de liberdade, pode se constituir numa chave para o necessário equilíbrio entre a autoconsciência e a alteridade.” Acredita que as atividades realizadas no âmbito do lazer se tornam um espaço/tempo privilegiado para a elaboração da identidade pessoal e coletiva dos jovens. Segundo o autor:

Os lazeres são vividos pelos jovens como uma oportunidade de afrouxamento ou suspensão das tensões impostas pelos processos de regulação moral e da denominada educação civilizante. Nos momentos de lazer os jovens podem encontrar a oportunidade de concentração sobre si próprios e de interação não obrigatória com o grupo de amigos (CARRANO, op. cit., p. 140).

Através do lazer, podemos viver momentos de maior autonomia e ludicidade que dificilmente encontramos em outros contextos da vida social. Nas práticas de lazer, fazemos escolhas, construímos relações e podemos experimentar múltiplas identidades. “É na perspectiva desse diálogo social que as práticas de lazer se afirmam como redes relacionais decisivas para a elaboração das identidades urbanas da juventude.” (Carrano, op. cit., p. 143)

No entanto, a liberdade vivida pelos jovens nos tempos e espaços de lazer é vista com certa desconfiança pelos adultos. Estes não acreditam que a juventude seja capaz de utilizar de forma sadia o tempo livre de que dispõe. Assim, o tempo livre dos jovens é considerado potencialmente perigoso e se torna alvo de ações e políticas públicas. Difunde-se a idéia de que é preciso oferecer atividades para que os jovens ocupem esse tempo e não se envolvam com “lazer impuros”. “Não é raro que se associe mecanicamente a liberdade do lazer da juventude com crimes, consumo de drogas, violência e alienação social.” (Carrano, op. cit., p.141)

Na opinião de Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell e Paulo César Carrano (2005, p. 176), “o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação.” Os autores enfatizam que é preciso considerar o lazer como tempo sociológico marcado pela liberdade de escolha. Na

fase da juventude, esse tempo torna-se um campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Segundo os autores, “é principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto.” (op. cit., p. 176)

A dimensão simbólica tem sido a forma de comunicação mais presente nas atitudes e comportamentos dos jovens, segundo Dayrell (1999). O autor acredita que a juventude tem utilizado expressões simbólicas para se posicionar diante do seu meio e da sociedade. “A música, a dança, o corpo e seu visual têm sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para dançar, ‘curtir o som’, trocar idéias, elaborar uma postura diante do mundo, alguns deles com projetos de intervenção social.” (Dayrell, op. cit., p.26) Conforme o autor, o lazer tem se configurado no principal tempo/espço para a manifestação dos grupos juvenis.

Carrano (2003) expõe que cada vez mais a juventude tem se organizado em grupos de identidade articulados em torno de práticas culturais de tempo livre e lazer. Na opinião desse autor, o grande acento que a juventude coloca no tempo e nas atividades de lazer pode estar representando uma condenação do mito do progresso e seus apelos de renúncia ao prazer. Sobre essa experiência propriamente juvenil, Carrano argumenta:

As relações sociais da juventude se organizam essencialmente em torno dos gostos, amizades, afetos, emoções e relações comuns, cujos centros encontram-se na música, nos espetáculos, nos esportes, nos divertimentos coletivos, nas festas; no âmbito de um “estilo de vida” e cujo eixo é o “encontrar-se” (CARRANO, op. cit., p. 149).

O autor acredita que as experiências vividas pelos jovens através das práticas culturais desenvolvidas no tempo livre podem estar comunicando a necessidade de se construir o futuro em conjunto com a capacidade de se viver intensa e radicalmente o presente.

No tempo/espço do lazer, os jovens buscam na cidade os lugares de encontros coletivos para a vivência da sua sociabilidade. As práticas culturais dos grupos juvenis se voltam para os espaços públicos e manifestam um movimento de contraposição ao recolhimento doméstico e recusa da privatização da sociabilidade. No que se refere à rua, Carrano destaca que:

A normatização das relações de jogo e brincadeira, através da prática do lazer programado (escolinhas esportivas, artísticas, etc.), e também o maior investimento na ludicidade de natureza individual e privatizante transformaram radicalmente a perspectiva da cultura lúdica da infância e da juventude. Diferente da representação atual, as ruas nem sempre foram apenas local de trânsito; elas já tiveram maior importância como local de produção cultural na vida das pessoas e grupos (CARRANO, op. cit., p. 161).

A ocupação das ruas pelo jovem, principalmente através da expressão dos grupos juvenis, resgata a possibilidade de se viverem novamente culturas lúdicas nos espaços públicos da cidade (Carrano, op. cit.).

É importante lembrar que a existência de tempo livre não implica necessariamente lazer. Brenner, Dayrell e Carrano (2005) fazem essa ressalva ao analisarem os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”⁴ relativos ao mundo da cultura, do lazer e do tempo livre. Destacam que “o tempo livre do trabalho muitas vezes pode significar o espaço da penúria, da opressão e da falta de oportunidades. Este é o caso dramático do desemprego e da desocupação, situação vivida por uma expressiva parcela de jovens brasileiros.” (Brenner; Dayrell; Carrano, op. cit., p. 178)

A base material da existência é um dos limites da inserção diferenciada no campo do lazer. Segundo esses pesquisadores, um estudo do IBGE sobre a infraestrutura cultural dos municípios brasileiros revela desigualdades sociais e regionais na distribuição dos equipamentos culturais⁵. A investigação constatou que os aparelhos mais disseminados são as bibliotecas públicas, os clubes e ginásios esportivos. Já os cinemas, teatros e museus estão pouco presentes na maioria dos municípios. Além da desigualdade na distribuição dos equipamentos entre as pequenas e grandes cidades, a pesquisa verificou que:

Nas médias e grandes cidades brasileiras, as periferias, os bairros populares, os morros e as favelas são verdadeiros desertos de equipamentos culturais; ainda que a média de equipamentos seja elevada, estes se encontram concentrados em centros culturais de difícil acesso físico e simbólico aos setores populares (BRENNER; CARRANO; DAYRELL, op. cit., p. 179).

⁴ Pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania e pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2003. A amostra total da pesquisa foi de 3.501 entrevistados.

⁵ A pesquisa “Informações básicas municipais” (MUNIC), IBGE, 2001, mapeou a presença de 17 tipos de equipamentos nos 5.560 municípios brasileiros.

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” corrobora esses dados ao apontar uma baixa taxa de participação dos jovens em atividades culturais no tempo livre. Ao perguntar-se sobre as atividades e passeios já realizados pelos jovens, constatou-se que a grande maioria dos jovens entrevistados nunca foi ao teatro, a um concerto de música clássica, a um espetáculo de balé clássico ou museu, por exemplo.

Entre as atividades culturais mais frequentadas pelos jovens estão o circo, os *shows* de música brasileira e o cinema. O circo foi a única expressão cultural em que as variáveis renda e escolaridade são menos determinantes na participação. Já em relação aos *shows* de música brasileira, essas variáveis são importantes. Os maiores índices de participação em atividades desse tipo estão entre os jovens que cursaram nível superior e entre aqueles que possuem renda acima de dez salários mínimos. O cinema, por sua vez, é mais frequentado pelos jovens que moram nas regiões metropolitanas e nas cidades de pequeno porte do interior. A maioria dos jovens do meio rural nunca foi ao cinema (Brenner; Carrano; Dayrell, op. cit.).

Os jovens entrevistados também foram indagados sobre o acesso aos projetos e atividades culturais ou esportivas oferecidos pelo poder público ou por organizações não-governamentais. A maioria informou nunca ter participado de algum projeto cultural ou atividade esportiva. Destacam-se a pouca abrangência das ações culturais existentes e o fato de os jovens com maior renda familiar e escolaridade terem maior participação. Os dados desse estudo indicaram que os jovens das camadas populares são os que têm menos acesso a tais projetos. Em relação às atividades esportivas, nota-se que a participação é desigual quando se considera a variável gênero⁶ e que há um declínio desse tipo de atividade com o aumento da idade (Brenner; Carrano; Dayrell, op. cit.).

A pesquisa também revelou que a maior parte dos jovens nunca participou de atividades culturais desenvolvidas em escolas nos fins de semana. Essa possibilidade é ainda mais distante entre os jovens do meio rural. A maioria dos jovens indicou nunca ter participado de *shows* ou outras atividades culturais realizadas em praças públicas. Para os autores, esse dado mostra a precária apropriação da cidade como espaço educativo, de encontro e sociabilidade. Já a

⁶ Nas palavras dos pesquisadores: “Os dados evidenciam, no que se refere ao gênero, a tradicional divisão socioespacial brasileira, na qual os homens possuem maior mobilidade sociocomunitária no espaço público, enquanto as mulheres estão mais circunscritas ao espaço doméstico e têm menor mobilidade para praticar atividades extrafamiliares.” (Brenner et al., 2005, p. 184)

ínfima participação em centros de juventude aponta para a inexistência desses espaços na maioria das cidades brasileiras (Brenner; Carrano; Dayrell, op. cit.).

Para os pesquisadores, os dados reunidos pela pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” revelam que há condições distintas de vivência do tempo da juventude e que estas variam conforme a renda, a escolaridade, o gênero, a faixa etária e o local de moradia. Sobre o acesso aos bens culturais, argumentam:

É possível afirmar que têm mais acesso aos bens culturais no Brasil os jovens dos grandes centros urbanos, das regiões Sudeste e Sul do país e, ainda, aqueles que apresentam maior escolaridade e renda, numa evidência de que a desigualdade social gera desníveis culturais que reproduzem o círculo vicioso que vem empobrecendo o capital instrutivo dos jovens ao não construir as condições materiais e socioculturais da possibilidade de que os jovens realizem escolhas culturais alternativas (BRENNER; CARRANO; DAYRELL, op.cit., p. 212).

Os autores alertam que as políticas públicas destinadas à juventude precisam se preocupar com a quantidade de tempo disponível dos jovens e com a qualidade de ocupação desse tempo. Porém, devem focalizar as potencialidades impressas na vivência plural do tempo, e não a redução de danos ou a prevenção da violência.

3 DA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

O primeiro contato com os jovens do Colégio Estadual Carlos Fagundes de Melo se deu com a minha participação na pesquisa “Os usos do tempo”, desenvolvida no ano de 2004, sob a coordenação da Prof^a. Marie Jane Soares Carvalho. Quando concluímos a coleta de dados para tal investigação, realizei algumas entrevistas a fim de experimentar como seria abordar o tema do lazer utilizando essa técnica.

No segundo semestre de 2005, retornei ao Colégio para expor meu projeto de dissertação à direção e aos professores, bem como para solicitar autorização para contatar os jovens no ambiente escolar. O apoio da direção e dos professores foi muito importante, pois o Colégio era o local onde eu pretendia ter as primeiras aproximações com os jovens. Imaginava, também, que seria o lugar onde facilmente os encontraria. Além disso, havia um questionário para ser aplicado nas quatro turmas do ensino médio do turno da manhã. Esse instrumento foi utilizado para selecionar os sujeitos deste estudo.

Particpei, então, de uma reunião de estudos dos professores das últimas séries do ensino fundamental e do ensino médio. Nessa reunião, estavam presentes a diretora, a vice-diretora, duas orientadoras educacionais e cerca de 12 professores. O tema discutido nesse dia foi a adolescência. O texto utilizado para embasar a discussão enfatizava os aspectos psicológicos dessa que seria uma fase repleta de crises e transformações. Mas antes do início de tal discussão, fui apresentada aos professores e falei rapidamente sobre o meu projeto. Todos se mostraram bem receptivos, deixando-me à vontade para entrar nas salas durante suas aulas.

Chamou-me a atenção, nessa reunião, o pedido feito pela diretora aos professores. Ela solicitou que todos pensassem quais seriam os motivos que estariam levando os alunos a saírem do Colégio. Para que os professores conseguissem responder essa questão, lembrou a importância de se conhecer o aluno e sua realidade. “O que eles fazem quando não estão na escola?”, indagou. Também propôs que se interrogassem sobre o quanto suas aulas estavam sendo significativas.

A fala da diretora me provocou a refletir sobre o discurso da necessidade de se conhecer a realidade do estudante. Parece-me que nós, professores e educadores em formação, focamos nosso olhar na violência, na miséria, na desestruturação familiar que, por vezes, cercam nossos alunos. Pergunto-me, então, se a realidade deles é só isso. Será que não podemos conhecer também o que há de positivo no seu cotidiano? Percebi que a minha pesquisa poderia contribuir com os professores nesse aspecto, pois aborda um tema que apresenta dados sobre o dia-a-dia dos jovens, revelando seus interesses e opiniões.

Com a autorização da direção e dos professores, visitei as turmas, acompanhando algumas aulas. Nessas visitas, conversei com os alunos, escutei os seus “papos” e os acompanhei na hora do recreio e da educação física. Todos esses momentos ajudaram-me a conhecê-los. Aos poucos, eu também fui me tornando conhecida entre eles. Meu interesse, com essas visitas, era ter uma primeira aproximação com o grupo antes de aplicar o questionário e escolher os sujeitos da pesquisa.

Realizei duas visitas em cada uma das quatro turmas do ensino médio. No primeiro encontro com cada turma, apresentei-me e expliquei que iria desenvolver uma pesquisa com os jovens do Colégio. Embora, num primeiro momento, eu não quisesse contar muitos detalhes sobre a investigação, muitos estudantes mostraram-se curiosos e perguntaram o que exatamente eu pesquisaria. Outros lembraram que eu estava no grupo da pesquisa “Os Usos do Tempo” e indagaram sobre as conclusões daquele estudo.

No período em que visitei as turmas, reencontrei alguns jovens que participaram do estudo piloto. Assim, não me senti tão deslocada entre os alunos. Ao rever esses estudantes e observá-los durante suas atividades escolares, lembrei-me de alguns relatos que me fizeram nas entrevistas. Na ocasião do estudo piloto, as conversas giraram apenas em torno do tema lazer. Um dos jovens indicou como lazer alguns momentos vividos no Colégio, pois lá brincava muito com os colegas. O brincar de que falava esse jovem se referia às piadas e zombarias que faziam uns com os outros durante as aulas, bem como aos jogos que realizavam durante o recreio e a educação física.

Outros jovens que participaram do estudo piloto também apontaram viver momentos de lazer no Colégio. As aulas de educação física, as conversas no recreio e na sala de aula são consideradas momentos divertidos, pois o Colégio é o lugar

onde muitos encontram seus amigos. Ao visitar as turmas, vi que as conversas são constantes durante as aulas, fato que gera conflitos entre professores e alunos. Os assuntos são os mais variados e podem refletir os interesses desses jovens. Música, cinema, religião e trabalho foram os temas das conversas que pude acompanhar.

A música é um assunto que parece mobilizar boa parte dos jovens. Observei uma aula em que a professora propôs à turma que trouxessem CDs para ouvir em determinados períodos. A maioria dos alunos se manifestou sobre os estilos de música de que não gosta, sendo o pagode o mais rejeitado. Em um outro período, ouvi dois jovens conversando sobre *hip hop*. Um deles havia participado de um curso de Bboy⁷ com um grupo que se apresentou no último Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre.

Lembro-me de que, na ocasião em que tabulávamos os dados da pesquisa “Os Usos do Tempo”, realizada com os estudantes do ensino médio daquele colégio, nos chamou a atenção a expressiva participação dos jovens em instituições religiosas. Durante uma aula de química, ouvi alunos perguntarem uns aos outros qual igreja freqüentavam. Uma das meninas respondeu que freqüentava duas igrejas da Assembléia de Deus localizadas no bairro Farrapos. A Igreja Universal do Reino de Deus era freqüentada pela outra menina que estava no grupo de alunos; ela, inclusive, usava brincos e gargantilha com o nome dessa instituição. O menino que estava entre elas comentou que já havia ido a essas duas igrejas e também ao “batuque”.

O recreio e a aula de educação física são os momentos mais esperados pelos alunos, pois em ambos podem conversar e brincar mais livremente com seus colegas. Logo que chegam ao pátio para a aula de educação física ou para o recreio, os alunos rapidamente formam times para jogar futebol e vôlei. A maior parte dos jovens que participaram do estudo piloto informou gostar muito de jogar essas modalidades, apontando esses momentos como lazer. O Colégio não possui um local adequado para prática de esportes. A área que hoje serve como quadra para a realização de jogos foi pintada pelo professor de educação física e sua esposa.

Em uma das visitas, também presenciei uma conversa entre meninas sobre filmes. Perguntaram umas para as outras se haviam assistido a determinados filmes,

⁷ Bboy e Bgirl são os bailarinos que dançam estilos da cultura *hip hop*, sendo o *break* um dos mais conhecidos.

indicando preferência pelo terror. Uma delas comentou que há tempo não saía e planejava ir ao cinema. Outra menina se queixou da falta de opções para diversão no bairro. No bairro Farrapos e bairros adjacentes, não há cinema, por isso costumam freqüentar os *shoppings* Iguatemi, Lindóia e Canoas.

O valor a ser gasto com o ingresso é, em algumas situações, o impeditivo para a freqüência ao cinema. No caso dessas meninas, acrescenta-se como mais uma dificuldade o deslocamento, que também tem custo. O bairro Navegantes, vizinho do Farrapos, possui um *shopping* a céu aberto chamado DC Navegantes. Trata-se de um centro comercial com lojas, praça de alimentação e um palco para apresentações teatrais. Uma das meninas sugeriu que nesse local fosse construído um cinema e um espaço para jogos eletrônicos. Acredita que, por ser o Farrapos um bairro mais pobre, deveria ter um cinema ao invés de teatro; ela se referia ao teatro que existe no DC Navegantes.

Observando os jovens durante as aulas, pude perceber que grande parte deles se preocupa com sua inserção no mercado de trabalho. Desse modo, mostram-se muito receptivos aos cursos que têm por objetivo a formação profissional. No período em que realizei as visitas, as turmas do ensino médio estavam participando de cursos da Associação Junior Achievement. Essa organização, sem fins lucrativos, desenvolve programas que visam a educar estudantes do ensino fundamental e médio para o sistema da livre iniciativa. No Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello, os estudantes do ensino médio estavam participando dos programas Mercado Global e Mini-empresa.

Em relação a esses cursos, chamou-me a atenção o interesse demonstrado pelos alunos através da mudança de comportamento em sala de aula. Nas aulas que acompanhei, em geral, as turmas estavam muito dispersas. As conversas eram constantes, mesmo durante a fala dos professores. Grande parte dos estudantes parecia indiferente às atividades propostas. Acredito que o primeiro emprego está entre os objetivos mais urgentes dos alunos do ensino médio do Colégio, o que explica seu envolvimento com o programa citado anteriormente. Segundo a direção da escola, no ensino médio, a maioria dos estudantes busca uma vaga no turno da manhã, visando ao trabalho à tarde.

Feira de ciências, exposição de matemática, apresentação teatral e musical são algumas das atividades que pude presenciar no Colégio durante o período em que realizei as visitas nas turmas. Os alunos mobilizam-se para esse tipo de

proposta e mostram-se contentes em exibir o trabalho elaborado por eles. A banda marcial é um exemplo de projeto que tem reunido muitos estudantes. São 52 alunos que se encontram duas vezes por semana para ensaiar músicas e coreografias. Eles são orientados por dois professores voluntários. O grupo já se apresentou em várias cidades do interior do estado e foi vencedor de concursos.

Em um período vago do terceiro ano, conversei com algumas meninas da turma que participam da banda. Pelo que relataram, esta é composta por muitos alunos do ensino médio. Elas também comentaram sobre os ensaios, as roupas que usam e os colegas que já tocaram no grupo. Uma das meninas falou com pesar sobre o fato de estar concluindo os estudos no Colégio, pois não poderá mais participar.

A última visita que fiz aos alunos foi na festa julina do Colégio. No dia da festa, o pátio do colégio estava repleto de barraquinhas com comidas, bebidas e brincadeiras. Também havia um palco para apresentações. Logo que cheguei, uma banda de *pop rock* formada por alunos começou a tocar. Ao longo da festa, apresentaram-se grupos de *funk*, *pagode*, *rock* e *capoeira*. Os alunos do Colégio eram integrantes de alguns desses grupos.

Imagino que tenha sido um evento importante para os estudantes, que lá puderam apresentar seus grupos e bandas. Diante do interesse que muitos alunos demonstram pela música, é significativa e necessária a iniciativa da direção do Colégio de abrir um espaço para a expressão dos talentos e projetos dos jovens.

A ESCOLHA DOS JOVENS

O Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello possui turmas de ensino médio nos turnos da manhã, tarde e noite. Decidi que os jovens que participariam da pesquisa seriam os estudantes do turno da manhã, por entender que estes possuem rotinas bem diversas. De acordo com a lista de chamada fornecida pela secretaria, o Colégio possui 147 alunos cursando o ensino médio no turno da manhã.

Após as primeiras visitas aos estudantes do ensino médio do turno da manhã, apresentei-me às turmas para explicar detalhadamente a pesquisa e distribuir os Termos de Consentimento Informado. Solicitei aos jovens com menos de 18 anos que trouxessem a autorização de um responsável. Foram distribuídos 120 termos.

No dia seguinte, voltei ao Colégio para recolher os termos assinados. Recebi apenas 23. A maioria dos alunos afirmou ter esquecido o documento em casa. Combinei, então, de voltar no outro dia para apanhar o restante. Novamente, recebi poucos.

Dos 120 termos que entreguei, recebi o retorno de apenas 33. Quando passei nas turmas para recolher os documentos pela segunda vez, contei para os alunos quantas autorizações eu havia recebido. Perguntei a eles se haviam esquecido ou se não desejavam participar. Em todas as turmas, a maior parte dos jovens afirmou ter esquecido e disse que gostaria de participar. Um aluno ainda me disse que eu não deveria desistir.

Por ter recebido apenas 33 termos de consentimento assinados, resolvi modificar o questionário que seria aplicado. Excluí do instrumento questões sobre o acesso aos equipamentos culturais e perguntas sobre a participação dos jovens nas políticas públicas disponibilizadas no bairro. Entendo que essas informações poderiam se configurar num dado interessante se tivéssemos uma expressiva participação dos jovens na aplicação do questionário.

Com esse número reduzido de alunos, não foi possível traçar um perfil dos jovens do Colégio. Então, utilizei os dados do questionário apenas para reunir as informações que me auxiliaram na seleção dos sujeitos para o estudo de caso. O instrumento reuniu os seguintes dados: nome, telefone, endereço, religião, trabalho, atividades realizadas no Colégio no turno inverso e no fim de semana e, ainda, atividades realizadas fora do colégio durante a semana e nos fins de semana.

Por fim, 45 jovens responderam ao questionário. Desses 45, 11 manifestaram que não desejavam participar da segunda etapa da pesquisa, que se tratava das entrevistas. Assim, contei com um universo de 34 jovens para selecionar os 12 que participariam do estudo de caso.

Os dados apresentados abaixo foram retirados dos questionários desses 34 jovens. Dos jovens que responderam o questionário, 17 são meninos e 17 são meninas. Eles encontram-se na faixa etária entre 15 e 21 anos. A maior parte deles tem entre 17 e 18 anos.

Tabela 1 – Faixa etária

Idade	Meninos	Meninas
15	01	03
16	-	02
17	09	05
18	06	05
19	-	01
20	-	01
21	01	-
Total	(17)	(17)

Entre as quatro turmas do ensino médio do turno da manhã, há uma turma de primeiro ano, duas de segundo ano e uma de terceiro ano. Na turma de primeiro ano, apenas sete alunos responderam o questionário. No segundo ano, participaram três estudantes de uma turma e dez da outra, totalizando 13 alunos. No terceiro ano, 14 estudantes participaram.

Tabela 2 – Ano no Ensino Médio

Ano	Meninos	Meninas
1º	05	02
2º	03	10
3º	09	05
Total	(17)	(17)

O Colégio Carlos Fagundes de Mello localiza-se no bairro Farrapos. A informação que eu havia recebido da orientadora educacional do Ensino Médio era de que a maior parte dos alunos residia no bairro Farrapos. No entanto, 24 jovens indicaram residir no bairro Navegantes. Chequei na lista telefônica, bem como no *site* da Prefeitura de Porto Alegre, os endereços fornecidos por eles e constatei que a maioria mora no bairro Farrapos, e não no Navegantes. Dos 34 sujeitos que participaram do questionário, 28 residem no bairro Farrapos, quatro moram no bairro Humaitá e dois no bairro Navegantes.

Tabela 3 – Residência

Bairro	Meninos	Meninas
Farrapos	13	15
Humaitá	3	1
Navegantes	1	1
Total	(17)	(17)

Foi perguntado aos jovens se eles trabalhavam, onde trabalhavam e a função desempenhada nesse emprego. Dos 34 estudantes, nove indicaram que estavam trabalhando. Destes, cinco são meninos e quatro são meninas. Os meninos trabalham nos seguintes locais: gráfica, farmácia, laboratório e depósito (atacado). Entre as funções desempenhadas, está a de operador de duplicação, a de *office-boy* e a de auxiliar de digitação. Um dos rapazes trabalha como motorista autônomo. As meninas trabalham nestes lugares: clínica veterinária, Polícia Rodoviária Federal (estágio) e empresa de *telemarketing*. Elas desempenham as funções de serviços gerais, auxiliar de digitação e operadora de *telemarketing*.

No questionário, também constavam algumas perguntas sobre religião. Perguntei aos jovens se eles tinham religião, qual era a sua religião e se freqüentavam alguma instituição religiosa. Dos 34 jovens, 15 são católicos, dez são evangélicos, cinco declararam não ter religião, dois são espíritas e dois são umbandistas. Entre os sem religião, temos quatro meninos e uma menina. Dos 29 jovens que declararam ter religião, 17 (seis meninos e 11 meninas) afirmaram que freqüentam alguma instituição religiosa e 12 (sete meninos e cinco meninas) disseram que não freqüentam.

Tabela 4 – Religião

Religião	Meninos	Meninas
Católica	07	08
Espírita	-	02
Evangélica	04	06
Umbanda	02	-
Sem religião	04	01
Total	(17)	(17)

Numa outra questão, perguntei aos jovens se eles realizavam alguma atividade no Colégio no turno inverso ao da sua aula. Encontrei seis jovens (dois meninos e quatro meninas) que afirmavam participar de atividades no Colégio no turno inverso. Os dois meninos participavam da banda da escola. As meninas participavam das seguintes atividades: uma menina era do grupo de capoeira, havia duas trabalhando como voluntárias na biblioteca, e uma menina participava da banda. A menina do grupo de capoeira trabalhava como estagiária, no turno da tarde, na Polícia Rodoviária Federal.

Também indaguei se eles realizavam alguma atividade fora do Colégio durante a semana. Dos 34 jovens que responderam o questionário, 13 (nove meninos e quatro meninas) indicaram que desenvolviam atividades fora do Colégio nos dias de semana. Os meninos realizavam as seguintes atividades: auxiliar de mecânica (quatro), inglês (um), percussão (um), bombeiro brigadista (um), mecânica (um), esporte (três). O menino que cursava inglês também estava fazendo oficina de percussão e participava da banda do Colégio. Dos três meninos que indicaram praticar esportes, dois trabalhavam no turno da tarde. Os cursos realizados pelas meninas são: informática (uma) e atendimento ao cliente (três). Os cursos de auxiliar de mecânica, de bombeiro e de atendimento ao cliente são oferecidos pelo Projeto Pescar⁸. Já os cursos de inglês, de informática e percussão são desenvolvidos pela Fundação Sol. Os jovens que praticavam esportes durante a semana indicaram utilizar as praças do bairro e, um deles, a igreja.

De acordo com os dados reunidos sobre as atividades desenvolvidas pelos jovens durante a semana, encontrei dez estudantes (quatro meninos e seis meninas) que não desenvolviam nenhuma outra atividade regular, fora as aulas do Colégio no turno da manhã.

A última questão desse instrumento indagava sobre as atividades que os jovens realizavam no fim de semana. Dos 34 jovens que responderam o questionário, 19 (dez meninos e nove meninas) indicaram que desenvolviam atividades no fim de semana. Os meninos realizavam as seguintes atividades: informática (três), banda do Colégio (um) e esporte (seis). As atividades desenvolvidas pelas meninas eram: informática (uma), grupo de jovens (uma), culinária (uma) e esporte (oito). A menina que estava fazendo um curso de culinária também praticava esportes. Ambas as atividades eram realizadas na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A menina que indicou fazer parte de um grupo de jovens também jogava futebol. Tais atividades eram realizadas na Igreja Quadrangular.

Os cursos de informática desenvolvidos pelos jovens nos fins de semana eram realizados na Escola Tecle Informática, na Fundação Sol e na Cedasyd

⁸ Trata-se de uma rede que funciona por meio do sistema de franquia social. As empresas franqueadas pela Fundação Projeto Pescar abrem espaço para a formação pessoal e profissional de adolescentes de baixa renda em suas próprias dependências, encaminhando-os, depois, ao mercado de trabalho.

Computer Training. Os jovens indicaram praticar esportes nas praças do bairro, na igreja, no Centro Vida e no Bola 7-5. Considerando as atividades realizadas durante a semana (inclusive trabalho) e no fim de semana, apenas oito jovens (quatro meninos e quatro meninas) tinham as aulas do Colégio como única atividade regular do seu dia-a-dia.

A partir desses dados, pude definir quem seriam os sujeitos da pesquisa. Selecionei 12 jovens do bairro Farrapos, seis meninas e seis meninos, divididos nos seguintes grupos: jovens que trabalham, jovens que desenvolvem atividades extra-escolares e jovens que não trabalham e não desenvolvem atividades extra-escolares.

AS ENTREVISTAS

Antes de iniciar as entrevistas, conversei com os jovens para explicar como funcionaria o trabalho. Nessa ocasião, novamente perguntei se todos desejavam participar da pesquisa. Não houve nenhuma desistência. Combinamos os melhores dias para nos encontrarmos e os locais onde faríamos as entrevistas. Então, duas meninas anteciparam que não gostariam que as conversas acontecessem nas suas casas.

As entrevistas foram realizadas em diversos lugares. Eram os jovens quem decidiam onde iríamos conversar. As entrevistas aconteceram nas suas casas, no Colégio, nas praças e nos bares do bairro. Entrevistei um dos meninos em um *shopping* do centro da cidade. Era um sábado, e ele estaria trabalhando. Então, sugeri que nos encontrássemos após seu expediente no lugar mais próximo do seu trabalho.

Realizar as entrevistas em diferentes espaços foi importante para constatar que alguns lugares não eram muito adequados. Inicialmente, pensei que o melhor seria encontrar os jovens nas suas casas. Assim, poderia conhecer mais o bairro, as suas famílias e amigos. No entanto, percebi que alguns jovens não poderiam ser entrevistados em suas casas.

Um dos meninos, que, inclusive, era muito falante, ficou bastante constrangido quando fizemos uma das entrevistas na sua casa. Estávamos conversando na sala, e freqüentemente passava alguém. Parecia não querer que a

família ouvisse o que ele estava falando. Isso também aconteceu com uma das meninas. Nesse caso, a mãe tentou várias vezes participar da conversa.

As entrevistas realizadas no Colégio também tiveram alguns problemas. Conversei com alguns jovens no Colégio quando não havia outra possibilidade de encontrá-los. Notei que as entrevistas realizadas dentro da sala de aula eram, de algum modo, diferentes daquelas que ocorreram no pátio. Havia certa (ou maior) formalidade nas entrevistas que aconteceram dentro da sala de aula.

Uma das meninas que entrevistei nesse espaço praticamente não conseguia conversar comigo. Ela queria responder as perguntas, mas demonstrou muita dificuldade em se expressar. Era como se acontecesse o famoso “branco” das provas. Apenas uma vez pude entrevistá-la no pátio do Colégio. O seu comportamento nessa entrevista foi completamente diferente daquele que apresentou nas outras vezes. Parecia mais à vontade e até demonstrou certo pesar quando encerramos a conversa⁹.

As entrevistas foram realizadas em quatro etapas com os 12 jovens¹⁰. Na primeira etapa, conversamos sobre assuntos diversos. Eles fizeram relatos sobre família, amigos, escola, trabalho, entre outros. Na segunda etapa, falamos sobre o seu cotidiano. Pedi-lhes que contassem o que costumavam fazer durante a semana e no fim de semana. Também fizeram um relato sobre o dia anterior ao da entrevista.

Na terceira e quarta etapas, o foco foi o lazer. Os jovens explicitaram o seu entendimento acerca do que é o lazer na terceira entrevista. Relataram como acreditam viver o lazer e justificaram por que tais momentos ou atividades eram, para eles, lazeres. Nessa conversa, falaram também sobre o sentido do lazer nas nossas vidas.

Os jovens registraram em um diário todas as atividades realizadas durante um domingo, com quem e onde estavam nesses momentos¹¹. As entrevistas da última etapa foram realizadas no dia posterior ao registro (segunda-feira). No

⁹ Essa influência do espaço no comportamento do entrevistado me fez lembrar de um questionamento feito pela Prof^a. Maria Sthephanou no seminário Jovens, Cultura e Educação. Alertou que devemos ter clareza sobre o que buscamos com a nossa pesquisa. “Interessa saber o que pensa o aluno ou o que pensa o jovem?”, indagou. Entende que há implicações ao fazermos entrevistas no ambiente escolar e que devemos pensar sobre elas. Acredita que, ao realizarmos entrevistas na escola, corremos o risco de receber a resposta do aluno preocupado em responder certo.

¹⁰ No total, foram realizadas 48 entrevistas.

¹¹ Esses registros foram realizados em dois domingos: seis jovens preencheram o diário em um domingo, e os outros seis, no domingo seguinte.

momento da entrevista, pedi que indicassem o lazer vivido naquele domingo e explicassem por que consideraram tais vivências um lazer. Busquei nos seus diários momentos/atividades que não foram apontadas como lazer, mas que comumente seriam classificadas como tal. Então, pedi que contassem por que aqueles momentos não haviam sido lazeres para eles.

A ANÁLISE

Esta pesquisa tem como principal objetivo conhecer o entendimento que os jovens possuem acerca do lazer, a partir de seus próprios relatos. Assim, utilizei um modelo de análise com enfoque fenomenológico para orientar a busca dos significados do lazer para os jovens entrevistados.

Segundo Augusto Nivaldo Silva Triviños (2001), as pesquisas com enfoque fenomenológico observam e interpretam os fenômenos investigados de acordo com os significados que estes possuem para os sujeitos envolvidos. Os aspectos culturais e os valores que as pessoas destacam na percepção do fenômeno em estudo também são considerados.

As investigações de orientação fenomenológica buscam seus dados nas experiências vividas pelos sujeitos. Maria Inês Fini (1997) expõe que esses dados são obtidos através da descrição que o sujeito faz para o pesquisador das suas percepções sobre aquilo que está sendo investigado.

A redução fenomenológica é apresentada por Maria Aparecida Viggiani Bicudo (2000) como um dos modelos de análise utilizados em pesquisas com esse enfoque. Realiza-se a redução quando o pesquisador retira unidades de significado das descrições que os sujeitos fazem do tema investigado e reúne as principais idéias articuladas nesses discursos.

A sistematização e a análise dos dados da pesquisa sobre o lazer dos jovens do bairro Farrapos foram orientadas por esse modelo. No entanto, elaborei um outro modo de organizar os dados para preservar as falas dos jovens e sua identidade. A redução colaborou para destacar as convergências presentes nos discursos desses estudantes sobre o lazer.

Os diversos temas abordados nas entrevistas foram sistematizados em tabelas, onde destaquei as falas dos jovens, as atividades que realizam, os lugares

que freqüentam, entre outros aspectos. Foram geradas 36 tabelas, mas o processo de redução foi realizado apenas nos relatos sobre lazer. A seguir, apresento duas dessas tabelas para ilustrar o modo como os dados foram organizados e os aspectos que orientaram a análise.

Relatos sobre lazer = Meninas
(entrevista – 3ª etapa)

	O que é o lazer?	Qual o sentido do lazer nas nossas vidas?	Obs.
Bárbara 17 anos ativ. extra-escolar	<i>“Eu acho que é o tempo que tu passa que tu te diverte, um divertimento pra ti, uma coisa que tu gosta de fazer, que tu relaxe, curta bem a vida. Acho que o lazer é a hora de curtir a vida. Um tempo pra si. Eu acho que é isso lazer (risos).”</i>	<i>“Acho que o sentido do lazer é a pessoa não ficar meio que estressada, sabe? (risos) Todo mundo precisa de um tempo pra si, pra se divertir, pra não ficar doente e não endoidecer. Se não vai ficar só pensando em trabalho”.</i>	O lazer é um tempo para si. É um momento em que tu te diverte e relaxa fazendo o que tu gosta de fazer.
Gabriela 20 anos trabalha	<i>“É aquele momento que tu faz o que tu quiser. Se tu não quiser fazer nada, tu não faz nada. O que tu quiser fazer tu faz na hora que tu quiser. Pra mim isso é lazer”.</i>	<i>“Então é um momento que a pessoa relaxa, descontra assim, não pensa em nada, não tá preocupado em nada. No momento que tu fica olhando assim, viajando só numa coisa assim. Pra mim é pra isso que serve. Pra descontraí, pra aliviar, tirar o peso”.</i>	Lazer é o momento em que podemos fazer o que queremos e não temos compromisso com nada. O lazer existe para que possamos relaxar e descontraír.
Jéssica 18 anos ativ. extra-escolar	<i>“Lazer, vamos dizer assim, é sair pra fazer alguma coisa que tu goste. E não uma coisa que tu te sintas obrigada a fazer”.</i>	<i>“Ter uma coisa... por exemplo, lazer na minha opinião é descontração né. Então é legal a gente sair a noite, por exemplo, e ver as besteiras que os nossos amigos fazem né. E ter uma coisa pra ficar dando risada no outro dia, folgando”.</i>	Lazer é sair para fazer algo que goste de fazer.
Karina 18 anos ativ. extra-escolar	<i>“Lazer é aquele momento que a gente pode ficar... um momento zen assim. Pode relaxar, passear, fazer... não vou dizer coisas diferentes... tipo dá uma volta em outro lugares, zoológico, até em biblioteca, essas coisas”.</i>	<i>“Ah, porque o ser humano não pode viver só ali ralando né. Ele tem que também... não é só ralar o coco, suar a camisa. Tem que ter momentos livres. Senão não agüenta um mês direto, digamos, trabalhando assim”.</i>	Lazer é um momento zen. Momento em que podemos passear e relaxar.
Roberta 16 anos	<i>“Como assim? O lazer da gente morar? Alguma coisa assim?” / “Eu já ouvi essa palavra né. Mas eu não lembro onde” / “Ah sei lá, pra mim lazer é onde a gente convive. Onde a gente convive. Pra mim é isso. Em casa, no colégio. Sei lá. Onde eu vou”.</i>	<i>“Ah, pra mim o lazer é tipo em casa e no colégio né. Por exemplo, se eu tiver só em casa vai ser ruim pra mim. Aí pra mim ficar mais... sei lá, eu venho pro colégio. Porque no colégio eu dou bastante risada, me divirto”.</i>	Lazer é onde convivemos.
Taís 17 anos trabalha	<i>“Ah, na minha opinião lazer... lazer é rotina também. Eu ia dizer que é o que sai fora da rotina, mas não é. Lazer é rotina. Porque tu tá em casa tu tem a tua rotina. Tá no teu momento de lazer”.</i>	<i>“Pra tirar aquelas pessoas do stress da semana e chegar no final de semana e relaxar. Tem gente que tem momento de lazer também durante a semana né. Aí depende da pessoa. Tem gente que nem tem tempo pra isso”.</i>	Lazer é algo que se faz no tempo livre. O lazer existe para que as pessoas possam relaxar.

Relatos sobre lazer = Meninos
(entrevista – 3ª etapa)

	O que é o lazer?	Qual o sentido do lazer nas nossas vidas?	Obs.
Augusto 18 anos	<i>“Lazer pra mim é diversão. Sair com os amigos. Àhn... se divertir, ir em lugares diferentes, às vezes com a família é um lazer. É... e ficar sempre com os amigos. Não tenho muito o que falar do lazer não. Acho que é mais é isso”.</i>	<i>“Pra sair um pouco da... do trabalho. Só trabalho. Pra se divertir mesmo. Pra ter um minuto de sossego com a família. Ou com amigos. Acho que é tipo um... é divido trabalho e lazer. Tipo assim. Tem momentos que é sério e momentos de diversão, de relaxar”.</i>	Lazer é diversão. Sair com amigos e ir a lugares diferentes. O trabalho é um momento sério e o lazer é um momento de diversão, de relaxar.
Eduardo 18 anos ativ. extra-escolar	<i>“Deixa eu ver... saí... não tenho uma definição assim de lazer. É... o que define é sair e me divertir. E me desligar um pouco do mundo aqui de casa. E do mundo lá fora também. Acho que é isso. Se preocupar mais comigo mesmo. Acho que é isso”.</i>	<i>“Eu acho que lazer pras pessoas é um... é particularmente a mesma coisa que eu disse. Se divertir, se distrair um pouco do mundo. Pensar um pouco só em si. Eu acho que é isso”.</i>	Lazer é fazer o que gosta, se divertir, se desligar do mundo e se preocupar mais consigo mesmo.
Jean 18 anos ativ. extra-escolar	<i>“Acho que é o momento que tu tira de cima das tuas costas o peso das tuas obrigações e responsabilidades e fica mais livre pra se divertir. Que diversão nada mais é acho que lazer. Lazer pra mim é diversão”.</i>	<i>“E lazer é um tipo de descanso da mente né. No momento de descontração que tu relaxa a tua mente e prepara ela pro próximo dia. Acho que lazer tem que ser diário. Não tem que ser só no fim de semana. Tem que ser diário”.</i>	Lazer é um momento de descontração. Diversão é lazer. Momento em que deixamos as obrigações e responsabilidades de lado para nos divertir.
Roger 17 anos	<i>“Ah, um divertimento nas horas vagas. Quando não tem nada pra fazer, aí inventa alguma coisa pra passar o tempo. Que seja divertido, que tu goste”.</i>		Lazer é um divertimento. Algo que fazemos nas horas vagas.
Volney 18 anos trabalha	<i>“Ah, lazer pra mim é ficar em casa, fazer tudo o que eu gosto, andar com quem eu gosto. Só eu acho. É fazer tudo o que tu gosta no tempo que tu tem pra fazer, entendeu? No tempo livre. É isso”.</i>	<i>“Se tu viver só pensando em trabalho, trabalho, trabalho, sempre fazendo o que os outros querem, tu não vai ser feliz. Pra ti ser feliz tu tem que fazer o que tu gosta também. Eu acho que esse é o motivo das pessoas ter o próprio lazer”.</i>	Lazer é fazer o que se gosta no tempo livre. O lazer existe para que possamos fazer o que gostamos.
Wagner 17 anos trabalha	<i>“O lazer é estar com a família. Eu acho né. Deve ser isso. Eu acho que é lazer. Tá com a família, tá com os irmãos, tá com os amigos, tá sempre brincando com os amigos. Pra mim... acho que pra mim isso é lazer”.</i>	<i>“Acho que um momento do cara ficar sozinho, do cara refletir um pouco. É eu acho que é isso. É um momento do cara ficar sozinho um pouco, refletir o que fez de errado, o que não fez e descansar um pouco”.</i>	Lazer é estar com a família e com os amigos. O lazer é um momento para refletir e descansar.

4 AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS JOVENS DO BAIRRO FARRAPOS

Os jovens que participaram deste estudo residem no bairro Farrapos, que se localiza na zona norte da cidade de Porto Alegre¹². A população total do bairro está em torno de 17.083 habitantes¹³. Os jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos representam 18,45% da população. O Farrapos é um dos seis bairros que integram a região Humaitá/Ilhas/Navegantes do Orçamento Participativo (OP)¹⁴.

A Prefeitura Municipal de Porto Alegre desenvolveu um estudo para identificar as desigualdades nas condições de vida da população. A análise foi realizada por região do OP e gerou Índices de Condições de Vida (ICV) e de Vulnerabilidade Social (ICV)¹⁵. Renda, educação, longevidade, desenvolvimento infantil e condições habitacionais são as dimensões consideradas na construção desses índices¹⁶.

A região Humaitá/Ilhas/Navegantes, da qual faz parte o bairro Farrapos, é uma das regiões que apresentou um ICV baixo. A região apresenta um índice de desenvolvimento alto apenas no que se refere às condições habitacionais. Este índice revela a abrangência dos serviços de água, lixo e esgoto fornecidos pela Prefeitura.

O nível de desenvolvimento em relação à renda e à longevidade da sua população é muito baixo. A renda média dos responsáveis pelos domicílios na região é de 5,62 salários mínimos. É importante destacar que esse número representa uma média entre os bairros da região e que encobre, por exemplo, a situação vivida pelos moradores do Arquipélago que vivem da reciclagem do lixo.

O número de idosos no bairro é significativo (41,01 por 100 crianças e adolescentes). Já o coeficiente de mortalidade infantil da região é o segundo mais elevado da cidade, concentrando-se nas áreas de grande pobreza. Uma delas é a Vila Esperança, que está inserida no bairro Farrapos.

A região Humaitá/Ilhas/Navegantes tem um nível de desenvolvimento baixo no âmbito educacional. Os responsáveis pelos domicílios têm em média 7,5 anos de

¹² Ver mapas nas páginas 115 e 116.

¹³ Disponível em: <<http://www.observapoa.com.br>> Acesso em: 25 mar. 2006.

¹⁴ O OP foi criado para que a população pudesse participar do processo de discussão e elaboração do Plano de Investimentos do município. A cidade foi dividida em 16 regiões para que as comunidades indicassem suas prioridades e votassem onde os recursos públicos deveriam ser aplicados.

¹⁵ Esse estudo resultou na publicação do "Mapa da inclusão e exclusão social de Porto Alegre". Os dados apresentados foram baseados no Censo Demográfico 2000 do IBGE.

¹⁶ As variáveis que compõem cada uma das dimensões são distintas para o cálculo do ICV e do IVS.

estudos. Apenas 14,6% têm mais de 11 anos de estudo. Esses dados indicam que a maior parte deles não chegou ao ensino médio.

As boas taxas de escolarização deram à região o terceiro melhor índice relativo à situação educacional da infância e da adolescência. Todas as crianças de 7 a 14 anos estão na escola, e 79,9% dos jovens entre 15 e 17 anos estão cursando o ensino médio. No entanto, apenas 42,6% das crianças entre quatro e seis anos têm acesso às escolas de educação infantil. A conjugação dessas três variáveis indicou que a região apresenta um nível médio de desenvolvimento na área da infância e da adolescência.

A região Humaitá/Ilhas/Navegantes apresenta um IVS alto. Nessa região, 6,01% dos responsáveis pelos domicílios não possuem nenhum rendimento, 12,70% possuem renda de até um salário mínimo e 31,22% têm uma renda de até dois salários. No que se refere à educação, 6,0% deles não são alfabetizados, 17,9% têm menos de quatro anos de estudo e 48,6% têm menos de oito anos de estudo.

O índice de vulnerabilidade infanto-juvenil é mensurado com a combinação dos indicadores que apresentam o percentual de crianças e adolescentes na população e o número de homicídios por dez mil habitantes. A região Humaitá/Ilhas/Navegantes apresentou um dos piores índices nessa questão. As crianças e adolescentes de zero a 19 anos representam 33,8% do total da população da região. Sua taxa de homicídios (3,4) é a terceira mais elevada entre todas as regiões.

Outros indicadores mostram que o nível de desenvolvimento infantil é muito baixo na região. Entre os nascidos vivos, 55,8% deles são filhos de mães que não possuem o ensino fundamental completo; 22,1% dessas crianças são filhos de mães com idade inferior a 20 anos. O acesso à educação é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento infantil. Na região Humaitá/Ilhas/Navegantes, apenas 26,7% das crianças entre zero e seis anos freqüentam a escola.

O índice de desenvolvimento relativo à habitação também é baixo. Na região, 26,0% dos domicílios estão em situação irregular. A região também possui aglomerações subnormais, ou seja, áreas com características de favela. Os domicílios que se enquadram nessa definição totalizam 10,1%.

No bairro Farrapos, os responsáveis pelos domicílios têm, em média, 5,9 anos de estudos. Aqueles que têm de quatro a menos de oito anos de estudo representam 38,39% da população do bairro. Já os que têm de oito a menos de 11

anos de escolarização totalizam 18,04%. Somente 5,38% têm mais de 11 anos de estudo.

O rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio é de 3,42 salários mínimos no bairro Farrapos. Aqueles que têm ganhos de até dois salários mínimos totalizam 47,08%; 16,85% recebem mais de dois até três salários mínimos; e 17,03% recebem mais de três até cinco salários mínimos¹⁷.

Os sujeitos deste estudo pertencem a famílias cuja renda mais baixa gira em torno de R\$ 400,00 e a mais alta alcança o valor de R\$ 3.000,00. As três famílias que possuem renda acima de R\$ 1.000,00 somam aos seus ganhos a pensão de outro membro do grupo. Os jovens que trabalham colaboram com o orçamento familiar, pagando alguma despesa do mês; na ocasião da pesquisa, o salário de três jovens complementava a renda das famílias.

Todos os jovens da pesquisa moram com seus familiares. Um dos meninos está sob a guarda de uma irmã, visto que seus pais são falecidos. Os pais de quatro jovens são separados, sendo que três moram com as mães e uma jovem mora com o pai. Em relação ao número de filhos, a maior parte dessas famílias é formada por três filhos. Apenas uma jovem é filha única.

Três das famílias são chefiadas por mulheres. As mães que trabalham fora de casa desempenham as seguintes funções: atendente, auxiliar de limpeza, doméstica, operadora de fotocopiadora e vendedora. Uma delas estava desempregada na ocasião deste estudo. Cinco delas têm o ensino fundamental incompleto, quatro não completaram o ensino médio, e uma deixou os estudos quando concluiu a oitava série¹⁸.

Os pais trabalham como soldador, pedreiro e vendedor. No período da pesquisa, um deles estava desempregado, e outro havia se aposentado recentemente. Em relação à escolaridade, dois não completaram o ensino fundamental, três interromperam os estudos quando terminaram a oitava série, e três concluíram o ensino médio.

Os jovens que participaram deste estudo são estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello, que se localiza no bairro Farrapos. O grupo foi composto por seis meninas e seis meninos na faixa etária entre 16 e 20

¹⁷ O salário mínimo considerado para o cálculo é de R\$ 151,00, valor em vigor em agosto de 2000.

¹⁸ Não obtive dados sobre os pais que não moram com os jovens ou que já são falecidos.

anos. As meninas chamam-se Bárbara, Gabriela, Jéssica, Karina, Roberta e Taís. Os meninos chamam-se Augusto, Eduardo, Jean, Roger, Volney e Wagner¹⁹.

Ao escolher os sujeitos da pesquisa, optei por dividi-los nos seguintes subgrupos: 1) jovens que estudam e trabalham; 2) jovens que estudam e desenvolvem atividades extra-escolares; e 3) jovens que apenas estudam. Tentei reunir duas meninas e dois meninos em cada um desses subgrupos. No entanto, consegui inserir somente uma menina no subgrupo dos jovens que apenas estudam. Assim, ficaram três meninas no subgrupo de jovens que realizam atividades extra-escolares.

Entre os jovens que trabalham, dois são estagiários e dois são contratados. Volney (18 anos) e Wagner (17 anos) são estagiários nos locais onde trabalham. Volney é *office-boy* em uma farmácia. Além de desempenhar essa função, eventualmente atende os clientes e faz pequenos serviços de limpeza. Wagner trabalha em um depósito de correias e mangueiras automotivas. Diz que sua função é a de serviços gerais. Ele descarrega e organiza as mercadorias que chegam ao depósito.

As meninas, por sua vez, são contratadas. Gabriela (20 anos) atua em serviços gerais em uma *pet shop*. Além de fazer o banho e a tosa de cães e gatos, é responsável pela limpeza da loja. Taís (17 anos) é operadora de *telemarketing* e trabalha em uma empresa terceirizada que atua nesse ramo.

As atividades extra-escolares desenvolvidas pelos jovens ocorrem no Colégio, em escolas de informática e em empresas parceiras do Projeto Pescar. Durante a semana, Bárbara (17 anos) é voluntária na biblioteca do colégio, fazendo pequenos reparos em livros do acervo. No fim de semana, ela frequenta os cultos e participa do grupo de jovens da sua igreja. A banda marcial do Colégio é a atividade extra-escolar com a qual Jéssica (18 anos) se envolve. São dois ensaios por semana, um na quarta-feira e outro no sábado. Já Karina (18 anos) participa de um curso de atendimento ao cliente, oferecido pelo Projeto Pescar, que ocorre de segunda a sexta-feira.

Eduardo e Jean (ambos com 18 anos) fazem o curso de auxiliar de mecânica, também oferecido pelo Projeto Pescar. Esse curso ocorre de segunda a sexta-feira. No sábado, ambos frequentam cursos de informática nas escolas Cedasy

¹⁹ Esses nomes são fictícios. Decidi utilizá-los para que os estudantes não tivessem receio em fazer seus relatos e em responder as questões das entrevistas.

Computer Training e Teclé Informática²⁰. Entre os jovens que trabalham e estudam, apenas Wagner desenvolve atividade extra-escolar. Ele participa da banda marcial do Colégio. Sua participação só é possível porque os ensaios são realizados no final da tarde e no sábado.

Roberta (16 anos), Augusto (18 anos) e Roger (17 anos) são os jovens que têm apenas o estudo como atividade regular. No turno inverso ao de suas aulas, ficam em casa. Esse tempo livre que possuem durante a semana é ocupado principalmente com a televisão. Os meninos eventualmente realizam algumas tarefas domésticas e cuidam dos irmãos. Já a menina envolve-se diariamente com esse tipo de atividade, dividindo os afazeres de casa com a mãe e a irmã.

²⁰ Das atividades realizadas pelos jovens, apenas os cursos de informática não são gratuitos.

5 OS JOVENS DA PESQUISA: QUEM SÃO? O QUE FAZEM? O QUE PENSAM?

RELATOS SOBRE FAMÍLIA, AMIGOS E NAMORO

O jovem em constante conflito com a família é uma das representações de juventude que circulam na nossa sociedade. O sujeito jovem é visto como aquele que recusa, contesta ou trata com indiferença as relações estabelecidas no âmbito familiar. Assim, acredita-se que constituir uma família não estaria entre os seus projetos.

As meninas e meninos desta pesquisa valorizam suas famílias e entendem que estas são muito importantes nas suas vidas. Para esses jovens, a família é um pilar que lhes dá apoio. Nela estão as pessoas com quem sempre poderão contar. Muitos mencionaram que não se imaginam sem as suas famílias. Encontramos algumas dessas idéias no relato de Jean²¹:

Eu acho assim... Apesar de eu não gostar de ficar assim diariamente com a minha família, gosto mais de ficar com o meu pessoal, a família é importante, sim. Porque são pessoas que gostam de ti. Aconteça o que acontecer, eles vão tá sempre do teu lado e vão tá sempre te apoiando. São as pessoas que tu tem certeza que pode contar, que gostam de ti realmente. Quando tu precisa deles, eles vão tá sempre ali. E aquilo... tem o laço afetivo também que... ah... ninguém seria alguma coisa sem família, porque acho que uma pessoa sem família seria uma pessoa muito solitária. Apesar de ter amigos, tem que ter família. Porque tem coisas que tu só conta pra família, que tu conversa só entre família, que tu não expõe pros amigos. Coisas pessoais que tu pega e geralmente conversa só com uma mãe, com uma irmã que é mais chegada ou com um irmão teu. Tipo eu e o meu irmão, que somos gêmeos, apesar de a gente não conversar muito, geralmente irmãos gêmeos são bem ligados um com o outro, contam segredos que não contam pra ninguém. Eu acho que essa é a importância da família. Além de tá sempre dando apoio assim... ter sempre alguém pra contar, ne, pra conversar, pra apoiar, ajudar quando precisar. E acho que a família é muito importante na vida de todo mundo. Acho que ninguém seria nada sem família.

Os jovens da pesquisa atribuem à família um caráter educativo. Segundo eles, é nela que aprendem o que é certo ou errado. Alguns afirmam que poderiam ter seguido um péssimo caminho se não tivessem a orientação dos seus familiares. Abandonar a escola, engravidar e consumir drogas são situações que acreditam não terem vivenciado devido à educação que receberam na família. As falas de Karina e Wagner destacam esse aspecto educativo:

²¹ Os excertos das entrevistas ocupam a margem total da página para diferenciarem-se de uma citação bibliográfica.

Tudo o que eu sei, assim... sobre o mundo, entre aspas, foi o pai que ensinou, né. Tipo... ele pediu pra eu ir no médico, no ginecologista, foi ele que pediu. Pra não pegar barriga, né. Minha prima já pegou barriga. Aí, depois que ela pegou barriga, o pai pediu pra ela ir no médico. Família... família... é tudo, né, como se diz. É a base de tudo. O que tu vai ser futuramente depende da família, da influência dela. (Karina)

Pra mim, se não tivesse família, eu não estaria onde eu estou hoje. Seria um vagabundo, tava na rua, fazendo coisa ruim. Porque a minha mãe e o meu pai falam muito comigo sobre... a respeito de drogas e coisa assim. E eu escuto bem. Se não tivesse família, eu estaria vagabundeando. Não estaria aqui agora, contigo, aqui. A família pra mim é tudo. (Wagner)

Uma das jovens definiu a família como sendo um espelho onde podemos projetar nosso futuro. Na opinião de Bárbara, aprendemos muito com as atitudes dos nossos pais e, a partir delas, fazemos nossas escolhas.

Eu gosto muito da minha família. Eu acho que a família... a gente aprende muita coisa na família. A gente se espelha muito, né. No caso, a gente vê muito o que os pais fazem. Eu acho que na família a gente tem uma noção do que tu quer pra tua e do que tu não quer. No caso, pra mim, eu acho isso. Muitas coisas, assim, que os meus pais fazem, eu acho legal. Eu acho que a minha família assim... Quando eu tiver a minha própria família, eu acho que muitas coisas eu vou querer fazer também. Acho que na família é legal isso. Tu tem mais ou menos uma noção do que tu vai ter pra ti também, né. E ali... na família, tu aprende várias coisas, tu passa o teu maior tempo praticamente, assim, com a família. Eu acho que é mais o que a família ajuda mais... O que eu acho, assim, da família é mais pro futuro mesmo, sabe?

Ao relatar a convivência no grupo familiar, uma parte dos jovens destacou a ausência de brigas, e a outra, os eventuais desentendimentos. No entanto, ambos os grupos classificaram o convívio que têm na família como normal e tranquilo. Os estudantes que falaram sobre os desentendimentos citaram a superproteção, o excesso de cobranças, a divergência de idéias e a imposição de regras como motivos das suas discussões. Porém, acreditam que as discussões fazem parte do relacionamento em família e que, no final, todos se entendem.

Eduardo expôs um exemplo de situação que sempre gera conflito em casa. Segundo ele, sua mãe não gosta que ele saia à noite. Acredita que há duas razões para a mãe não gostar que ele saia. Uma é a sua atitude protetora, e a outra é a idéia de que deve dar exemplo para os irmãos mais novos. Ao falar sobre sua convivência na família, disse:

É tranquila. Só de vez em quando que a mãe pega no pé. De vez em quando, assim... ah, eu quero... Eu não saio muito. Daí, de vez em quando, os guris me convidam pra sair, e daí eu tô a fim de ir, só que daí a mãe faz um escândalo, por que "aonde se viu eu sair de noite!". Isso que eu já tenho 18. Daí... Eu acho que, por eu ser o mais velho, sempre tem aquela cobrança a mais. E... vários fatores, assim. O fato de... Agora eu não paro mais em casa. Tem dias que eu chego em casa onze da noite. Daí... Ela tem, assim, uma cobrança a mais. Mas eu levo na esportiva. Não levo muito a sério. Só de

vez em quando, eu tenho que bater a porta e sair correndo pra rua. E ela chega num ponto, assim, que... Mas no mais é tranquilo.

A maior parte desses jovens gosta de estar com a família. Consideram tranquilos, agradáveis e “legais” os momentos que passam juntos. Os estudantes que trabalham dispõem de pouco tempo durante a semana para ficar com os familiares, tendo que, em alguns casos, dividir esse tempo entre a família e o namoro. Alguns deles trabalham inclusive nos finais de semana.

Gabriela diz que prefere ficar em casa com a família a estar na rua com outras pessoas. Costuma receber os amigos na sua casa. Relata que sua mãe brinca e conversa com todos eles. Muitos a procuram em busca de conselhos. Na opinião de Gabriela, em uma família, tem que existir principalmente amizade. Considera a mãe sua melhor amiga.

Todo mundo é amigo. Se ligar pro meu irmão: “Ó, irmão... eu tô aqui no Japão. Eu preciso que tu venha aqui”. Ele vai. Ele deixa tudo pra ir lá. Não tem o que reclamar. Nem da minha cunhada. A minha cunhada também. Ela faz muita coisa por nós. Então, é uma mão lava a outra. A minha família sempre foi assim. E eu tenho prazer de ficar com eles conversando. É as horas que eu mais me divirto, é quando eu tô com eles. Aí, eu levo todo mundo pra lá. Os amigos, tudo. Os maloqueiros, tudo. A mãe fica... dá risada. E a mãe é assim: “eu prefiro dentro da minha casa do que na rua”. Então tá. “Vem galera. Vem pra cá. Vamos tomar uma cerveja aqui com a minha mãe. Depois, a gente vai dar uma volta na rua. A mãe vai junto”. É uma rotina já. Já virou rotina.

Embora permaneça bastante tempo em casa, Bárbara não tem muitos momentos de convívio com a família. Afirma que a rotina na sua casa é muito agitada, pois cuidam de uma tia e uma avó doentes. Gosta de realizar programas em família, mas já não o fazem há certo tempo. Bárbara acredita que as atividades em família fortalecem a relação e melhoram a convivência. Segundo ela, aprendemos muitas coisas sobre as pessoas nesses momentos e passamos a respeitá-las.

Acho que, quanto mais tu faz atividades, essas coisas, assim, acho que não tem muita discussão, essas coisas, sabe? Tu começa a respeitar o lado de cada um. Tu conhece também mais, sabe? Sempre é bom sair ou estar junto porque tu vê o lado da pessoa, sabe? Por mais que tu conviva, assim, sempre tem alguma coisa que tu, bah... percebe que a pessoa tá de mau humor, isso e aquilo. Tu, passando um tempo, tu percebe, sabe? Tipo... uma pessoa tá feliz. Ah tá... tá ali, tá feliz. Mas tem outro dia que ela tá meio que pra baixo. Tu, convivendo, assim... Esse convívio, eu acho que tu deve pensar, sabe? Tu já sabe mais ou menos. “Ah ela tá triste, não sei o quê. Eu já sei mais ou menos o que eu posso fazer, não sei o quê”. Então, por isso que eu acho que... eu conheço isso, sabe? O legal disso, de conviver assim, de fazer essas coisas em família, eu acho que é legal nessa parte. Sempre quando um, às vezes... Tu aprende, tu conhece mais, sabe? Pega mais, se aproxima mais, sabe? Mesmo que seja da família, isso ou aquilo, mas sempre os irmãos tão brigando. Mas eu acho que, quanto mais tu faz essas coisas, mais tu vai acabando com isso. Vai diminuindo essas coisas de

briga, essas coisas erradas. Acho que o convívio entre os familiares melhora com essas atividades ou quando fazem juntos alguma coisa. Acho que melhora.

As atividades que esses jovens realizam com suas famílias não são muito diversificadas. Os momentos de convívio com o grupo familiar ocorrem principalmente dentro de casa. Geralmente, reúnem-se para fazer alguma refeição juntos, conversar e ver televisão. Os programas que fazem juntos fora de casa são poucos e não muito freqüentes. Eventualmente, saem para jantar, dançar, visitar parentes e jogar futebol, no caso dos meninos. Alguns jovens costumam ir com suas famílias para as praças que ficam nas imediações das suas casas. Lá, sentam-se para conversar.

Jogar e brincar também foram citados por alguns estudantes como atividades que realizam em família. Utilizam os termos *folgar*, *mexer* e *brincar* para referirem-se às zombarias que fazem uns com os outros. Embora Jéssica não goste de ficar dentro de casa e prefira estar na rua com os amigos, falou com entusiasmo sobre as atividades que faz com sua família.

Juntos? Folgar um no outro. A gente adora folgar um no outro. Mas juntos, assim... quando... É muito raro a gente passar um tempo, assim, todos juntos. Quando eu não tô no colégio, eu tô no curso. Ou as minhas irmãs tão no colégio. Ou as mais novas tão na casa de amigas. O meu padrasto tá sempre trabalhando. Quem mais fica em casa é mesmo a minha mãe e a minha irmãzinha mais nova. Mas, quando a gente pára, assim, pra ficar junto mesmo, assim, a gente inventa algum jogo. Tipo... um jogo que tenha que pagar uma prenda. Uma coisa bem divertida, assim. Sempre quando a gente fica junto, a gente faz algum jogo. Alguma coisa em família mesmo. Bem legal.

Volney e Wagner também falaram sobre as brincadeiras com a família. À noite, quando chegam do trabalho, *folgam* nos pais e irmãos. Disseram que fica um *mexendo* com o outro.

O Colégio é o lugar onde esses jovens conheceram a maior parte dos seus amigos, que são ou foram seus colegas de turma. Muitos deles também têm amigos na vizinhança. Os campos de futebol, as praças e as igrejas são lugares do bairro onde fizeram essas amizades. Alguns estudantes também citaram pessoas da família e colegas de curso ou trabalho como sendo seus amigos.

Os momentos vividos com os amigos são caracterizados pela descontração e pelo diálogo. Os jovens diferenciam o tempo que estão com os amigos daquele vivido com a família. Estar com os amigos é visto como uma possibilidade de fazer coisas diferentes e fora do ambiente familiar, ou seja, em outros espaços que não só

o das suas casas. Muitos jovens citaram a solidão como algo presente na vida das pessoas que não têm amigos. Entendem que os amigos são pessoas que lhes dão ânimo, apoio e carinho quando estão “*pra baixo*”. Algumas dessas idéias estão presentes nas falas de Wagner e Bárbara:

É bom. Se eu não tivesse muito amigo... bah... eu ia ficar na solidão. Eu ia ficar só em casa. Ficar em casa, escutando música. Quando a gente se encontra, é legal. Um mexe com o outro. Um folga no outro. Às vezes... sempre tem um quietinho... a gente vai lá e cutuca ele. É legal. É pouco tempo. É legal. É só fim de semana, né. (Wagner)

Eu não gosto de ficar em lugares sozinha. Eu gosto de tá no meio... então, a gente, normalmente... Eu acho legal porque a gente fica fazendo folia, fica fazendo uma bagunça, sabe? Quando a gente tá com os amigos, a gente faz um monte de coisa. Então, eu acho isso legal. Gosto de tá com os meus amigos, sabe? Acho que às vezes a gente tá meio que, assim, pra baixo, assim, a gente vai, se encontra, já se anima. Um às vezes tá pra baixo, então, a gente já anima, sabe? Então, nunca é todo mundo que tá pra baixo. Sempre quando tem um, a gente sempre se anima. O legal é isso, sabe? Às vezes, tu vai falar e não tá muito animada, e já chega lá o pessoal que tá animado, já envolve a gente. Já fica todo mundo... Então, acho legal isso de tá com os amigos, eu acho legal, é isso. Cada um também... Normalmente, são da mesma idade ou normalmente eles têm as mesmas coisas, pensamentos, as mesmas coisas. Então, a gente vai se encaixando, né. Cada um vai se encaixando. Mas eu gosto de tá com eles. Como aqui, no caso, às vezes, é muita agitação, então, eu prefiro, às vezes, tá lá com eles. (Bárbara)

Jean considera importante o convívio com amigos. Acredita que todas as pessoas deveriam ter um momento em que pudessem deixar os compromissos de lado para se descontraírem com as pessoas de quem gostam. Segundo Jean, esses momentos de descontração com o grupo de amigos faz com que ele realize bem as atividades do curso e do colégio.

A gente tem que ter um momento, assim, que a gente vai esquecer tudo. Deixar as coisas de lado e só ficar de frescura, de brincadeira, assim, com os amigos, com as pessoas da nossa idade. Sem pensar em “Ah! Tenho compromisso amanhã”. Acho que esse momento, assim... essa quebra de rotina, digamos assim, de espaço, que a gente sai dessa dimensão da sociedade que é trabalhar, trabalhar e trabalhar, e entra na nossa própria dimensão, que é diversão, curtidão, amizade e conforto.

Esses jovens costumam encontrar seus amigos no Colégio, nas suas casas e nas praças que ficam próximas das suas residências. Percebe-se, nos relatos, que o grupo de amizade das jovens é formado principalmente por meninas e que o dos jovens é composto por meninos. As meninas geralmente reúnem-se com as amigas na casa de uma delas. Os meninos, por sua vez, encontram-se nas praças do bairro.

A maior parte dos programas que esses meninos e meninas fazem com seus amigos ocorre no bairro ou nas imediações. Ouvir música, jogar videogame, ver televisão e acompanhar o ensaio da banda de um amigo são as atividades que

realizam com a sua turma dentro de casa. Os programas realizados fora de casa são mais diversificados. Ainda no âmbito do bairro, os jovens encontram-se para conversar na praça, jogar futebol, jogar sinuca, jogar vôlei, tocar violão e tomar chimarrão. Ao Humaitá, bairro vizinho, eles e elas costumam ir para jogar, caminhar e andar de bicicleta no Parque Mascarenhas de Moraes.

Os jovens não saem do bairro com muita frequência para passear e se divertir com os amigos. Eventualmente, vão ao Centro e, então, visitam o Parque da Redenção ou a Usina do Gasômetro. Há aqueles que levam os amigos para visitar seus parentes que moram em outros bairros da cidade. A ida às festas também não é comum entre eles, mas, quando ocorre, se dá fora do bairro. Quando um dos amigos está de aniversário, saem para jantar em alguma pizzaria.

Alguns estudantes falaram sobre o namoro e o “ficar”. Aqueles que estão namorando valorizam o diálogo que têm com seus parceiros e entendem que, numa relação de namoro, um aprende com o outro. O namoro foi comparado por eles com uma amizade. Volney disse que gosta ficar junto da namorada mais do que com os amigos e a família. Contam tudo um para o outro, por isso ele a considera também sua amiga. Já Roberta acredita que os momentos que passa com o namorado são semelhantes àqueles em que está com os amigos. Sente-se mais alegre e feliz quando está com ele.

Os programas que fazem com seus parceiros não diferem muito daqueles que realizam com os amigos. Dois meninos citaram a falta de dinheiro como motivo para não realizarem muitos passeios com as suas namoradas. O custo da passagem de ônibus é um empecilho para alguns, o que, de certa forma, explica o fato de a maior parte dos jovens sair pouco do bairro.

Alguns dos jovens que não estão namorando falaram sobre o “ficar”. Segundo a definição apresentada pelos meninos, “ficar” é trocar beijos com uma pessoa num determinado momento, como, por exemplo, uma festa. Segundo eles, a diferença entre o namoro e o “ficar” é que, neste último, não há uma continuidade. A relação geralmente termina no mesmo dia em que começa. No “ficar”, não há nenhum tipo de compromisso entre as duas pessoas.

Eduardo e Jean, que no momento não estão namorando, contam o que pensam sobre o “ficar”. Ambos preferem namorar e não concordam com a forma como os amigos estão agindo em relação ao “ficar”.

Eu não gosto, assim... Particularmente, eu não gosto porque, sei lá... Eu prefiro namorar, assim. A idéia de... ah, dar um beijo e depois deu, não é muito comigo, assim, sabe? Eu gosto de ficar um tempo com a pessoa e descobrir como a pessoa é. Daí, de repente, sei lá... Pode ser que role alguma coisa a mais. E os guris são mais por esse lado, assim, sabe? De ficar toda hora com uma, outra. Não me atrai tanto essa idéia. Tanto pela criação que eu tive, sabe? Eu sempre tive a criação de não dar tanta importância a estar toda hora com uma, assim. (Eduardo)

Eu acho, assim... Ficar com todo mundo, eu acho isso uma frescura. Eu acho que... ah... ficar com dois, três, tudo bem. É aquilo ali... Ficar é beijo ali e tchau. Namorar é que é uma coisa mais prolongada, mais extensa, assim. Eu procuro interligar uma à outra. Sempre procuro, assim, ó... ficar com uma pessoa e descobrir se ela quer algo mais. Já ter uma segunda intenção. A segunda intenção de quem sabe arrumar um namoro. (Jean)

Entre as meninas que não estão namorando, há duas que estão “ficando”. Elas têm uma visão um pouco diferente do “ficar”. Gabriela e Jéssica entendem que é possível manter uma relação com a pessoa com quem “ficaram” sem que se torne um namorado. Na opinião dessas meninas, a ausência de regras entre o casal e compromissos com a família do parceiro é o que difere o “ficar” do namoro.

Pra mim, ficar não passa de dar beijo numa pessoa que tu não conhece, né. Só que, às vezes, dá... dá pra fazer assim, ó... Vou numa festa, fico com... só que eu nunca fui numa festa e fiquei com uma pessoa só. Fiquei no máximo com umas quatro, cinco pessoas. Só que tem uns que tu pega e dá o número. O cara te liga. Aí tu vai. Tu encontra. Tu faz um relacionamento legal, mas aí não passa disso aí. Eu sou uma pessoa que me enjoa. Se eu vejo muito seguido, já me enjoa. Já começa aquele negócio de cobrança, e eu já não gosto muito que fique me cobrando. (Gabriela)

Na minha opinião, existem dois tipos de ficar, né. Tem o ficar... Tu fica hoje e amanhã tu não tá mais. Ou tu fica hoje, amanhã não tá mais, mas no outro dia tá de novo. E tem o ficar que é aquele ficar sério, sabe? Não tem o compromisso com teus pais, nem contigo... O compromisso de ir na tua casa certo, mas um respeita o outro. Esse é o caso do cara com quem eu tô ficando. Um respeita o outro. (Jéssica)

Gabriela tem um *ficante*, e sua mãe faz cobranças em relação ao namoro. O par se encontra uma vez por mês porque ele mora em outra cidade. Ambos trabalham e estudam. Gabriela diz não sentir falta de ter alguém ao seu lado, pois tem muitos amigos. Afirma que só namorará alguém no dia em que se apaixonar realmente.

ESCOLA, TRABALHO E PROJETOS DE VIDA

A maior parte desses jovens estuda no Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello desde a primeira série do ensino fundamental. Ao relatarem o que pensam da escola, alguns buscaram elementos nas experiências vividas no Colégio. Outros

falaram a partir do entendimento que têm da instituição escola. Os relatos mostram que muitos vêem a escola como a responsável pelo seu futuro, principalmente no que concerne ao trabalho.

Aproveitar ao máximo as aulas, prestando muita atenção na explicação dos professores, é o que esses jovens procuram fazer para não estudar em casa. Apenas um jovem disse reservar uma hora do seu dia para os estudos fora do Colégio. Os outros afirmaram que só estudam quando há provas agendadas ou trabalhos a entregar. Alguns preferem não estudar para as provas, pois ficam muito nervosos e acabam atrapalhando-se no momento de respondê-las.

Os jovens que trabalham ou fazem cursos no turno inverso ao das aulas no Colégio argumentam que têm pouco tempo livre. Então, destinam esse tempo para conviver com a família, os amigos e namoradas/os. Afirmam que, se estudarem em casa, não lhes restará tempo para mais nada. Para Jean, uma pessoa que só estuda, trabalha e faz cursos se transforma num robô.

A atuação dos professores na escola foi mencionada pelos jovens. Eduardo acredita que a qualidade de uma escola depende muito dos seus professores. Afirmam que há professores que não se comprometem com a aprendizagem dos seus alunos e apenas colocam a matéria no quadro. Em sua opinião, os professores deveriam dedicar-se mais a ensinar. Bárbara e Gabriela falaram sobre a metodologia das aulas, o que também diz respeito aos professores. Aulas mais divertidas, interativas e com o apoio de diferentes meios que não só o livro didático foram sugeridas por elas.

Bárbara diz que sua escola dispõe de poucos recursos que possam ser aplicados em uma aula. Os professores geralmente ficam restritos ao quadro negro e aos livros, sempre dentro de salas de aula. Gabriela apontou a mesmice nas propostas de alguns professores. Considera uma estupidez fazer uma turma de ensino médio ler durante dois períodos um único texto. Segundo ela, muitas aulas resumem-se à leitura e resolução de questionários. Duas aulas foram citadas por Gabriela como exemplos positivos.

Tem um professor de física que ele interage com a turma. Aí ele explica da forma que tu entenda... assim... e já inventa uma história em cima da matéria, que tu fica preso naquilo que ele tá falando. Daí, do nada, ele começa a contar uma piada. E aí folga num. Folga noutra. Isso que eu acho que deve ter nas escolas em geral. Professores que saibam interagir com a turma pra não tornar a aula chata ou cansativa, sempre a mesma coisa.

Eu tinha uma professora que ela pegava e falava assim “Lê esse texto, e tu, lê esse texto. O mesmo texto. Aí, depois, vocês vão ali na frente. Tu faz uma pergunta do texto que tu leu pra outra pessoa”. E assim fluía o negócio. “Ah... me responde tal coisa”. Fazia debate, assim. “Esse grupo tem uma relação de pergunta e outro também tem a mesma relação de pergunta. Só que assim, ó... um vai perguntar, e o outro tem que responder. Só que não vai poder olhar. Vai ter que responder com as suas palavras”. Aí acaba aquilo gravando na tua cabeça. Bah, torna-se um negócio legal. Eu tu fica... “Bah, pois é. Isso aí ficou legal. Isso aí não ficou”. Pra mim, é isso, é só isso que atrapalha no colégio.

Alguns jovens reclamaram da infra-estrutura da escola para as aulas de educação física. Argumentam que a área do Colégio é bem ampla e deveria ser melhor dividida. Sugeriram a construção de mais quadras para a prática de esportes, bem como espaços para ginástica e outras modalidades. Bárbara lembrou que os jovens que trabalham contam apenas com o horário das aulas para a prática de uma atividade física.

A escola é vista como o lugar do conhecimento. Nas palavras de Roger, é *necessária para aprender*. Esses meninos e meninas entendem que na escola aprendemos muito mais do que apenas ler e escrever. Ela nos prepara para a vida. Por isso, Karina acredita que a escola deveria dar mais orientações sobre AIDS, drogas, gravidez e política. Considera importante que esse tipo de formação inicie na infância.

Segundo Jean, a escola ensina o jovem a viver em sociedade, além de prepará-lo para o desempenho de uma profissão. Jean acredita que na escola aprendemos a perceber o que é bom para nós, a respeitar regras e a cumprir com os nossos compromissos. Jean chama de *autodisciplina* essas aprendizagens que não são conteúdos do currículo escolar.

Imagina se tu não tem conhecimento de nada. É um analfabeto e, digamos, em todos os sentidos. Não só de não saber ler e escrever, mas de vida. Analfabeto de vida. A tua vida inteira foi pegar numa enxada capinando ou só curtindo. Só em festa, curtindo. Tu vai... Tem muita gente hoje em dia que é pilantra, sacana. É muita sacanagem, e geralmente te passam a perna. E se tu não tem uma cultura, saber do que é certo e errado, quando tão te fazendo um bem ou quando tão te prejudicando, tu vai só te dar mal na vida e não vai construir nada. E acho também que a escola ensina também disciplina e isso. Ela ensina a disciplina. Ensina matemática, geografia, história e autodisciplina, que é a pessoa saber o que é bom pra ela. Saber o que é ruim e se autopolicar. Não ficar ali, “Ah, meu filho. Tu pegou e fez isso errado. Tu tem que corrigir”. É a pessoa saber o que é errado e o que é certo pra ela, sem precisar os outros tá falando e sem tá prejudicando ninguém.

Alguns estudantes entendem que o sentido da escola é conhecer pessoas e fazer amigos. Jéssica entende que, se não estivesse na escola, não teria tantos amigos como tem hoje. Para ela, a importância da escola está na possibilidade de fazer amizades. Já Gabriela destaca que na escola aprendemos a nos relacionar

com as pessoas. É o lugar onde conhecemos pessoas diferentes e aprendemos a lidar com essas diferenças. A escola nos ensina a conviver em grupo.

A grande maioria desses jovens acredita que, para *ser alguém na vida*, é preciso estudar. Compreendem que a escola é a garantia do seu futuro, pois através dela podem alcançar os seus objetivos. Muitos mencionaram a dificuldade de se conseguir um trabalho nos dias de hoje. Exige-se cada vez mais uma melhor qualificação dos candidatos a qualquer vaga, e a concorrência é muito grande. O sentido da escola para eles é obter uma profissão e conseguir um bom emprego.

Apenas quatro dos 12 jovens que participaram desta pesquisa ainda não tiveram uma experiência de trabalho. Entre os estudantes que hoje estão trabalhando e os que já trabalharam, somente duas meninas foram efetivadas nos seus empregos. Grande parte desses jovens foi contratada como estagiário pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Dos oito jovens que não estão trabalhando no momento, seis não pretendem procurar emprego antes de concluírem o ensino médio. Nenhum deles recebe mesada de seus pais, mas todos têm o apoio da família para dedicarem-se somente aos estudos. Mesmo assim, há aqueles que gostariam de encontrar um emprego para ter o seu próprio dinheiro e ajudar um pouco os pais nas despesas da casa.

Jean e Bárbara estão entre os jovens que pretendem ingressar no mercado de trabalho somente após concluírem os estudos. Jean quer fazer muitos cursos e concluir o ensino médio antes de procurar um emprego. Entende que é importante ganhar seu próprio dinheiro para poder comprar suas coisas e valorizá-las. No entanto, acredita que deve investir na sua formação enquanto não tem urgência em trabalhar. Bárbara prefere dedicar-se somente ao colégio e preparar-se para o vestibular. Seus pais não vêem necessidade que ela trabalhe agora e têm receio que o trabalho a atrapalhe nos estudos.

Eu acho que o mais importante é eu me preparar agora que eu posso pra mais tarde começar a trabalhar com mais facilidade de um crescimento maior. Porque não adianta eu começar a trabalhar agora e deixar os meus cursos de mão, ganhar o meu dinheirinho, gastar, comprar tudo o que eu quero e, mais além, quando eu precisar trabalhar mesmo, quando eu tiver necessidade maior de trabalhar, eu não conseguir uma boa formação. Porque daí, eu não tenho curso de informática, eu não tenho curso disso, curso daquilo, o que eles pedem. Então, daí, eu vou ter que tá correndo atrás. (Jean)

O que eu queria mesmo é, no caso, mais estudo mesmo. Fazer algum curso. A minha mãe, ela sempre diz que, por enquanto... agora, a gente tem condições. Ela diz que esses negócios de cursos, essas coisas, ela gosta. Ela quer que eu faça. Daí, terminando esse meu colégio, se eu quiser me

dedicar ao vestibular, passar no vestibular... O que eu preferia mesmo era isso. É terminar os estudos, me dedicar e conseguir entrar em alguma faculdade. Fazer veterinária. É o que eu queria mesmo. (Bárbara)

Augusto e Roberta são os jovens que estão procurando emprego. Ambos gostariam de ajudar os seus pais. Eles nunca trabalharam e não têm clareza sobre o que seria um bom trabalho. Afirmam que o importante é trabalhar. Os outros jovens compreendem que um bom trabalho é aquele que proporciona aprendizagens, uma boa remuneração e onde podemos fazer o que gostamos.

Para a maioria desses estudantes, o trabalho significa uma forma de sustento e a possibilidade de alcançar certa independência. Eduardo, por exemplo, gostaria de morar sozinho por um tempo. Ele acredita que o trabalho lhe dará o dinheiro que precisa para ter essa experiência. Já para Augusto, o trabalho significa a possibilidade de conhecer pessoas, aprender coisas novas e ter responsabilidades.

Volney diz que se sente bem e orgulhoso por ter o seu próprio dinheiro, mesmo ganhando pouco. Disse que, quando começou a trabalhar, percebeu que ter o seu dinheiro era melhor do que ficar pedindo para os pais. Acredita que está em vantagem no mercado de trabalho em relação a muitos colegas por já ter uma experiência de emprego.

Gabriela e Wagner relataram que o trabalho, nas suas vidas, é uma necessidade. Para eles, o trabalho significa uma forma de sustento. Ambos ajudam suas famílias com os salários que recebem nos seus empregos. Gabriela acredita que, para outras pessoas, o trabalho pode significar uma oportunidade de conhecer pessoas e aprender coisas diferentes. Wagner contou de que maneira auxilia sua família:

Eu pago a água aqui de casa. Ajudo a pagar as contas às vezes. E ajudo a minha mãe. Se ela quiser dinheiro, eu empresto. E o que sobra, eu guardo. Às vezes, eu compro uma roupa pra mim, um tênis... Mas eu guardo o dinheiro. Não sou aqueles de pegar o dinheiro e já sair gastando. Eu pego e guardo. Ajudo o meu pai. Só o meu pai não vai dar conta, né, de toda a casa. Por isso que trabalham eu, minha mãe e o meu pai. Agora, a minha mãe tá de licença por causa da gravidez. Daí, trabalha só eu e o meu pai. O meu pai tá de férias. Agora, só eu que tô trabalhando. Daí, eu ajudo a casa. Eu compro tênis pro meu irmão. Pro meu irmãozinho, também compro. Tá indo. Tá bom lá.

Atualmente, o trabalho significa, para Taís, uma forma de ocupar o tempo no turno inverso ao das suas aulas. Ela afirma que provavelmente ficaria em casa sem fazer nada ou somente olhando televisão se não estivesse trabalhando. Então, resolveu ocupar seu tempo com algo que lhe desse retorno financeiro. Taís trabalha

em uma empresa de *telemarketing*. Diz que gosta do seu trabalho porque lá faz muitas amizades e está sempre aprendendo.

Cursar uma faculdade e construir uma família são os projetos de vida desses estudantes. Entre aqueles que não manifestaram o desejo de ingressar na universidade, também há quem pretenda continuar estudando. O objetivo maior de todos eles é ter uma profissão para conseguir um bom emprego. Grande parte desses jovens afirma que, para realizar seus projetos, basta se esforçar e *correr atrás*.

Bárbara e Roger são colegas de turma. Ambos desejam cursar medicina veterinária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Depois de formados, pretendem abrir suas clínicas. O plano de Roger é atuar como veterinário no seu consultório enquanto seus pais trabalham na *pet shop* que ele montará. Bárbara diz que não desistirá fácil da faculdade, mas, se não conseguir ingressar na universidade, buscará um emprego onde possa lidar com animais.

Karina faz artesanato e também almeja ter seu próprio negócio. Embora não veja necessidade em cursar uma faculdade para trabalhar como artesã, tem interesse em estudar Artes Plásticas. Ela gostaria de montar um negócio com o namorado, que também trabalha com artesanato.

Eu... como eu gosto muito de artesanato, eu quero ter o meu próprio negócio. No caso, com o meu namorado. Aquele louco. Ele faz os negócios. Então, a gente já pensou em juntar o útil ao agradável. Então, ele faz as coisas dele, e eu faço as minhas... de abrir um ateliê. Ateliê, não, um estúdio, que nem ele diz, né. Ele também, desde novo, tem essa idéia... do Estúdio 3D.

Karina diz que é bom estar com o namorado, pois aprendem muitas coisas juntos. Ela faz crochê e tricô. O seu namorado constrói luminárias com material reciclado.

O projeto de vida de Volney e Wagner é ter as suas famílias. Nos seus relatos, falam que desejam encontrar uma companheira e ter filhos. Antes disso, pretendem cursar uma faculdade e conseguir um trabalho. Eles acreditam que a realização dos seus objetivos depende do seu esforço pessoal.

Ah eu quero ter filho (risos). Eu quero... ah... assim... casar com uma pessoa que seja legal. Também, assim... que me compreenda. Que mais? O que que eu quero da minha vida? Ah, quero me esforçar pra alcançar meus objetivos, meus sonhos, me formar numa faculdade. (Volney)

O meu sonho é ter minha família. Educar bem minha família. Ser alguém na vida. Pra ser alguém na vida, tem que ter muita força de vontade. Eu acho que eu tenho muita força de vontade. Quando eu quero alguma coisa, eu vou atrás e consigo. E o meu desejo é conhecer a minha cara metade. Ter filhos. Mas não agora, que eu sou muito novo ainda. Educar bem eles. É isso. (Wagner)

Augusto também planeja construir uma família. Ele já está à procura de trabalho e não pretende ingressar em uma faculdade. Acredita que o curso de informática que fez pode ajudá-lo a conseguir um bom emprego. Embora não lhe falte nada em casa, Augusto quer trabalhar para poder ter as suas coisas. Diz que não gosta de ser sustentado e quer ajudar seus pais.

Comprar a casa própria foi citado por alguns jovens como um dos seus planos para o futuro. Mas, para Taís, esse é o seu projeto de vida. Pretende adquirir seu apartamento ainda este ano, pois já vem guardando dinheiro há certo tempo e também contará com o auxílio da mãe. No seu relato, Taís expõe o desejo de conquistar sua independência.

Eu quero ser independente muito cedo. Não gosto de ficar dependendo. Por isso que eu fui trabalhar super cedo. Eu completei os 16 anos, eu já comecei a procurar serviço. Fiz 16 anos numa semana e na outra já comecei a buscar alguma coisa pra fazer. Porque eu sei que, em curso, eu não ia me dar bem. Porque eu não tenho afinidade com isso. Então, eu procurei uma coisa que eu fosse ganhar, que eu fosse gostar de fazer pra mim poder me espelhar naquilo ali, sabe? Então, eu quero minha independência muito cedo porque eu não gosto de ficar dependendo da minha mãe. Ela sempre me dá tudo. Até hoje. Ela nunca me negou nada. Assim... Eu sempre tive tudo o que eu quis. Mas eu acho que isso aí não é tudo, tu depender da tua mãe pro resto da vida. Então, eu quero o meu apartamento.

Taís quer uma vida boa e diz que se esforçará para isso. Afirma que não deixará passar nenhuma oportunidade que possa lhe ajudar a ser alguém na vida.

RELATOS SOBRE O COTIDIANO

O dia-a-dia dos jovens que têm apenas o colégio como atividade regular

Augusto, Roger e Roberta estudam pela manhã e têm o restante do dia livre. Eles passam grande parte do tempo em casa durante a semana. Nesse período, fazem alguma tarefa da escola. Dentro de casa, os meninos vêem televisão, jogam

videogame, navegam na Internet e conversam com os amigos no MSN Messenger²². Roberta dedica-se a ajudar a mãe nos afazeres da casa. Entre os dois meninos, somente Augusto mencionou se ocupar com alguma atividade doméstica. Ele é responsável pela limpeza e organização da louça do almoço.

Esses jovens não costumam sair do bairro durante a semana. Roger tem o hábito de jogar sinuca em uma locadora de videogame que fica próxima a sua casa. Afirma que joga todos os dias, inclusive no final de semana. Augusto e Roger conversam com os seus amigos em frente às suas residências ou nas praças que ficam no outro lado da rua. Sobre o seu dia, Augusto comentou:

Quando é, assim, de tarde, eu não saio muito pra rua. Eu fico aqui em casa jogando videogame. Às vezes. Agora, eu tô fazendo o meu trabalho, que eu tenho que fazer, de matemática, ali no computador. É só. É isso. De tarde, eu não tenho muito o que fazer. De noite é que saio, que eu sei que tá todo mundo aí. Eu fico ali na praça.

Logo após o início das entrevistas, a Associação Junior Achievement iniciou um curso chamado Mini-empresa no Colégio Estadual Carlos Fagundes de Mello. Alguns jovens que estavam participando da pesquisa realizaram esse curso, que acontecia duas vezes por semana no turno da noite. Roger foi um deles. Nesse curso, aprenderam noções sobre negócios, sistema econômico e mercado. A proposta era que os jovens montassem uma mini-empresa e comercializassem um produto confeccionado por eles.

Durante a semana, Roberta vai ao Parque Mascarenhas de Moraes, que fica no bairro vizinho. Além de jogar futebol, vôlei e taco com os irmãos, costuma andar de bicicleta no parque. Eventualmente, vai ao centro da cidade para pagar alguma conta e informar-se sobre vagas de estágio no CIEE.

Os finais de semana desses jovens não são muito diferentes dos dias de semana, a não ser pelo fato de não terem aulas. Passam bastante tempo em casa e não costumam sair do bairro. Roger afirma que, no fim de semana, faz as mesmas coisas que realiza durante a semana. Mas Augusto e Roberta indicaram nos seus relatos algumas atividades que têm o hábito de fazer somente no final de semana.

No fim de semana, Augusto geralmente acompanha em casa os jogos do Sport Clube Internacional, time pelo qual torce. Quando sai de casa, visita os amigos

²² O MSN Messenger é um programa que permite a comunicação através de mensagens instantâneas.

ou joga futebol com eles. Já Roberta sai para dançar com o namorado e a família nos bailes que acontecem nas imediações do bairro. Em casa, ela escuta música e dança.

Às vezes, lá de vez em quando, a gente dança. Aí, às seis horas, começa o “Você ouve a Cidade e sai dançando”. Aí vem a minha vizinha, vem a minha cunhada, vem todo mundo ali pra casa pra gente dançar. A gente dança até as nove. Aí ali pelas nove e meia, a gente já coloca em outra estação, né. Aí que já é a estação pro pai, pra mãe e pra eles lá. Aí chega dez horas, dez e meia, “Ah vamos sair”. “Então, vamos”. Depois que a gente já tá cansado, eles resolvem sair, né. Daí, “Ah vamos”. Aí o lugar que a gente mais vai é ali no Imperial. Por exemplo, sábado passado, a gente foi a pé até lá e dançamos a noite toda. Eu, o meu namorado, a minha cunhada, o meu tio e a minha irmã. A gente ficou dançando a noite toda. Depois, a gente voltou a pé. (Roberta)

Augusto e Roberta citaram o que fazem com mais frequência no seu tempo livre. Em casa, Roberta geralmente vê televisão, brinca com os irmãos e lê. Já Augusto costuma jogar videogame e navegar na Internet. Quando é dia de passe livre²³, Augusto vai ao centro da cidade passear com os amigos. Também tem o hábito de jogar futebol e conversar com os amigos na praça em frente a sua casa.

Augusto e Roger consideram o seu dia-a-dia diferente do de outros jovens que conhecem. Segundo eles, a maior parte dos seus colegas trabalha ou faz algum curso no turno na tarde. Mesmo fazendo um curso à noite, Roger destaca que não faz nada à tarde, ao contrário da maioria das pessoas que conhece. E Augusto aponta como diferença o fato de passar mais tempo em casa do que seus colegas.

O dia-a-dia dos jovens que realizam atividades extra-escolares

Bárbara, Jéssica, Karina, Eduardo e Jean são os jovens que realizam atividades extra-escolares. Todos eles estão participando de cursos gratuitos oferecidos por empresas privadas. Com exceção de Bárbara, esses estudantes têm atividades todos os dias da semana no turno inverso ao do colégio. Duas vezes por semana, Jéssica e Jean têm os três turnos ocupados com os estudos.

Ao longo da semana, Bárbara participa de dois cursos no turno da noite. Um é realizado na igreja que frequenta, e o outro, no colégio onde estuda. Esses cursos ocupam duas noites da sua semana. À tarde, geralmente permanece em casa. Ela contou o que costuma fazer na parte da tarde:

²³ Programa implantado pela Prefeitura que prevê dias de passe livre nos ônibus da capital ao longo do ano.

De tarde, eu fico mais em casa mesmo. Só olhando TV ou olhando alguns livros que eu tenho do vestibular. Eu peguei também umas coisas da biblioteca do Colégio pra restaurar aqui em casa. Gibis e livrinhos. Então, eu tô passando a tarde mais fazendo isso agora. Mas normalmente eu passo a tarde inteira só na TV mesmo.

Nos últimos meses, Bárbara começou a preparar-se para o vestibular. Tem utilizado também a Internet para estudar. A restauração de livros é uma das suas funções como voluntária da biblioteca do Colégio.

Nas noites de terça-feira, Bárbara vai ao colégio para participar do curso sobre mini-empresa oferecido pela Associação Junior Achievement. O grupo está montando jogos americanos com a técnica de mosaico para comercializar. Bárbara acredita que, nesse curso, cada um tem a possibilidade de descobrir as suas aptidões. Diz que todos estão gostando e se divertindo.

Mas, assim... Eu tô gostando bastante, sabe? É uma coisa que mexe com o pessoal tudo. Cada um... Tu vê o que um é bom, melhor, né, em cada coisa, e vai se encaixando. Uns ficam só em finanças, outro... É bem legal. Pra gente ter uma noção também, né, se um dia a gente quiser... alguém quiser montar um negócio ou até mesmo pra trabalhar. Saber como é que funciona. Mas o pessoal que tá lá no curso tá adorando. É bem legal. É bem divertido, sabe? A gente fica das seis e meia até as 10 horas. Mas a gente nem vê a hora passar, sabe? A gente fazendo lá, e cortar, tem que cortar, medir. Daí, a gente vai se divertindo lá, sabe?

Já nas quartas-feiras à noite, Bárbara participa de um curso na Igreja dos Mórmons. Lá se reúnem jovens entre 14 e 17 anos para estudar a Bíblia. A cada ano, estudam um livro diferente. O curso inicia em março e termina em dezembro. A igreja que Bárbara frequenta fica no bairro onde mora.

Jéssica também participa do curso da Associação Junior Achievement. Segunda e quarta-feira à noite, tem ensaio da banda marcial do Colégio. À tarde, durante a semana, está participando de um curso de preparação para o trabalho que é oferecido pela Companhia Zaffari e pelo Sindicato dos Empregados no Comércio de Porto Alegre (SINDEC). O curso tem duração de um mês. Após a conclusão, serão selecionados 25 jovens, que concorrerão a uma vaga de emprego ou estágio na rede de supermercados Zaffari.

A semana de Jéssica é quase toda ocupada com cursos e com os ensaios da banda. Por isso, fica pouco tempo em casa. Sexta-feira é o dia da semana mais tranqüilo para ela, pois não tem nenhum compromisso à noite. Então, aproveita para fazer algum trabalho do Colégio ou estudar para uma prova. Mesmo com a rotina

cheia de atividades, Jéssica afirma que prefere fazer esses cursos a não ter com o que ocupar seu tempo.

O curso do SINDEC, que eu faço de tarde, até que tá legalzinho, assim. Tem certas coisas que eu não sabia, que eu tô aprendendo agora. O curso da Junior, como eu falei, antes tava xarope, mas agora tá legal porque... Não que seja uma coisa maravilhosa, assim, ficar ali, produzindo, colando, queimando os dedos com cola quente. Mas é uma coisa que eu tenho pra fazer. Não ficar pensando no nada ou pensando besteira. Cabeça vazia, oficina do diabo, né. É uma coisa pra mim fazer. Bah... E assim, o tempo passa super rápido lá. Antes, até que não passava. Começa às seis e meia e termina às 10. E antes, a gente ficava, "Ah que hora vai terminar isso aí? Não acaba nunca". Agora, não. A gente começa a produção, quando vê, acabou o horário. Todo mundo, "Bah, mas já?". Passa tão depressa. Tudo o que é bom passa depressa.

De segunda a sexta-feira, Karina faz um curso de atendimento ao cliente na parte da tarde. Essa formação tem duração de oito meses e é oferecida pelo Projeto Pescar através de uma parceria com as Lojas Renner. Nesse curso, Karina tem aulas de inglês, espanhol, português e matemática. Também assiste a palestras sobre drogas, violência, adolescência e prevenção de incêndios. À noite, geralmente visita a prima e o namorado quando o pai não a obriga a ficar em casa.

Durante a semana, Eduardo e Jean estudam mecânica na parte da tarde. Esse curso também é oferecido pelo Projeto Pescar e tem a duração de oito meses. As empresas Ouro e Prata, Ferramentas Gerais e FIATECE apoiam o curso. Quando saem do colégio, um ônibus da empresa Ouro e Prata leva os alunos participantes até a Ferramentas Gerais. Lá, eles almoçam. Depois, vão para as aulas de mecânica na FIATECE. No final da tarde, o ônibus leva os alunos de volta para os seus bairros.

Para Eduardo, o seu dia é bem agitado. A noite é o único momento que tem para descansar, mas tem estado com os amigos. Logo depois que chega do curso, Eduardo vai para a casa dos amigos assistir ao ensaio do grupo de dança que estão montando.

Embora faça sempre as mesmas atividades durante a semana, Jean diz que gosta do seu dia. Ele costuma conversar, tocar violão e jogar futebol com os amigos na rua quando chega em casa. Uma vez por semana, tem a noite ocupada com o curso da Junior Achievement. Jean destacou a presença dos amigos ao comentar os cursos que está realizando.

Acho que estes dois cursos tão sendo muito legal. Se eu pudesse, eu fazia mais. Mas acho que só ano que vem pra ter de novo. Eu acho que foi isso que eu gostei nesse curso. Ah, e também as

companhias, né. Porque é só a gurizada que eu conheço nos cursos. É só os meus amigos. Isso que é bom nesses cursos, que não faz eu enjoar desses cursos, gostar de ir. Porque é só meus amigos.

Com exceção de Karina, esses jovens ainda têm compromissos no fim de semana. Bárbara passa a tarde de sábado envolvida com as aulas e atividades do grupo de jovens na sua igreja. Jéssica, por sua vez, dedica-se a ensaiar com a banda do Colégio durante a tarde. Jean faz um curso de informática nas manhãs de sábado, e Eduardo, no turno da tarde.

Devido aos cursos que realizam, Jéssica, Karina, Eduardo e Jean saem do bairro todos os dias da semana. Isso lhes permite conhecer outros lugares da cidade. No entanto, esses jovens não saem com muita freqüência do bairro para passear. Os programas que realizam fora de casa no final de semana ocorrem no próprio bairro ou nas imediações. Eles costumam ir ao Parque Mascarenhas de Moraes, que se localiza no Humaitá, bairro vizinho do Farrapos. Vão ao parque para caminhar, jogar, conversar e tomar chimarrão.

Ver televisão e ouvir música são as atividades que esses jovens costumam fazer em casa no seu tempo livre. Além disso, Bárbara tem o hábito de navegar na Internet e conversar em *sites* de bate-papo. Jéssica aproveita seu tempo, principalmente no fim de semana, para organizar o material do colégio e pensar na vida. Afirma que, quando tem um tempo livre, sempre busca o que fazer. Karina procura descansar no fim de semana, dormindo um pouco mais. No seu tempo livre, também organiza a casa, lê e faz crochê. Tocar violão e assistir a filmes são os programas que Jean realiza em casa, no final de semana, na companhia dos amigos. Já Eduardo dedica uma parte do seu tempo livre aos estudos quando fica em casa.

As meninas vão com freqüência ao Parque Mascarenhas de Moraes, também conhecido como Parque Humaitá, no fim de semana. Bárbara vai ao parque passear com os colegas da igreja. Lá, conversa e assiste aos jogos dos amigos. Quando vai ao parque, Karina observa a paisagem e toma chimarrão com o namorado. E Jéssica vai até lá para caminhar e andar de bicicleta.

O passeio no parque com os colegas da igreja é a única atividade que Bárbara realiza fora de casa no seu tempo livre. Jéssica, por sua vez, sempre que tem possibilidade, sai para dançar e ir às festas em uma danceteria chamada Sítio do Beto. Ela também procura visitar algum amigo. Karina geralmente fica na casa do namorado no seu tempo livre.

No fim de semana, Jean e Eduardo costumam fazer programas com os amigos. Jean vai à casa dos amigos para assistir a filmes ou reúne-se com eles nas esquinas para jogar futebol, conversar e tocar violão. Já Eduardo tem o hábito de ouvir rádio com os seus amigos. Quando saem juntos, caminham pelo bairro e, eventualmente, vão ao centro da cidade. Nessas ocasiões, passeiam no Parque da Redenção e na Usina do Gasômetro. Vão com mais frequência ao Parque Mascarenhas de Moraes. Sobre o seu fim de semana, Eduardo relatou:

Geralmente, ligo o rádio ali e fico escutando. Ou fico olhando TV. Sento na porta e fico olhando TV, assim, até escurecer. Daí... só faço alguma coisa, assim, quando os guris vêm e me chamam, assim, pra fazer alguma coisa. Mas, no mais, fico em casa. E domingo, eu saio com os guris. Deixa eu ver o que mais que eu faço. Ah, vou no Humaitá ou no centro, que agora, no centro, tá meio parado, assim, mas vou no Humaitá dar uma volta, assim.

Ao compararem o seu dia-a-dia com os de outros jovens, Bárbara e Karina apontaram como principal diferença o fato de não irem às festas. Para elas, a maior parte dos jovens sai com frequência no fim de semana para dançar. Ambas se consideram caseiras e acreditam que os outros jovens costumam ficar muito tempo fora de casa. Na opinião de Jéssica, muitas pessoas da sua idade não fazem nada da vida. Ela contrapõe o seu dia, que é repleto de compromissos da manhã à noite, com o dos jovens que costuma ver nas esquinas do bairro. Jéssica entende que muitos passam o dia na rua por falta de opção.

Eduardo e Jean indicam os cursos que fazem como a diferença entre o seu dia-a-dia e o dos jovens que conhecem. Eles afirmam ter um dia bem agitado devido aos seus compromissos, enquanto a maioria dos jovens tem responsabilidade apenas com o colégio. Para Jean, grande parte das pessoas da sua idade não tem as mesmas oportunidades que ele. Acredita que os jovens ficam na rua por não terem com o que se ocupar.

O dia-a-dia dos jovens que estudam e trabalham

Gabriela, Taís, Volney e Wagner estudam no turno da manhã e trabalham à tarde. Alguns trabalham inclusive nos sábados. Durante a semana, a noite é o único tempo livre de que dispõem. Nenhum deles está realizando cursos, e Wagner é o único que desenvolve atividade extra-escolar.

Nos dias de semana, esses jovens passam grande parte do seu tempo livre em casa. Caso haja provas agendadas ou tarefas a fazer, Gabriela e Taís reservam uma parte do tempo aos estudos. Wagner tem o hábito de ouvir música em casa nas horas vagas, e Taís procura descansar. Gabriela e Volney costumam conversar, ver televisão e filmes com a família. No seu relato, Volney comentou sobre o que faz com mais frequência no tempo livre:

O que eu mais faço é ficar com a minha família, com os meus irmãos, com a minha namorada, mas... só. De vez em quando, a gente aluga filme. A maioria das vezes, assim, a gente aluga filme, eu alugo filme pra nós ver, né. Daí, a gente vê no quarto do meu irmão mais velho, que ele tá com vídeo no quarto dele. Daí, a gente fica vendo filme, conversando o que faz e o que deixa de fazer. O que fez no dia-a-dia, entendeu? Só, eu acho. Eu procuro ficar mais em casa, assim, parado, deitado, vendo TV. É que sempre quando eu chego... É que, assim, eu chego, ah, chego tri cansado. Aí eu pego, primeira coisa que me dá vontade de fazer é deitar na cama. Daí, eu me deito e fico olhando TV.

São poucas as atividades que os jovens realizam fora de casa durante a semana. Quando chega do trabalho, Gabriela se encontra com os amigos para tomar chimarrão, jantar ou caminhar pelo bairro. Os meninos saem pelo menos uma noite da semana para jogar futebol. Além do jogo, Wagner tem duas noites ocupadas com os ensaios da banda marcial do Colégio.

No fim de semana, Wagner e Gabriela encontram os amigos. Wagner diz que só sai de casa no fim de semana quando os amigos o convidam para fazer alguma coisa. O programa de costume é jogar futebol. Gabriela geralmente vai com as amigas para um bar, no bairro Humaitá, apelidado de *Tô Ti*. No seu relato, descreveu o lugar e como se divertem:

O lugar que a gente fica? Rola... É um barzinho de sinuca, que é o "Tô ti". Eu já te falei (risos). Sexta-feira, normalmente... lá, tem sinuca, né. Aí a gente joga sinuca e escuta um som. Aí, no sábado, tem um Dj que coloca música, e a gente fica tomando samba, que é cachaça com Coca-Cola. E fica dançando, conversando, rindo. A gente ri pra caramba. A gente fica folgando nas criaturas que vão lá. A gente fica folgando, folgando. A gente passa a madrugada inteira... Agora, sábado, a gente saiu lá de dentro às cinco horas da manhã de tanto que... É divertido porque tu acaba ali e... bah, é todo mundo que conhece. Não tem um desconhecido. Então, tu acaba te sentindo em casa.

Taís tem a companhia do namorado nos programas que faz no fim de semana. Relata que não gosta de ficar em casa nesses dias. Então, visita os amigos, vai ao *shopping* e ao Parque da Redenção. Volney também procura ficar mais tempo com a namorada. Por isso, a acompanha à igreja e participa de algumas atividades do grupo de jovens. No fim de semana, ele caminha pelo bairro e joga futebol com os seus amigos.

Com exceção de Taís, esses jovens não costumam fazer programas fora do bairro no seu tempo livre. Alguns saem do bairro somente quando vão trabalhar e, então, aproveitam para andar pelo Centro da cidade. Wagner diz que não há onde sair no bairro. Ele tem vontade de passear no Centro e fazer atividades diferentes no seu tempo livre, mas não tem companhia.

Dia de semana, eu não saio, né. Eu só escuto música. Daí, fim de semana, quando eu tenho tempo livre, eu pego e fico escutando música ou vou jogar futebol. É uma dessas opções. Não tem pra onde sair, né. Eu não saio pra me divertir, assim, pra ir no Centro, sair com os guris, ir no shopping. Os guris, eles não são muito pilhados pra sair. Eles só chamam o cara pra jogar futebol. Eu vou jogar futebol. Senão, fico em casa, escutando música. É isso.

Ao compararem o seu dia-a-dia com o de outros jovens, Wagner e Volney destacaram o fato de ficarem mais tempo em casa do que os seus amigos. Segundo eles, os jovens que conhecem estão sempre na rua se divertindo. Na opinião de Volney, os seus amigos têm muito tempo livre, e isso permite que saiam com frequência para namorar, ir às festas ou cinema.

Taís acredita que a maioria dos jovens da sua idade pensa somente em festas, enquanto ela se preocupa com o seu futuro. Diz que gosta de trabalhar e ter o seu próprio dinheiro. Taís afirma que, entre os seus colegas de turma, poucos trabalham. Acredita que grande parte deles fica assistindo à televisão em casa quando não está no Colégio.

Embora não saia do bairro com tanta frequência, Gabriela indica como diferença entre o seu dia-a-dia e o dos amigos do Colégio o fato de muitos deles não conhecerem outros lugares da cidade. Ela destaca que várias das suas amigas nunca foram ao Centro.

Na maioria das discussões que tem no colégio sobre esse tipo de coisa, que os professores debatem muito sobre isso, eu sempre falo assim: “Ah como é que pode? Ó, o mundão aí fora, sabe? E tu não te anima a pegar um ônibus e ir no Centro pra ver tua cidade, a cidade que tu mora?”. “Ah, não sei. O máximo que eu sei ir é até ali à Vila Tec Tec, ali”. “Ah, tu só sabe ir até ali?”. “Querida, o negócio é muito grande. Tu não tem noção”. Eu me considero muito... porque eu tô sempre em movimento.

Gabriela diz que muitos dos seus colegas passam o dia em casa, vendo televisão. Não saem para lugares diferentes, não conhecem outras pessoas e, portanto, não aprendem coisas novas. Acredita que esses jovens não têm em quem se espelhar e nem quem os estimule.

6 CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE LAZER

A quantidade de tempo disponível que a juventude possui no seu dia tem sido motivo de preocupação de algumas ações voltadas para esse segmento. O tempo livre dos jovens é visto como potencialmente negativo, principalmente quando estão fora do mercado de trabalho, não freqüentam a escola ou não têm acesso aos equipamentos culturais da sua cidade. Para os jovens com esse perfil, são criados projetos sociais e políticas públicas que visam a mantê-los ocupados no seu tempo “ocioso”.

De outra parte, há também a idéia de que a juventude é o tempo dos lazeres. Entende-se que os jovens vivem uma fase marcada por um grau menor de obrigações e responsabilidades, por isso, teriam mais tempo livre que um adulto. O tempo livre comumente é tratado como sinônimo de lazer, acreditando-se que os lazeres dos jovens ocorrem na mesma proporção do tempo livre de que dispõem. A juventude é vista como o tempo da diversão.

Ambas as idéias estão presentes em muitas ações desenvolvidas para o público jovem. Tais iniciativas geralmente oferecem à juventude uma formação visando a sua inserção no mercado de trabalho ou apostam no esporte e nas artes como uma forma de afastar os jovens da criminalidade. O lazer, então, aparece entre os objetivos de alguns projetos que buscam intervir no tempo livre dos jovens.

Mas o que os jovens pensam sobre o seu cotidiano? Com quais atividades costumam se envolver no seu tempo livre? Qual entendimento têm acerca disso que chamamos lazer? De que modo eles e elas acreditam vivê-lo? Foram essas questões que tentei responder ao realizar minha pesquisa com os jovens do bairro Farrapos. Embora não trabalhe com hipóteses neste estudo, procurei reunir estudantes com rotinas diferentes por acreditar que estas influenciariam no modo como compreendem o lazer.

A proposta desta pesquisa é conhecer as concepções e vivências de lazer de jovens estudantes do ensino médio, moradores do bairro Farrapos, localizado na zona norte de Porto Alegre. Estudar o lazer torna-se uma tarefa difícil quando percebemos que se trata de um conceito ambíguo e polissêmico. As inúmeras definições existentes transitam por parâmetros objetivos e subjetivos, indicando a

complexidade do tema. Os relatos dos jovens sobre o lazer expressam, de certa forma, os vários aspectos que o compõem.

OS JOVENS QUE TRABALHAM

Ao definirem o que é o lazer, as meninas e os meninos que trabalham apresentaram idéias relacionadas à liberdade de escolha, preferências e tempo livre. A comparação com o trabalho, quando não é feita de forma explícita, aparece indiretamente nos seus relatos. Os jovens compreendem o lazer como um momento em que podemos fazer o que gostamos e queremos. Para esses jovens, vivemos o lazer no tempo livre e na companhia da família ou dos amigos.

A liberdade de escolha é citada por alguns autores como uma característica do lazer. Gabriela menciona tal aspecto quando afirma que, no lazer, fazemos apenas aquilo que desejamos. Assim, refere-se de forma indireta ao tempo livre, ao trabalho e a outras obrigações. Entende que o lazer é um momento em que não temos compromissos a cumprir e não somos regulados por horários.

Pra mim, lazer é aquele momento que tu faz o que tu quiser, que não tu não precisa ter compromisso com nada. Tu tá a fim de sair pra rua, tu sai. Tá a fim de ficar em casa, tu fica. Tu faz o que tu quiser. Agora, eu tô a fim de ver TV e escutar rádio ao mesmo tempo. Tu pega e faz, sabe? Daí, pra mim, isso é lazer. Não tem que ter hora, esses negócios. Pra mim, a melhor época de lazer é na praia, que tu não tem horário pra nada. Tu faz o que tu quiser, come na hora que tu quer, e deu. Pra mim, isso é lazer. Agora, desde que já põem um relógio, já aí não dá. Tal hora tem que tá fazendo tal coisa, não pode ficar muito tarde porque amanhã tem que tá cedo no colégio ou em outro lugar. Pra mim, isso já não é lazer. Isso é compromisso.

Ao caracterizar o lazer, Volney também traz o aspecto da livre escolha. Acredita que o lazer acontece no tempo livre porque nele podemos fazer o que gostamos. No seu relato, expõe as diferenças que percebe entre o trabalho e o lazer a partir das regras que existem no seu emprego. Por termos a liberdade de fazer aquilo que preferimos e queremos, Volney considera o lazer um tempo diferente do trabalho.

É... por causa que... ah, lazer, pra mim, é fazer o que eu gosto. Trabalhar, eu gosto. Só que trabalhar não é um lazer. Tu não pode fazer o que tu bem entende. No trabalho, tu tem coisas determinadas que tu pode fazer. Tu não pode andar do jeito que tu quer. Se tu quer andar de bermuda... ali, no meu serviço, eu não posso andar de bermuda. Tem que andar de calça, camiseta, esse negócio, assim. No lazer, eu posso andar... Se eu quiser andar de cueca, eu ando de cueca. Dentro de casa. Esses negócios, assim. Mas só isso. Andar de pé descalço. Se eu quiser andar, eu posso andar. É um

tempo diferente. Como é que é? É um jeito diferente do trabalho. Pra mim, o lazer é a melhor coisa que tem (risos).

Taís e Wagner relacionam o lazer com algo que realizamos quando temos tempo livre. Taís entende que o lazer faz parte da nossa rotina, mas também o distingue como *uma hora que tu tem pra aproveitar a tua vida de forma diferente*. Quando afirma que lazer é rotina, refere-se aos momentos em que está em casa. Ao se dar conta de que esses momentos se enquadram no chamado tempo livre, conclui que o lazer está presente na sua rotina diária. Também pensando no tempo em que não está envolvido com os compromissos do Colégio e do trabalho, Wagner define o lazer como o momento em que está na companhia da família e dos amigos.

Para esses jovens, o lazer é o momento em que as pessoas podem descansar, relaxar e se divertir. Os elementos que surgem nas suas falas sobre o sentido do lazer indicam que este teria a função de compensar certas experiências vividas no trabalho, como a preocupação com os compromissos e o estresse da jornada semanal. Já o relato de Volney destaca a liberdade de que podemos usufruir na vivência do lazer.

Se tu viver só pensando em trabalho, trabalho, trabalho, sempre fazendo o que os outros querem, tu não vai ser feliz. Pra ti ser feliz, tu tem que fazer o que tu gosta também. Eu acho que esse é o motivo de as pessoas terem o próprio lazer. Tem pessoas que têm como lazer jogar bola, jogar tênis, brigar, esses negócios, assim, fazer esporte, fazer academia. Mas esse é um jeito de ela viver. Eu sei que... Eu acho que, se a pessoa ficar num... só fazendo o que os outros querem, ela não vai se sentir bem. Porque eu não me sentiria.

Ao falarem sobre o modo como vivem o lazer, os jovens justificaram por que consideram os momentos ou atividades citadas um lazer. Com esse relato, puderam explicitar novamente o entendimento que têm acerca do tema. Nessa ocasião, alguns jovens apontaram aspectos do lazer que ainda não haviam mencionado.

Gabriela trabalha de segunda a sábado. Afirma que o seu lazer inicia no sábado à noite, quando encerra sua semana de trabalho. Vive o lazer quando joga vôlei e futebol na praça, quando fica em casa conversando com a mãe ou quando sai com as amigas. Elas costumam ir a um bar no bairro Humaitá para beber e conversar. Gabriela acredita que também tem momentos de lazer no Colégio.

Ao justificar por que acredita ser um lazer os momentos que passa com as amigas no bar e algumas situações vividas no Colégio, Gabriela trouxe o aspecto da diversão. Ir ao bar com as amigas é um lazer porque estão na “rua”, ou seja, em um

lugar diferente da casa e do trabalho. Ela destaca que, quando estão juntas, conversam, bebem e dão muitas risadas, e isso a diverte. No Colégio, Gabriela diz que se diverte conversando e jogando com os colegas.

Taís relata que seu lazer é passear e ficar em casa na companhia da família e do namorado. Quando sai para passear, geralmente vai a algum parque ou *shopping center*. Ver televisão, ouvir música e ler são os lazeres que Taís vive em casa. Ela procura descansar nos momentos em que está em casa. Na opinião de Taís, também é possível ter lazer no Colégio. Cita os períodos de educação física e o recreio como os momentos em que pode vivê-lo.

Taís ficou um pouco confusa quando tentou explicar por que considerava tais situações um lazer. A principal idéia apresentada por ela divergia da sua definição de lazer. Inicialmente, havia dito que o lazer era algo que fazia parte da nossa rotina. No entanto, afirmou que os momentos indicados por ela eram lazeres porque estavam fora da sua rotina. Taís disse que gostava de fazer coisas diferentes e que, no lazer, podemos escolher o que desejamos fazer.

Jogar futebol, conversar e ficar com as pessoas que gosta são os lazeres de Volney. Ele acredita viver o lazer quando está na companhia da namorada, da família e dos amigos. Afirma que isso tudo são lazeres por fazer nesses momentos o que gosta e o que escolheu fazer. Volney entende que também é possível ter lazer no Colégio. Relata que há momentos sérios e momentos de folga no tempo em que passa no Colégio.

Eu penso assim: tu tá com as pessoas que tu gosta, que tu te dá bem, que tu conversa, sente bem. Tu brinca dentro da sala de aula, tu fica de arreganho, tu conversa, tu põe fofoca em dia. Põe tudo assim. É isso o lazer também. E no colégio tem como fazer. Tanto é que tem o recreio. Tem o tempo de folga, assim, pra pessoa. Claro que tem o momento sério de aula. Tem os momentos sérios de aula. Tem a hora que tu tem que fazer, tu tem que ficar quieto, tem que prestar bastante atenção, isso e aquilo. Mas, dentro da sala de aula e fora da sala de aula, tem momentos de lazer também.

Wagner vive o lazer quando joga futebol, anda de bicicleta pela vila, visita a tia e ouve música. Compreende que esses são momentos de lazer porque encontra os amigos e a família. Relata que estão sempre brincando no tempo em que passam juntos. Wagner acredita que tem momentos de lazer no trabalho e no Colégio. Em relação ao seu trabalho, destaca as brincadeiras entre os colegas nos intervalos. Já no Colégio, cita os jogos de futebol e os ensaios da banda como vivências de lazer.

OS JOVENS QUE REALIZAM ATIVIDADE EXTRA-ESCOLAR

A definição de lazer que encontramos nas falas desses jovens aponta, principalmente, o aspecto da diversão. Os jovens entendem que se trata de um tempo que dedicamos a nós mesmos e no qual fazemos aquilo que gostamos. Eles também trazem a idéia da livre escolha ao argumentarem sobre o que é o lazer.

Bárbara ficou bastante surpresa quando perguntei a ela o que é o lazer. Inicialmente, pensava que não conseguiria responder tal questão e, então, começou a rir. Ela compreende o lazer como um tempo que reservamos para nós mesmos. Esse tempo é diferente do tempo do trabalho, e nele nos divertimos fazendo aquilo que gostamos. Nas palavras de Bárbara, *o lazer é a hora de curtir a vida.*

Ah, eu acho que lazer é, vamos supor, um tempo que a gente passa, que a gente não tá... a gente tá mais se cuidando. Uma coisa pra gente mesmo, sabe? Lazer. Não relacionado a trabalhos, isso e aquilo. Lazer, eu acho que é mais isso. É tu curtir um pouco, sair, ter um tempo mais pra ti, sabe? Ter um lazer. Eu não consigo unir muita coisa (risos). Deixa eu ver o que mais. Ah, não sei como explicar lazer. É. Acho que é isso. É uma coisa que... o meu lazer, uma coisa que eu gosto de fazer, passar o tempo fazendo. Não sei como explicar. É. Eu acho que é isso. Eu acho que é o tempo que tu passa, que tu te diverte, um divertimento pra ti, uma coisa que tu gosta de fazer, que tu relaxe, curta bem a vida.

Karina acredita que o lazer é algo que fazemos no tempo livre. Em sua opinião, não podemos ter lazer quando estamos estudando ou trabalhando. Ela caracteriza o lazer como um *momento zen*. Nele fazemos coisas para relaxar nosso corpo e nossa mente. Jéssica, por sua vez, entende que vivemos o lazer quando saímos para fazer algo que gostamos. Segundo ela, no lazer, não fazemos nada por obrigação, e cada um tem seu modo de vivê-lo.

Eduardo define o lazer como algo que nos diverte. Também acredita que, no lazer, fazemos apenas o que gostamos e podemos pensar um pouco em nós mesmos. Diversão é a palavra que define o lazer na opinião de Jean. Para ele, o lazer é um momento em que nos afastamos das nossas obrigações e ficamos livres para nos divertir.

Esses jovens também se referem ao trabalho quando falam sobre o sentido do lazer. Acreditam que o lazer existe para que tenhamos momentos livres de trabalho, em que possamos relaxar. É o tempo que temos para pensar em nós mesmos e viver momentos de diversão. Na opinião desses estudantes, o lazer é algo que nos libera do trabalho e também nos prepara para voltar a ele. O relato de Jean reúne algumas dessas idéias.

E lazer é um tipo de descanso da mente, né. No momento de descontração, que tu relaxa a tua mente e prepara ela pro próximo dia. Acho que lazer tem que ser diário. Não tem que ser só no fim de semana. Tem que ser diário. Tanto nos momentos de fim de semana, quando tu vai num parque com a tua família brincar, se divertir, tanto no trabalho, com a descontração, quando tu chega em casa brincando com os teus filhos, brincando com o teu irmão, jogando uma bola, conversando com a gurizada na rua. Não importa o jeito, mas tem que ter pra, pelo menos tu relaxar a cabeça, poder dormir descansado e, no outro dia, poder chegar melhor preparado pra começar tudo de novo. Acho que é essa a importância do lazer na vida de todo o mundo.

As falas desses jovens sobre suas vivências de lazer nos possibilitam apreender outros elementos que estão presentes nas suas concepções. Bárbara diz que seu lazer é passear no parque, caminhar pelo bairro e visitar amigos. Ela pareceu ter dúvidas quando se referiu ao lazer vivido em casa. Citou os momentos em que está no computador, navegando na Internet ou conversando em salas de bate-papo, como uma vivência de lazer.

Para Bárbara, esses são momentos de lazer por ela não estar cumprindo nenhuma obrigação e estar fazendo o que gosta. Durante a semana, ela tem todas as tardes livres e costuma ficar em casa nesse período. Bárbara conclui que sua vida é um lazer ao perceber que não tem muitos compromissos na parte da tarde.

Acho que o meu lazer é... não sei... é sair, no parque, dar uma volta. Minha hora de lazer, acho que é isso. Até em casa mesmo, sabe? Mesmo no computador. Acho que não é nenhum compromisso, sabe? Não é nenhuma obrigação. Eu acho que é mais é isso. Eu acho que, pra mim, a minha vida é um lazer, assim, sabe? (risos) No caso, assim, eu não tenho muito compromisso, né. Então, no caso, o que que eu faço? Sair, dar uma volta, ir na casa de um amigo. Mais ou menos, os meus lazeres são esses. Mas é mais é ficar em casa, mesmo, meu lazer (risos).

Karina relata que seu lazer é ficar com o namorado e passear com ele. Ela acredita que esses são momentos de lazer por não estar estudando ou se preocupando com algum compromisso. Ao justificar por que considera lazer os momentos em que está com o namorado, Karina complementou a sua definição.

Tipo assim... Lazer é quando tu não tá estudando nem trabalhando, né. Então, digamos, ah, hoje vou fazer alguma coisa diferente. Tipo... vou dar uma caminhada em tal lugar. Faz parte de um lazer porque tu não tá ali pra, digamos... Como é que eu posso dizer? Ai, vem palavra na cabeça. Ficar ali só pra refrescar a cabeça. Entendeu? Não tá ali pra pensar no trabalho nem nada. Lazer é pra refrescar a cabeça, no caso, o corpo.

Andar de bicicleta, conversar e sair à noite com os amigos são modos de Jéssica viver o lazer. Ela afirma que esses são momentos de lazer porque são coisas que gosta de fazer. No entanto, Jéssica lembrou que há coisas que gosta de fazer e que não são lazer para ela. Citou como exemplo a leitura.

É legal. Alguns livros também. Porque prendem a atenção. Mas não é divertido. (...) Eu gosto de ler só os livros do Paulo Coelho. Pra mim, todos os livros dele são bons, né, mas não que seja lazer. O lazer... Como é que eu vou te explicar? Como é que eu vou te explicar? Deixa eu pensar. Descontração. Lazer, pra mim, tem que ter descontração, porque, senão, é aquela coisa parada, tipo ler um livro, ver filme, todo mundo quieto, ninguém fala nada, ninguém ri. Aí não é lazer. Entendeu?

O lazer de Eduardo é ir ao cinema e passear no Parque da Redenção ou na Usina do Gasômetro. Quando não tem a companhia dos amigos, realiza esses passeios sozinho. Fazer essas atividades o diverte, por isso, acredita que se trata de vivências de lazer. Eduardo enfatiza que gosta de estar com os amigos.

Jean afirma que vive o lazer o dia todo. Apesar de o seu dia ser repleto de compromissos, tenta ser uma pessoa divertida mesmo nos momentos que exigem responsabilidade e maior atenção. Jean acredita viver o lazer nos seus cursos por estar fazendo o que gosta e entre amigos. Assim, entende que podemos ter lazer inclusive no trabalho.

Se uma pessoa faz o que gosta, trabalha com o que gosta, também é um tipo de lazer. Porque tu vai tá fazendo o que tu gosta de fazer, o que tu sabe fazer melhor e com as pessoas que tu gosta. Já é um tipo de lazer. Porque não seria lazer se é trabalho, se tu tivesse num trabalho que tu não goste de fazer, que tu tá fazendo por obrigação. Não. Sério, que tu vai fazer por obrigação porque tu precisa daquele dinheiro. Mas, se fosse extremamente obrigado a fazer isso porque não teria outra opção e tu não gostasse de ninguém naquele trabalho, sendo que tu só tá naquele trabalho pelo dinheiro, é trabalho. Mas agora que nem eu, eu faço o meu curso. Eu faço o curso porque eu quero ter uma maior capacitação profissional, mas também ter um monte de amigo. Eu fiz um monte de amizade. E é curso com gurizada. Gente do meu tamanho. Gente que eu gosto e fala a mesma coisa que eu. Então, é lazer pra mim. É lazer.

OS JOVENS QUE APENAS ESTUDAM

Os jovens que têm apenas o estudo como atividade regular entendem que lazer é diversão. Também acreditam que o lazer é algo que vivemos no nosso tempo livre e que nele fazemos aquilo que gostamos. Um dos jovens relatou que o lazer existe para que tenhamos momentos diferentes daqueles vividos no trabalho.

Augusto define o lazer como diversão. O lazer de Augusto é sair com os amigos, jogar futebol e ver televisão com a família. Para ele, esses são momentos de lazer porque se diverte e se sente feliz. Augusto entende que nosso tempo se divide entre trabalho e lazer. Caracteriza o trabalho como um momento marcado pela seriedade e o lazer, pela diversão.

Nas palavras de Roger, lazer é *um divertimento nas horas vagas*. Para ele, o lazer é algo que fazemos para passar o tempo quando não temos nada para fazer. Acredita que, no lazer, fazemos aquilo que gostamos. Roger gosta de vários tipos de jogos, como sinuca, videogame e futebol. Jogar, ver televisão e conversar com os amigos são os seus lazeres. Para Roger, tudo isso que apontou são divertimentos, por isso, caracterizam-se como lazer.

Dos 12 jovens entrevistados, Roberta foi a única que, inicialmente, pareceu não saber do que eu estava falando quando lhe perguntei o que é lazer. Quando pedi que contasse o que entendia por lazer, Roberta perguntou: “*Como assim? O lazer de a gente morar? Alguma coisa assim?*”. Então, perguntei se a palavra *lazer* era estranha para ela. Disse que já havia ouvido essa palavra antes, mas não lembrava onde.

Ao longo da conversa, Roberta conseguiu expressar o seu entendimento sobre o lazer. Para ela, *lazer é onde a gente convive*. Roberta acredita que o lazer é o lugar onde ficamos por mais tempo. Citou como exemplo a casa e o Colégio. Ao falar sobre o modo como vive o lazer, relatou que joga e conversa com os amigos no Colégio. Ajudar a mãe e brincar com ela são os lazeres vividos em casa.

Roberta explica que o lazer no Colégio é poder fazer tudo o que deseja e, em casa, são as coisas boas que acontecem. Ela acredita que as vivências citadas são lazer porque se diverte nesses momentos. Destaca que, no Colégio, está sempre rindo e brincando com os amigos.

LAZERES DE UM DIA DE DOMINGO

A última etapa de entrevistas foi uma conversa sobre um dia de domingo. Os 12 jovens registraram em um diário todas as atividades realizadas naquele dia, com quem e onde estavam em cada um dos momentos. No dia posterior ao preenchimento do instrumento, nos encontramos para conversar sobre as suas vivências de lazer²⁴.

Com o auxílio do diário, os jovens fizeram um breve relato do seu domingo. Então, solicitei que indicassem o lazer vivido naquele dia e que explicassem por que

²⁴ Esses registros foram realizados em dois domingos: seis jovens preencheram o diário em um domingo, e os outros seis, no domingo seguinte.

tais momentos ou atividades foram lazer para eles. Também procurei no diário atividades que não foram apontadas pelos jovens como lazer e que comumente seriam classificadas como tal. Indaguei-os sobre o motivo pelo qual não consideraram essas atividades lazer.

O lazer de um dia de domingo dos jovens que trabalham

Gabriela afirma que praticamente todo o seu domingo foi de lazer. Na madrugada, estava conversando com as amigas em um bar que costumam freqüentar. Chegou em casa pela manhã e ficou o restante do dia com a sua família. Com eles, conversou, viu televisão e jantou.

Ela acredita que o momento em que permaneceu no bar com as amigas foi um lazer porque estavam conversando. Gabriela já havia mencionado que adora conversar ou, nas suas palavras, “trocar uma idéia”. Destaca que não tem muito tempo para conversar com as amigas devido ao seu trabalho. Quando tem um tempo disponível, às vezes, os seus horários não combinam com os delas.

Para Gabriela, os momentos que passou com a família também foram lazeres. Ao justificar por que isso foi um lazer, aponta novamente as conversas. Ela diz que admira a relação que tem com a mãe e a cunhada, pois conta para elas tudo o que faz. Gabriela gosta de ouvir os conselhos delas e procura segui-los.

Então, eu me baseio muito nas conversas que eu tenho com elas. Tá certo que tem pessoas com quem tu conversa e não tem que levar nada a sério. Tipo... sei lá... só botar besteira pra fora mesmo. Mas ali, com a minha mãe e a minha cunhada, sabe aquele negócio que tu senta, assim, e não consegue mais parar de falar? E pra mim isso é um lazer. Entendeu? Fica discutindo, fica “Não. É isso mesmo. Eu também acho”, falando dos outros, falando de nós mesmos ali. Então, eu acho um lazer. Tanto que eu não consigo dormir pra ficar ali, conversando. Por mais cansada que esteja. Então, eu fico mais à vontade assim, em casa.

Se Gabriela gosta tanto de conversar e destacou principalmente as conversas como os lazeres daquele domingo, por que uma determinada conversa não foi um lazer para ela? O diálogo que teve com uma de suas amigas na madrugada de domingo não foi lazer porque a amiga estava desabafando os problemas que está vivendo com o namorado. Gabriela disse que esse encontro foi muito desagradável, pois não havia o que fazer para ajudar sua amiga.

Taís passou quase todo o domingo com o namorado. Indicou como lazer os momentos em que estavam vendo televisão e ouvindo música na casa dele. Também classificou como lazer a visita que fizeram a um casal de amigos. Taís voltou para sua casa à noite. Logo que chegou, ficou conversando com sua família. Para ela, essa conversa foi um momento de lazer.

Na opinião de Taís, todos esses momentos foram lazeres porque estava fazendo o que gosta. Em relação a ver televisão e ouvir música, ela implicitamente apresenta a idéia de que, ao fazermos essas duas coisas, automaticamente vivemos o lazer. Esse pensamento vem de uma concepção que entende o lazer como um conjunto de atividades.

O domingo de Volney também foi repleto de lazeres. Na maior parte do dia, estive na companhia da namorada e dos amigos. Alguns dos momentos de lazer indicados por ele aconteceram na sua casa, e outros, fora dela. Para Volney, a festa em uma churrascaria e o jogo de futebol no campo do bairro foram os lazeres que viveu fora de casa. O momento em que estava dormindo, a conversa com uma amiga e com a namorada foram os lazeres vividos em casa.

Volney explica que a ida à festa e o jogo de futebol foram lazeres porque estava fazendo o que gosta e o que desejava fazer. Ele destaca que, quando tem um tempo livre, o único programa que faz fora de casa é jogar futebol. Não costuma ir a festas porque seus pais têm receio de que ele se envolva em alguma situação de violência.

A conversa com um amigo é diferente de uma conversa com colegas de trabalho, segundo Volney. Em sua opinião, podemos contar tudo para um amigo, pois nele temos confiança. A conversa que teve com a menina foi um lazer justamente por ter sido um diálogo entre amigos e um momento em que pôde falar com sinceridade sobre si mesmo. Ao justificar por que essa conversa foi um lazer, Volney falou sobre a impressão de sentir-se bem.

Ah, porque não é só conversa. A gente brinca. Ah, fica de arreganho ali. E isso tudo pra mim é tipo... Como eu tenho pouco tempo, eu tento fazer o máximo pra me sentir bem. E eu sei que, se eu me sentindo bem, pra mim, é tipo um lazer assim. Não é lazer tipo, assim, de ficar... ah, que nem jogar bola. Mas é um lazer diferente assim. Ah, que nem sempre é tudo mil maravilhas, do jeito que tu quer. Pra mim, isso aí é tipo um lazer também pra mim.

A conversa com a namorada foi um pouco diferente das que costumam ter. Nessa ocasião, falaram demoradamente sobre o que haviam feito no domingo e

sobre o dia em que se conheceram. Volney afirma que, em um namoro, precisa existir amizade e que, para isso, é importante o diálogo. Essa conversa foi um lazer para ele porque geralmente não tem muito tempo para ficar com a namorada. Eles não costumam sair sozinhos, e o tempo livre de que dispõem no fim de semana é dividido com os amigos e a família.

Volney classificou como lazer o sono que teve logo após a festa. Para ele, dormir naquele momento foi um lazer porque estava muito cansado. Disse que já não agüentava mais ficar acordado e que precisava muito descansar. Volney afirma que dormir foi a melhor coisa que fez depois da festa.

Os momentos em que viu televisão e a ida ao Centro da cidade foram os lazeres de Wagner naquele domingo. Ele foi ao Centro com a mãe e sua irmã recém-nascida para fazer compras. Na televisão, assistiu ao jogo de futebol do seu time com os irmãos e um filme com toda a família.

Wagner disse que a ida ao Centro foi um lazer porque, assim, não ficou em casa e se distraiu. Caminhar no Centro foi um passeio para ele. Gostou de ter ficado mais tempo com a irmãzinha no colo e de tê-la feito dormir. Sobre os momentos em que estava vendo televisão, Wagner destaca que não tinha outra coisa para fazer e que o dia estava nublado. Para ele, ver televisão foi um lazer porque ficou brincando com os irmãos.

O lazer de um dia de domingo dos jovens que realizam atividade extra-escolar

Bárbara acredita que teve apenas uma vivência de lazer no seu domingo. Indicou como lazer o momento em que estava assistindo a um filme na televisão durante a madrugada. Ela estava em casa e assistiu ao filme sozinha. Para Bárbara, esse foi um momento de lazer porque estava descansando e se divertindo. Também porque o filme era *legal* e por ter gostado do que estava vivenciando.

No diário de Bárbara, havia três atividades que poderiam ser classificadas como lazer, mas ela não considerou como tal. No turno da tarde, Bárbara viu televisão com a família, navegou na Internet e conversou com alguns amigos que foram visitá-la na sua casa. Para ela, nenhum desses momentos foi lazer. Entende que essas atividades fazem parte da sua rotina e são apenas passatempos.

Ao explicar por que esses momentos não foram lazeres, Bárbara expôs a dificuldade de definir o que é o lazer quando se levam em consideração outros aspectos que não só a atividade e o tempo em que está sendo realizada. Em relação ao momento em que estava vendo televisão e navegando na Internet, ela afirma que não se divertiu, embora fosse *hora de lazer*²⁵.

Não foi aquela coisa que eu tava me divertindo, eu tava rindo, sabe? Não foi aquela coisa bem descontraída. Aí foi meio que nem uma rotina, sabe? Como eu tô sempre fazendo isso... Aí vou... ligo o computador, vou lá. Aí, pra mim, não foi bem um lazer. Eu não considerei um lazer, sabe? Por não ter me divertido, descontraído. É claro, eu tava na hora. Mas eu não acho que foi um lazer, sabe? Foi mais um passatempo.

Embora tenha indicado como lazer o momento em que estava vendo televisão na madrugada, Bárbara acredita que é difícil ter lazer em casa. Ela não considera a conversa que teve com os amigos um lazer porque estava em casa. Afirmou que essa conversa poderia ter sido um momento de lazer se estivessem em outro lugar, como, por exemplo, no parque.

Ela relaciona a vivência do lazer com o ambiente em que se está realizando a atividade. Entende que, se estivesse em um lugar onde houvesse pessoas ao redor se divertindo, aquela conversa poderia ter sido um lazer. Ao explicar por que a conversa com os amigos não foi um lazer para ela, Bárbara fala sobre o “clima” que há na sua casa. Ela e a mãe cuidam diariamente da tia e da avó, que são idosas.

Ah, não sei. Eu acho que tu te acostuma com o clima aqui. Ao mesmo tempo... é a mesma coisa. Às vezes... mesmo que tu faça alguma coisa diferente, mas não é bem considerado um lazer, lazer. Acho que foi por estar fora, é pessoas diferentes, várias pessoas, uns tão brincando, outros não tão. Aqui é sempre a mesma rotina. Pelo menos aqui em casa é, né. É sempre a mesma rotina. Não tem muita coisa de diferente. Acho que aqui em casa mesmo não tem como considerar um lazer. Agora, se for ali na pracinha, até na frente, no caso, é só atravessar a rua. No caso, já dá pra estar fazendo as mesmas coisas e ser considerado um lazer, sabe? O clima, estar no meio da natureza, eu acho legal isso assim.

O dia de chuva deixou Jéssica sem muitas opções no seu domingo. Ela passou a maior parte do tempo em casa, o que não costuma acontecer nos dias de sol. Ver televisão com a família e ensaiar as coreografias da banda da escola com a prima foram os seus lazeres naquele domingo. Saiu de casa apenas para ir ao ensaio na casa da prima.

²⁵ Bárbara entende que era *hora de lazer* porque era domingo e não estava fazendo nenhuma atividade obrigatória ou que envolvesse responsabilidades.

Ao tentar explicar por que ver televisão foi um lazer, Jéssica disse que provavelmente estava assistindo a um bom programa. No entanto, não conseguia lembrar qual era o programa. Jéssica afirmou que não gosta de ver televisão, mas era a única opção naquele dia chuvoso. Ela relata que, quando se senta para ver televisão, logo pensa sobre outras coisas que poderia fazer naquele momento.

Vamos supor, assim, aquela típica apelação, sabe? Não tenho nada pra fazer, vou assistir TV. Mas assisto TV assim, já pensando assim “Eu tenho que achar alguma coisa pra fazer”. Muitas vezes, nem presto atenção na novela porque eu fico pensando “Eu tenho que achar alguma coisa pra mim fazer. Eu tenho que sair daqui. Eu tenho que sair da frente da TV”. Entendeu? Pra mim, então, assistir TV só é um lazer quando tem alguma coisa que me prenda a atenção. Uma coisa que eu goste, uma programação que eu goste de assistir.

Jéssica é baliza na banda marcial do colégio. Como está concluindo o curso, sua prima a substituirá na banda. Então, elas se reuniram para ensaiar e inventar novas coreografias. O ensaio foi um momento de lazer porque riu muito da prima, que, segundo Jéssica, é muito atrapalhada.

Ouvir rádio e ver televisão foram os lazeres vividos por Karina em sua casa no domingo. Ela também teve momentos de lazer na casa do seu namorado. Lá conversou, bebeu chimarrão e ouviu música na companhia do namorado e dos sogros.

Karina ligou o rádio durante a madrugada, pois não estava conseguindo dormir. Então, sintonizou uma emissora que, segundo ela, não toca músicas agitadas, e sim músicas *leves*. Para Karina, isso foi lazer porque ela conseguiu relaxar ouvindo tais músicas e logo dormiu. Quando viu televisão, Karina estava com o pai e a irmã. Ela acredita que esse momento foi um lazer por não estar fazendo nada. Ela estava deitada, descansando enquanto via televisão.

Na opinião de Karina, todas as atividades que fez na companhia do namorado e dos sogros são *formas de lazer*. Embora não goste do estilo de música que estavam ouvindo, por exemplo, entende que o ato de ouvir música é uma atividade de lazer. Também justificou que tal momento foi um lazer porque não estava se preocupando com nada.

Apesar de apresentar uma idéia de que há “atividades de lazer”, como se o lazer fosse ou estivesse na atividade que se está realizando, Karina disse que nem sempre ouvir música ou ver televisão será um lazer. Ela contou que não considera lazer os momentos em que está ouvindo música e fazendo alguma outra coisa ao

mesmo tempo. Ver televisão também nem sempre será um lazer. Segundo Karina, às vezes, é falta de opção.

Quando eu não posso sair, aí eu não tenho nada pra fazer. Aí eu sou obrigada a ver TV. Não tenho nada do colégio pra fazer ou a minha irmã tá escutando rádio lá em casa. Aí eu sou obrigada a ver TV porque não tem outra opção de lazer.

Eduardo acredita que teve apenas um momento de lazer no seu domingo. Indicou como lazer as partidas de futebol que jogou com o primo no videogame. Explicou que não joga videogame com muita frequência e que, quando joga, se diverte, por isso foi um lazer. Para Eduardo, o jogo também foi uma forma de distração.

Os momentos em que estava vendo televisão, brincando com o irmão, jogando minigame e conversando na festa de aniversário de um primo não foram lazer. Para Eduardo, ver televisão, brincar com o irmão e jogar minigame são *hobbies*. A festa de aniversário não foi lazer porque não queria ir. No seu relato, Eduardo explica o que é *hobby*, diferenciando-o do lazer.

Hobby é uma coisa assim, que tu faz todo dia. Lazer, pra mim, é uma coisa que eu faço de vez em quando. Hobby, eu faço todo dia. Aquela mesma coisa assim. É uma coisa que eu tô acostumado a fazer. Justamente por isso, eu não considero diversão porque eu já faço todo dia. Eu não considero lazer. Hobby também tem essa parte de se distrair, mas é mais pelas partes que a gente faz assim todo dia. Pelo menos pra mim.

Jean viveu momentos de lazer em quase todo o domingo. Em casa, seu lazer foi ver televisão e tocar violão. Uma conversa com os amigos na rua foi o lazer vivido fora de casa. Para Jean, isso tudo foi lazer porque, nesses momentos, estava descansando e fazendo o que gosta. Sobre o encontro com os amigos, Jean contou que estavam sem fazer nada, apenas conversando. Esse foi um momento de lazer porque estavam *de bobeira, de papo pro ar, trovando fiado e sem se preocupar com nada*.

O lazer de um dia de domingo dos jovens que apenas estudam

Roberta é a jovem que definiu o lazer como o lugar onde convivemos por mais tempo. Ela passou a maior parte do seu domingo em casa. A pescaria com a

família foi o único programa que realizou fora da sua residência. Roberta indicou como lazer todos os momentos vividos em casa. A pescaria foi apenas um passatempo.

Os momentos em que estava fazendo sua higiene, almoçando, lavando a louça, dormindo, conversando e jogando cartas foram os seus lazeres. Roberta justificou que todas essas atividades foram lazeres porque estava em casa. Em relação ao momento em que conversou com a família, perguntei a ela se essa conversa seria lazer se tivesse ocorrido em outro lugar, como, por exemplo, a rua.

Acho que não seria porque... sei lá, porque o lazer pra mim é assim... ficar onde tu tá sempre, sabe? Onde tu passa mais tempo, assim, no colégio, em casa, no serviço, no trabalho. É, seria isso.

Na opinião de Roberta, a pescaria não foi um lazer por ser algo que não fazem com freqüência. Também porque a duração da atividade foi curta. Eles pescaram somente durante a manhã. *Lazer é onde tu passa mais tempo*, afirma Roberta. Então, define esse momento da pescaria como um passatempo.

Augusto indicou um único momento de lazer no seu domingo. A caminhada que fez à noite com os seus amigos nas proximidades do bairro foi, para ele, lazer. Augusto disse que não tinha nada para fazer em casa, então, combinou sair com os amigos para conversar. Para ele, esse foi um momento de lazer justamente por estar com os seus amigos, que são pessoas de quem gosta e também porque riram e se divertiram juntos.

As conversas no MSN e os momentos em que estava vendo televisão não foram lazer para Augusto. Embora tenha se divertido com as conversas no MSN, esse momento não foi lazer por não estar presencialmente com a pessoa. Em relação à televisão, Augusto explica que só vê quando não há outra coisa para fazer. Para ele, ver televisão é apenas uma ocupação.

Ah, normal. Eu sempre assisto TV. Pra mim, não é lazer. Porque TV... Eu só vejo TV quando não tem nada pra fazer mesmo. É tipo uma ocupação. Uma ocupação, digamos. Quando não tem nada pra fazer, ligo a TV. Ou, senão, ligo o meu videogame. Ou, senão, fico mexendo no computador. Isso, pra mim, é uma ocupação. Não é um lazer.

Roger também indicou ter vivido um único momento de lazer no seu domingo. Para ele, conversar com os amigos por horas no MSN foi um lazer. A maior parte das pessoas com quem conversou é de colegas do Colégio. Roger contou que

conversaram sobre alguns trabalhos do Colégio e que falaram muita bobagem. Acha *legal* e engraçado ficar conversando pelo computador, por isso, foi um momento de lazer.

7 ASPECTOS DE CLASSE SOCIAL E GÊNERO NO LAZER VIVIDO PELOS JOVENS DO BAIRRO FARRAPOS

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer as vivências de lazer de jovens, estudantes do ensino médio, moradores do bairro Farrapos. O estudo focaliza as concepções de lazer dos jovens por entender que a vivência do lazer não se dá apenas sobre bases objetivas (tempo e atividade) e que, portanto, aspectos de ordem subjetiva (atitude, gostos, preferências) necessitam ser considerados. Ouvir o que os jovens entendem por lazer e como acreditam vivê-lo tornou-se o principal empreendimento deste estudo.

As concepções e vivências de lazer podem variar de acordo com a idade, o sexo, o nível educacional e a renda dos sujeitos. As condições materiais do lugar onde moram e o acesso que têm aos bens da cidade como um todo também influenciarão o modo como entendem e vivem o lazer. A consideração do espaço físico e a distribuição dos equipamentos coletivos nos bairros tornaram-se um fator tão importante quanto o tempo para a constituição do lazer. Além de um tempo disponível para vivê-lo, faz-se necessário um espaço disponível (Marcellino, 1995).

Pensar espaços para o lazer que contemplem grupos de diferentes faixas etárias é, nos dias de hoje, tarefa fundamental que os responsáveis pelo planejamento urbano de uma cidade não podem ignorar. Mas uma ação que pretenda intervir no campo do lazer deve voltar-se para a vida das pessoas em todas as suas dimensões. Tal planejamento deveria abarcar ou prever o que é impreterível, por exemplo, para que um sujeito se desloque para o trabalho, busque trabalho, compartilhe com a família outros espaços que não somente os da sua casa, tenha acesso a escolas, igrejas, centros comunitários, clubes, postos de saúde, enfim, uma infinidade de equipamentos que tornem a vida melhor.

Os dados indicam que o lazer dos jovens do bairro Farrapos reflete a situação econômica das famílias e as condições materiais do lugar onde vivem. O que os jovens apontam como lazer ocorre principalmente dentro do seu bairro, nas imediações de suas casas, não envolve gastos e se constitui através de atividades que realizam cotidianamente. Há *indícios de particularismos de gênero* (Carvalho; Machado, 2005) no modo como acontecem as vivências que esses jovens

classificam como lazer. Embora esta pesquisa não se proponha a fazer uma análise de gênero ou classe social, esses aspectos emergiram dos dados. Assim, faço uso desses conceitos de forma instrumental com a intenção de agregar elementos que auxiliem na compreensão do fenômeno que chamamos de lazer.

Riqueza, poder político, status e educação são alguns fatores que diferenciam os vários grupos que compõem uma sociedade. Classe social é uma forma de diferenciação social e refere-se a grandes grupos de população que se distinguem pela apropriação e produção do excedente econômico (Bins, 1985). Não quero simplificar o conceito, mas esse é um modo de entender a que nos referimos quando falamos em classe social.

Diante de tantas interpretações sobre esse termo, que exigiria discussão mais profunda e alongada, recorro a um outro tipo de diferenciação social para distinguir o grupo ao qual pertencem os sujeitos desta pesquisa. Trabalho, então, com a noção de estratificação social, que estabelece hierarquias entre os grupos sociais, separando-os em camadas ou estratos. A estratificação é uma convenção técnica em que os critérios utilizados são determinados pelo objetivo de quem propõe a convenção. Pode-se dividir a população em quantos estratos se quiser. A diferenciação entre elas sempre será questão de critérios (Bins, op. cit.).

A hierarquia estabelecida demonstra relações que envolvem o poder social dos grupos. Tal poder é definido a partir de critérios como renda, tipo de ocupação, nível de instrução, condição de sua moradia e local onde se mora, por exemplo. Trata-se de distinções reais. Estas são percebidas pelos sujeitos e demarcam direitos, poderes e privilégios de cada grupo (Carvalho; Machado, op. cit.).

Defino os jovens deste estudo como pertencentes à classe popular a partir de indícios coletados durante o trabalho de campo e informações encontradas no “Mapa da inclusão e exclusão social de Porto Alegre”. Os indícios são rastros de evidências presentes nos dados que falam sobre o contexto e os sujeitos participantes da pesquisa. Ao reunirmos esses elementos, é possível fornecer um quadro indiciário de sua posição de classe social (Carvalho; Machado, op. cit.).

A escolaridade, a ocupação e a renda das famílias desses jovens, bem como as condições do bairro onde residem, são os fatores nos quais me fundamento para nomear esse grupo como pertencente à classe popular. Os usos que esses jovens fazem do seu tempo livre e o modo como vivem o lazer são dados que também contribuem para tal caracterização.

De acordo com os dados do “Mapa da inclusão e exclusão social de Porto Alegre”²⁶, o bairro Farrapos localiza-se em uma região cujos índices de condições de vida (ICV) são baixos. Tais índices revelam que a região Humaitá/Ilhas/Navegantes tem um baixo nível de desenvolvimento no que se refere, por exemplo, à renda, à longevidade e à educação da sua população. No bairro Farrapos, especificamente, os responsáveis pelos domicílios têm, em média, 5,9 anos de estudos, e seu rendimento médio é de 3,42 salários mínimos²⁷.

Já os jovens deste estudo pertencem a famílias cujos pais e mães têm, em média, oito anos de estudo. A renda mensal gira em torno de 3,48 salários mínimos²⁸. É importante destacar que se trata de uma média dos ganhos das famílias. Entre elas, há aquelas que somam aos seus rendimentos a pensão de um outro membro do grupo. Também é necessário considerar que uma jovem não soube informar a renda mensal da sua família, pois seu pai não tem emprego fixo.

Parte das mães são donas de casa. Aquelas que trabalham fora estão distribuídas nas seguintes ocupações: auxiliar de limpeza, doméstica, atendente, vendedora e operadora de fotocopiadora. A maior parte dos pais trabalha por conta própria. Entre eles, há quem trabalhe como soldador, pedreiro e vendedor.

Ao explicitarem o modo como acreditam viver o lazer, os jovens nomearam uma série de atividades que realizam no seu cotidiano: ver televisão; ouvir música; jogar futebol ou vôlei; andar de bicicleta; conversar com a família ou com amigos. Alguns também indicaram programas e passeios que fazem eventualmente, como sair para dançar, ir ao cinema, ao Parque da Redenção ou à Usina do Gasômetro.

A maior parte das atividades que os jovens apontam como lazer ocorre nos limites do bairro Farrapos ou no Humaitá, bairro adjacente àquele. As suas vivências de lazer se dão no espaço doméstico, na escola, nas praças do bairro ou no Parque Mascarenhas de Moraes, que se localiza no bairro Humaitá.

O lazer vivido em casa consiste em ver televisão, ouvir música e conversar. Essas são as atividades que freqüentemente realizam junto com suas famílias. Aliás, percebe-se, nos seus relatos, que poucos são os jovens que fazem programas em família fora do espaço das suas casas. Visitar parentes, ir a bailes e jantar em

²⁶ O mapa foi elaborado a partir dos dados apresentados pelo Censo Demográfico 2000 do IBGE.

²⁷ O salário mínimo considerado para o cálculo é de R\$ 151,00. Valor em vigor em agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/real/rac/salminmai06.xml>> Acesso em 30 mar. 2006.

²⁸ O salário mínimo considerado para o cálculo é de R\$ 300,00. Valor em vigor em setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/real/rac/salminmai06.xml>> Acesso em 30 mar. 2006.

pizzarias são as atividades que alguns deles realizam esporadicamente com suas famílias fora do âmbito doméstico²⁹ e, inclusive, fora do seu bairro.

Os jovens valorizam suas famílias e afirmam ter uma convivência tranqüila. Acreditam que aprendem muitas coisas na relação em família. No entanto, procuram estar com os amigos sempre que têm um tempo disponível. Estar com os amigos é visto como uma possibilidade de fazer coisas diferentes e fora do espaço doméstico. Já os jovens que estão namorando, dedicam mais tempo aos seus parceiros do que aos amigos ou ao grupo familiar.

A escola é considerada o caminho para se conseguir um bom emprego no futuro. O projeto de vida da maior parte desses jovens é cursar uma faculdade para ter uma profissão. Eles cobram dos seus professores aulas mais dinâmicas e melhorias na infra-estrutura da escola, principalmente para a prática da educação física. Entendem que a escola lhes proporciona muito mais do que conteúdos escolares. Nela conhecem pessoas, fazem amigos e aprendem a conviver em grupo.

Os meninos e meninas entrevistados nesta pesquisa afirmaram que é possível ter lazer na escola. Eles acreditam viver o lazer nos períodos de educação física e no recreio, momentos em que jogam ou conversam mais livremente com os seus colegas. Porém, ao relatarem como vivem o lazer, somente os jovens que trabalham destacaram o lazer vivido no ambiente escolar. Por terem menos tempo livre que os outros durante a semana, os jovens que trabalham procuram aproveitar alguns momentos vividos no Colégio para divertirem-se com seus amigos.

O lazer dos jovens do bairro Farrapos é influenciado pela sua situação de classe. As condições do bairro em termos de equipamentos coletivos, a renda e a escolaridade das famílias são alguns indicadores que certamente nos permitem compreender o modo como vivem o lazer. Não pretendo julgar aqui a qualidade do lazer desses jovens. Seria, inclusive, uma atitude incoerente com a proposta desta pesquisa, já que busco resgatar o aspecto pessoal do lazer. Mas aponto a pouca possibilidade que esses jovens possuem de exercer escolhas alternativas que promovam vivências de lazer diversificadas.

Se fizéssemos uma comparação entre as atividades vividas como lazer por esses jovens e as de um jovem considerado de classe média, encontraríamos muitas diferenças. Carvalho e Machado (2006), ao compararem os usos do tempo

²⁹ Dois meninos e uma menina não mencionaram momentos de lazer com suas famílias.

de crianças de classe popular e de classe média, verificaram que classe social é fator determinante na discricionariedade dos usos do tempo. As atividades que as crianças de classe média realizavam no seu tempo livre eram bem mais diversificadas do que as das crianças de classe popular. Já as atividades realizadas pelas crianças de classe popular eram mais restritas ao entorno de sua casa.

Os relatos dos jovens sobre o seu cotidiano e os seus lazeres mostram que eles se deslocam pouco pela cidade e não fazem uso dos bens de que ela dispõe. Esses jovens estão muito restritos ao espaço do seu bairro³⁰. Aqueles que fazem cursos ou trabalham em outros pontos da cidade têm um pouco mais de mobilidade. Os jovens que freqüentam apenas o Colégio saem raramente do bairro. Quando saem, vão ao Centro procurar estágio, pagar alguma conta ou comprar algo.

No fim de semana, todos eles costumam ficar no bairro. Freqüentemente, vão ao Parque Mascarenhas de Moraes, que se localiza no bairro adjacente. É possível ir a pé até esse parque, independentemente do ponto onde os jovens residem dentro do bairro Farrapos³¹. O Parque Mascarenhas de Moraes é o equipamento mais amplo e aprazível das imediações. Também se trata do único parque daquela região.

Programas e passeios fora das imediações são muito pouco freqüentes. Quando têm a oportunidade, os jovens vão ao Parque da Redenção, à Usina do Gasômetro ou a algum *shopping center*³². O deslocamento até esses lugares exige que utilizem um ônibus, o que implica gastos com passagem. Por isso, alguns jovens aproveitam os dias de passe livre para deslocarem-se na cidade.

Um dos meninos comentou sobre o seu namoro com uma menina que residia na região metropolitana de Porto Alegre. Disse que se encontravam pouco porque não tinham dinheiro para a passagem. Então, se falavam mais por telefone. Ter dinheiro para sair significa, antes de tudo, poder pagar o ônibus. Uma jovem relatou que vai ao Parque da Redenção somente quando tem dinheiro. Como se trata de um parque aberto onde não há nenhum tipo de cobrança para utilizá-lo, perguntei para que seria o dinheiro. Ela respondeu que era para a passagem de ônibus.

³⁰ Ver fotos a partir da página 118.

³¹ Ver mapas nas páginas 115 e 116.

³² O D. C. Navegantes é o *shopping center* mais próximo do bairro Farrapos. Pode-se ir a pé até ele. Além das lojas e da praça de alimentação, possui um espaço para apresentações teatrais. Nele não há salas de cinema. É um equipamento pouco utilizado pelos jovens da pesquisa.

Nenhum dos jovens que participou desta pesquisa ganha mesada. Aqueles que trabalham ajudam os pais em alguma despesa da casa, pagando, por exemplo, as contas de luz ou água³³. Embora tenham seu próprio dinheiro, os jovens que trabalham não apresentam diferenças em relação aos que não trabalham no modo como acreditam viver o lazer. Nos relatos que fizeram sobre o seu cotidiano, é possível verificar que eles se envolvem com os mesmos tipos de atividades. Raramente fazem programas ou passeios que envolvam gastos.

O custo da passagem de ônibus e a falta de dinheiro para isso são os principais fatores que dificultam a mobilidade desses jovens. A quantia que podem destinar a um passeio nem sempre cobre todos os gastos. Há relatos de situações em que os jovens fizeram programas pagos, mas foram ou voltaram a pé desses lugares. Um menino comentou que voltou para casa a pé de um passeio porque decidiu comprar um lanche e bebidas com os amigos. Uma jovem também relatou situação semelhante. Numa ocasião em que foi a um baile com o namorado e a família, deslocaram-se até o local a pé e voltaram para casa da mesma forma.

Ir a festas em lugares como danceterias é algo que não faz parte da realidade desses jovens. A maior parte deles já realizou programas desse tipo, mas foi algo esporádico. Apenas uma menina disse que sair à noite para dançar é uma das formas de ela viver o lazer. Ainda assim, não é uma atividade que faça com frequência. Quando sai para dançar, vai a uma danceteria chamada Sítio do Beto, que se localiza na região metropolitana de Porto Alegre.

Para ir a uma festa no Sítio do Beto, é necessário despender dinheiro para o transporte e para o ingresso no local. O valor do ingresso masculino é R\$ 15,00. Algumas vezes, há promoções em que os rapazes “ganham” uma ou duas cervejas de cortesia. O ingresso feminino custa R\$ 5,00, mas frequentemente promovem-se festas em que as mulheres não pagam³⁴. Esse é o programa mais caro entre todas as atividades citadas pelos jovens.

O Sítio do Beto possui um serviço de vans credenciadas que atende a diferentes regiões de Porto Alegre e cidades da região metropolitana. Esse serviço possibilita aos jovens que não possuem carro e que moram longe participarem das

³³ A contribuição dos jovens com o orçamento doméstico ocorre de acordo com a necessidade de cada família. Há aqueles que nem sempre precisam contribuir com as despesas da casa.

³⁴ No Sítio do Beto, é proibida a entrada de menores de 16 anos. Jovens de 16 a 17 anos só entram acompanhados por um maior responsável e ambos devem apresentar um documento de identificação.

festas. Os motoristas das vans geralmente organizam grupos por bairro. Então, buscam as pessoas nas suas residências, levam até a festa e depois as levam de volta para casa. Os valores giram em torno de R\$ 5,00 por pessoa.

De acordo com os relatos, nota-se que programas pagos são muito pouco freqüentes entre os jovens da pesquisa. Estes não costumam ir ao cinema, ao teatro e a *shows* de música. Entre eles, há quem nunca foi ao teatro. Aqueles que já assistiram a uma apresentação teatral foram levados pela escola. Vale enfatizar aqui a importância dos passeios realizados pela escola, muitas vezes tão criticados. O primeiro contato que crianças e jovens de classe popular têm com o cinema e o teatro, por exemplo, geralmente é oportunizado pela escola.

Alguns jovens mencionaram que assistiram a *shows* gratuitos realizados na Usina do Gasômetro e na “Rua Larga”³⁵. Esses locais têm sido utilizados pela Prefeitura e diversas entidades para a realização de *shows* e eventos com entrada franca.

Os relatos dos jovens sobre a sua semana, o fim de semana e o que costumam fazer no tempo livre dão pistas de como se constituem suas vivências de lazer. Os momentos e atividades que citaram como sendo seus lazeres são condizentes com o que fazem no cotidiano. As atividades que realizam no dia-a-dia e os lugares que freqüentam indicam quais são suas possibilidades em termos de lazer.

Gênero é o segundo aspecto que aponto para compreender como esses jovens vivem o lazer. O conceito de gênero denota uma relação social em que disposições sociais confrontam homens e mulheres e lhes atribuem particularidades femininas e masculinas. As interpretações do que cabe a homens e mulheres são invenções culturais que se modificam ao longo de movimentos históricos. O patriarcado delimitou a atuação das mulheres na sociedade, restringindo-as ao âmbito privado. Esse processo atingiu principalmente as mulheres pobres, que foram excluídas da escola, limitadas a poucos tipos de ocupação e colocadas em condições de trabalho precárias .

O modo como os jovens desta pesquisa vivem o lazer apresenta diferenças sutis que indicam particularismos de gênero. Muitas vezes, o que classificam como lazer envolve o mesmo tipo de atividade e ocorre, inclusive, no mesmo lugar. No

³⁵ Rua Adelino Machado de Souza, localizada no bairro Farrapos.

entanto, há algumas distinções no modo como acontecem essas vivências. As companhias e a utilização de certos espaços em determinados dias ou horários diferenciam os lazeres de meninas e meninos.

O jogo de futebol é a atividade comum entre todos os meninos e também foi apontada por eles como um lazer. Eles utilizam as praças e os campos do bairro para realizar suas partidas. Durante os jogos, poucas meninas freqüentam esses locais. Para os meninos, conversar com os amigos é outra forma de viver o lazer. Geralmente, conversam com os amigos nas praças espalhadas pelo bairro.

Não há muitas convergências no modo como as meninas explicitam viver o lazer. Os passeios no Parque Mascarenhas de Moraes são o lazer comum entre elas, mas as atividades que realizam nesses momentos são distintas. Algumas vão ao parque para caminhar, outras vão para andar de bicicleta e conversar com as amigas, os amigos e namorados. Poucas meninas freqüentam o parque sozinhas ou apenas na companhia de amigas.

As praças são os únicos equipamentos coletivos disponibilizados no bairro Farrapos para fins de lazer. Depois do Parque Mascarenhas de Moraes, que se localiza no bairro adjacente, as praças são os equipamentos mais utilizados pelos jovens desta pesquisa³⁶. No entanto, são pouco freqüentadas pelas meninas. Trata-se de um espaço quase que exclusivamente masculino. Apenas uma das meninas mencionou jogar vôlei e futebol em uma praça. Destaca-se que essa jovem tem 20 anos e é a mais velha das meninas que participaram deste estudo.

As meninas que estão namorando indicaram viver o lazer principalmente com o namorado e com suas famílias. Em algumas situações, o lazer vivido na companhia do namorado ocorre também no espaço doméstico, incluindo a casa dele. Essas meninas raramente fazem algum programa ou passeio com amigas ou amigos. Entre os meninos da pesquisa, apenas um deles estava namorando. Nos seus relatos, percebe-se que continua realizando atividades com os amigos, apesar do namoro. O mesmo comportamento não foi observado entre as meninas, que, quando têm namorado, centram seu lazer em torno dele ou junto com ele.

Ao exporem o modo como vivem o lazer, os jovens justificaram por que consideravam lazer os momentos ou atividades citadas. Novamente, o aspecto da

³⁶ Chama a atenção o número de praças existentes no bairro: são 25 praças distribuídas em 1,65 km². Ver anexo C na página 117.

diversão foi o mais destacado entre eles. Também definiram essas vivências como lazer por estarem fazendo as coisas que gostam e escolheram fazer. O fato de não estarem envolvidos com obrigações e compromissos nesses momentos foi outro aspecto apontado.

A última entrevista que realizei com os jovens dava conta dos lazes vividos no dia anterior ao do encontro, um domingo. Nessa ocasião, ficou claro que as atividades não são suficientes para definir se uma dada vivência foi lazer ou não. Isso porque o que é lazer para mim pode não ser para você. Ainda, o que hoje foi lazer para mim amanhã poderá não ser.

Não vou indicar aqui quais momentos ou atividades realizadas nesse dia foram lazer para os jovens³⁷. Somente gostaria de destacar os aspectos que já foram mencionados anteriormente. Apenas três jovens viveram momentos de lazer fora do bairro. A maior parte dos lazes indicados por eles aconteceu no espaço doméstico. Algumas vivências ocorreram nas suas casas; outras, na casa dos namorados ou parentes.

Entre as meninas, apenas uma viveu o lazer fora do âmbito doméstico no domingo em pauta. Já alguns meninos viveram momentos de lazer nas ruas e praças do bairro. Durante essas vivências, as meninas estavam sozinhas, na companhia da família ou dos namorados. Somente uma delas viveu momentos de lazer com os amigos. Entre os meninos, encontramos mais vivências de lazer que ocorreram na companhia de outros meninos. Apenas um deles indicou ter vivido momentos de lazer com a família naquele domingo.

No que diz respeito às concepções de lazer, os jovens referiram-se a ele como um momento, uma hora ou um tempo, indicando, assim, um fator temporal. Também o definiram como algo que se faz, ou seja, uma atividade. Esses dois fatores – tempo e atividade – aparecem como elementos interdependentes no entendimento que os jovens têm acerca do lazer. No entanto, não estão afirmando que o lazer se trata de qualquer momento ou atividade indiscriminada que realizamos no tempo livre. O lazer é relacionado a escolhas, ausência de obrigações e diversão.

Não há divergências significativas nas concepções de lazer entre os jovens, mesmo entre aqueles que possuem rotinas diferentes. Porém, destacam-se, nas

³⁷ No capítulo “Concepções e vivências de lazer”, apresento as atividades citadas e algumas falas.

definições apresentadas pelos jovens que trabalham, o aspecto da ausência de obrigações. Compreendem o lazer como um momento em que estão liberados de compromissos, horários e responsabilidades. Nele podem fazer apenas o que gostam e desejam. Já os jovens que realizam atividades extra-escolares e aqueles que têm apenas o estudo como atividade regular definem o lazer como diversão. O que há de diferente nos discursos entre ambos é reflexo de sua vivência específica, ou seja, entre os que trabalham e os que não trabalham.

8 CONSIDERAÇÕES PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO

As pesquisas sobre o lazer por muito tempo estiveram concentradas nas faculdades de educação física e de sociologia. Atualmente, os estudiosos do tema têm afirmado a necessidade de reunir olhares de diferentes áreas do conhecimento para ampliar e avançar nas discussões. Coloca-se, nessa perspectiva, a importância de buscar o refinamento do debate, e não o consenso (Brunhs, 2000). Para finalizar esta dissertação, exponho reflexões para o campo da educação.

A aproximação da área da Educação com a temática do lazer exige que nossa compreensão sobre o educativo ultrapasse os limites da escola e abarque a vida em todas as suas dimensões. De outra parte, estudos sobre juventude indicam que as pesquisas em educação devem ampliar o seu campo de interesse. Defendem que é necessário deslocar o olhar sobre o jovem a partir da sua condição de aluno, buscando em suas análises a totalidade do ser social e cultural. Em relação à ampliação do conceito de educação, argumenta Carrano:

A materialidade da vida, as configurações sociais e os cruzamentos de redes de subjetividade estabelecem contextos que devem ser considerados como efetivamente educativos, desde uma perspectiva de educação que se amplia para além dos horizontes estritamente pedagógicos (CARRANO, 2003, p. 17).

Os relatos dos jovens do bairro Farrapos apontam para diferentes processos educativos que interferem nos seus lazers e os constituem. Tais processos são vividos nas relações com a família, amigos e namoradas/os, bem como através das interações com as políticas públicas, a escola e os bens culturais da cidade. As condições econômicas dos sujeitos e as relações de gênero também estão presentes nessas aprendizagens.

Analisando por outro ângulo, podemos pensar quais são as aprendizagens desencadeadas na vivência, ou seja, durante o momento de lazer. As experiências vividas no lazer envolvem ludicidade, sociabilidade, afetividade e emoção. O educativo se dá na relação que estabelecemos com o outro e no conhecimento que passamos a construir sobre nós mesmos. Segundo Carrano (2003), o lazer pode promover o necessário equilíbrio entre a autoconsciência e a alteridade.

Atribui-se ao lazer um papel importante na vida dos jovens. Trata-se de um tempo/espaço que contribui na estruturação de identidades, na aprendizagem de relações sociais, no desenvolvimento da autonomia e na descoberta de potencialidades (Brenner; Carrano; Dayrell, 2005). O lazer é visto como um campo menos regulado e disciplinado que a escola, o trabalho e a família. Nele o jovem pode expressar seus desejos e projetar um outro modo de vida (Abramo, 1994).

Em relação ao lazer dos jovens do bairro Farrapos, vimos que suas vivências refletem a situação econômica das famílias e as condições materiais do lugar onde moram. Seus lazeres estão restritos ao espaço do bairro, não envolvem gastos e se dão através de atividades que realizam cotidianamente. Percebemos que seu escopo de escolhas é limitado, o que reafirma a urgência de ações e políticas voltadas para o lazer da juventude.

Já é de longa data a luta de alguns partidos políticos e entidades estudantis pela lei do passe livre e meia-entrada para os estudantes. Infelizmente essas demandas ainda não foram supridas na maior parte dos municípios brasileiros. Acrescenta-se como ponto negativo a desigualdade na distribuição dos equipamentos culturais, que estão concentrados na área central das cidades.

A cidade de Porto Alegre conta com um programa de passe livre que atinge toda a sua frota de ônibus em algumas datas do ano. O passe livre acontecia uma vez por mês nos primeiros anos de sua implantação. Hoje, os dias de passe livre ocorrem somente em datas especiais, como feriados, e durante campanhas importantes, como a da vacinação infantil. Embora o programa atenda toda a população, nota-se que beneficia principalmente os jovens.

No caso dos jovens do bairro Farrapos, vimos que o preço da passagem de ônibus é um fator que dificulta a sua mobilidade na cidade. Nos dias de passe livre, aproveitam para passear no Centro, nos parques e *shoppings*. Nessas datas, os jovens têm a oportunidade de conhecer a sua cidade e interagir com os bens culturais de que ela dispõe.

Em Porto Alegre, a lei da meia-entrada foi sancionada recentemente³⁸. Ela prevê descontos de 50% nos ingressos para o cinema e espetáculos de teatro, dança e música, entre outros, promovendo e ampliando o acesso dos estudantes a essas expressões artísticas. Além de contribuir para a formação cultural dos jovens, essa possibilidade desenvolve aprendizagens relativas ao âmbito do lazer. Ao

³⁸ Ver anexo na página 122.

conhecer diversas manifestações culturais, o jovem aumenta seu escopo de escolhas, identifica as atividades que lhe proporciona prazer e busca viver experiências diversificadas no seu tempo livre.

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” revelou que a maioria dos jovens brasileiros nunca foi ao teatro, a um concerto de música clássica, a um espetáculo de balé clássico ou museu, por exemplo. A lei da meia-entrada pode colaborar na elevação da taxa de participação dos jovens em atividades culturais no tempo livre.

Outra iniciativa importante é a “Descentralização da Cultura”. Esse programa foi criado pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre e atende as 16 regiões do OP. Mesmo abrangendo toda a cidade, essa política tem como prioridade as comunidades localizadas nas periferias. O programa leva espetáculos até as comunidades de cada região, além de oferecer diversas oficinas ao longo do ano.

As oficinas e os espetáculos promovidos pela “Descentralização da Cultura” são gratuitos. Ações como essa devem ser ampliadas, o que exige mais investimentos em recursos financeiros. No ano de 2005, a região Humaitá/Ilhas/Navegantes, à qual pertence o bairro Farrapos, foi atendida com apenas duas oficinas (teatro e capoeira). Ambas foram realizadas no bairro Humaitá.

A cidade de Porto Alegre também conta com o programa “Escola Aberta”³⁹. Trata-se de uma política nacional elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que recomenda a abertura das escolas nos finais de semana. Esse programa tem como público-alvo a população juvenil que se encontra em situação de risco social. A idéia é que a escola proporcione e acolha práticas culturais, lúdicas e esportivas voltadas principalmente para os jovens.

No bairro Farrapos, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Oswaldo Vergara desenvolve esse programa. Nenhum dos jovens desta pesquisa estava participando das atividades oferecidas por aquela escola no fim de semana. Uma das meninas mencionou que havia freqüentado as oficinas de *taekondo* no ano anterior, e dois meninos relataram que eventualmente ocupam a quadra dessa escola para jogar futebol.

A não-participação dos jovens nessas atividades talvez se explique pelo fato de a maior parte deles estar envolvida com trabalho ou com atividades extra-escolares ao longo da semana. Outra explicação possível é a falta de interesse

³⁹ As escolas municipais e estaduais de Porto Alegre estão participando desse programa.

pelas atividades oferecidas. Embora seja recomendado que se faça uma pesquisa na comunidade sobre os seus interesses, isso nem sempre é realizado. Em alguns casos, não é possível atender às demandas por falta de dinheiro ou deicineiros.

Das atividades extra-escolares realizadas pelos jovens, apenas uma não visa à preparação para o mercado de trabalho. Um menino e uma menina participam da banda marcial do Colégio. Esse dado indica que a maior parte deles não tem a oportunidade de conhecer e experimentar diferentes esportes, expressões artísticas e novas redes de sociabilidade.

As ações que citei anteriormente são necessárias para que os jovens desenvolvam uma atitude para o lazer. É preciso conhecer, experimentar, gostar e ter opções para realizar escolhas. Faz-se necessário também aprender a escolher. Tudo isso é parte do que poderíamos chamar de “educação para o lazer”.

9 PALAVRAS FINAIS

O fato de muitas ações e políticas públicas estarem preocupadas com o tempo livre da juventude influenciou a minha decisão de realizar esta pesquisa com jovens. Os estudos de perspectiva sociológica apontam que a juventude não é somente uma fase da vida, mas um grupo social com direitos e demandas específicas. Também enfatizam que os jovens não vivem a juventude da mesma maneira. Há uma diversidade de *juventudes* convivendo no mesmo espaço e tempo social. A classe social, o gênero, a etnia e o local de moradia são alguns dos elementos que marcam a diversidade existente no interior do segmento juvenil.

Com esta pesquisa, pude conhecer um pouco sobre a vida de uma juventude. Ouvir os jovens do bairro Farrapos me possibilitou repensar algumas imagens da juventude cristalizadas na sociedade. Esses jovens mostraram, por exemplo, que têm apreço por suas famílias e valorizam a escola. Não há conflitos ou crises. O que existe são questionamentos sobre o excesso de cobranças e as regras impostas pelos adultos.

O cotidiano desses jovens não é feito só de diversão. Divertir-se na companhia dos amigos é prioridade entre eles. No entanto, a preocupação com o futuro faz com que preencham suas rotinas com cursos e estágios. Percebemos, nos seus relatos, que procuram conciliar esses compromissos e os momentos de diversão.

A motivação para a realização deste trabalho se encontra no desejo de comunicar que o lazer não é um conjunto de atividades ou simplesmente sinônimo de tempo livre. Por acreditar que se trata de uma vivência, experiência pessoal e singular, surgiu a curiosidade em conhecer o que os jovens pensam sobre o lazer e como acreditam vivê-lo.

Entendo que o tempo e a atividade são elementos necessários para a constituição do lazer. No entanto, é preciso enfatizar que há também um fator de ordem subjetiva. Alguns autores da área citam a atitude como sendo o aspecto pessoal determinante para a vivência do lazer. A livre escolha, o envolvimento com atividades de acordo com os gostos e preferências pessoais, bem como a busca por diversão ou descanso, são exemplos de características dessa atitude para o lazer.

Além disso, incidem sobre o lazer aspectos culturais, econômicos e sociais. A consideração da existência dessa dimensão subjetiva e da interferência de elementos do contexto onde vive o sujeito na constituição do lazer revela o quanto é complexo tentar classificá-lo e apreendê-lo em um conceito.

As falas dos jovens do bairro Farrapos sobre o lazer reúnem combinações de interpretações herdadas dos diferentes sentidos atribuídos a ele ao longo da história. Ao definirem o que é o lazer, os jovens destacam as idéias de tempo livre, atividades realizadas por livre escolha e diversão.

No momento em que apontaram suas vivências de lazer e as justificaram como tais, alguns jovens se mostraram confusos. A dificuldade se apresentava para aqueles que utilizavam mais de um aspecto do lazer na sua argumentação. Por exemplo: entendiam que estavam vivendo sua *hora de lazer* (tempo livre), mas não estavam se divertindo. A maior parte dos jovens caracterizou como lazer os momentos em que estavam envolvidos com atividades que gostam de realizar ou que lhes proporcionam uma sensação de diversão.

Parto do princípio de que todas as pessoas podem vivenciar o lazer e de que isso independe do tipo de atividade realizada. Ao analisar o lazer dos jovens do bairro Farrapos, não quis julgar a qualidade desse lazer nem prescrever os melhores meios de vivê-lo. A intenção é apenas apontar os limites das escolhas. Podemos questionar se aqueles jovens estão realmente exercendo a liberdade de escolha, característica fundamental do lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.
- BINS, Milton. **Introdução à sociologia geral**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1985.
- BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo; Dayrell, Juarez. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa social. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 175-213.
- BRUNHS, Heloisa Turini. Lazer e motricidade: dialogando com o conhecimento. In: _____ (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. pp. 5-31.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- _____. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A, n. 1, maio de 2000, pp. 11-27.
- _____. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARVALHO, M.J.S.; MACHADO, J. B. Assimetrias de classe social e de gênero nos usos do tempo entre crianças. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo: UNISINOS, 2005, pp. 1-13.
- CARVALHO, Marie Jane Soares; MACHADO, Juliana Brandão. Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de gênero e de classe social. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp.70-81, Jan/Jun 2006. Disponível em: < > Acesso em: 20 jun. 2006.

CORREA, Jorge Baeza. Culturas juvenis, acercamiento bibliográfico. In: CELAM-ITEPAL: **Revista Medelin**. V. XXIX, n. 113, mar./2003, pp. 01-20.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 30, 1999, pp. 25-38.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1997. pp. 23-33.

GAELZER, Lenea. **Lazer: benção ou maldição**. Porto Alegre: Sulina, 1979.

JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves; MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. Barueri: Editora Manole, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1995.

MARTINS, Heloisa Helena T. Souza. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: ABRAMO, H., FREITAS, V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo, Cortez, 2000. pp. 17-46.

MÜLLER, Elaine. As palavras nunca voltam vazias: reflexões sobre classificações etárias. In: ALVIM, Rosilene. **Jovens & juventudes**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2005. pp. 67-85.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social. In: ABRAMO, H., FREITAS, V., SPÓSITO, M. P. (orgs.). **Juventude em debate**. São Paulo, Cortez, 2000. pp. 46-96.

Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Gabinete do Prefeito. Secretaria do Planejamento Municipal. Mapas da inclusão e exclusão social de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/ Gabinete do Prefeito/ Secretaria do Planejamento Municipal, 2004.

PUIG, Josep M^a; TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer: a aprendizagem permanente**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SPÓSITO, Marília P. (Coord.). **Juventude e escolarização** (1980-1998). Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

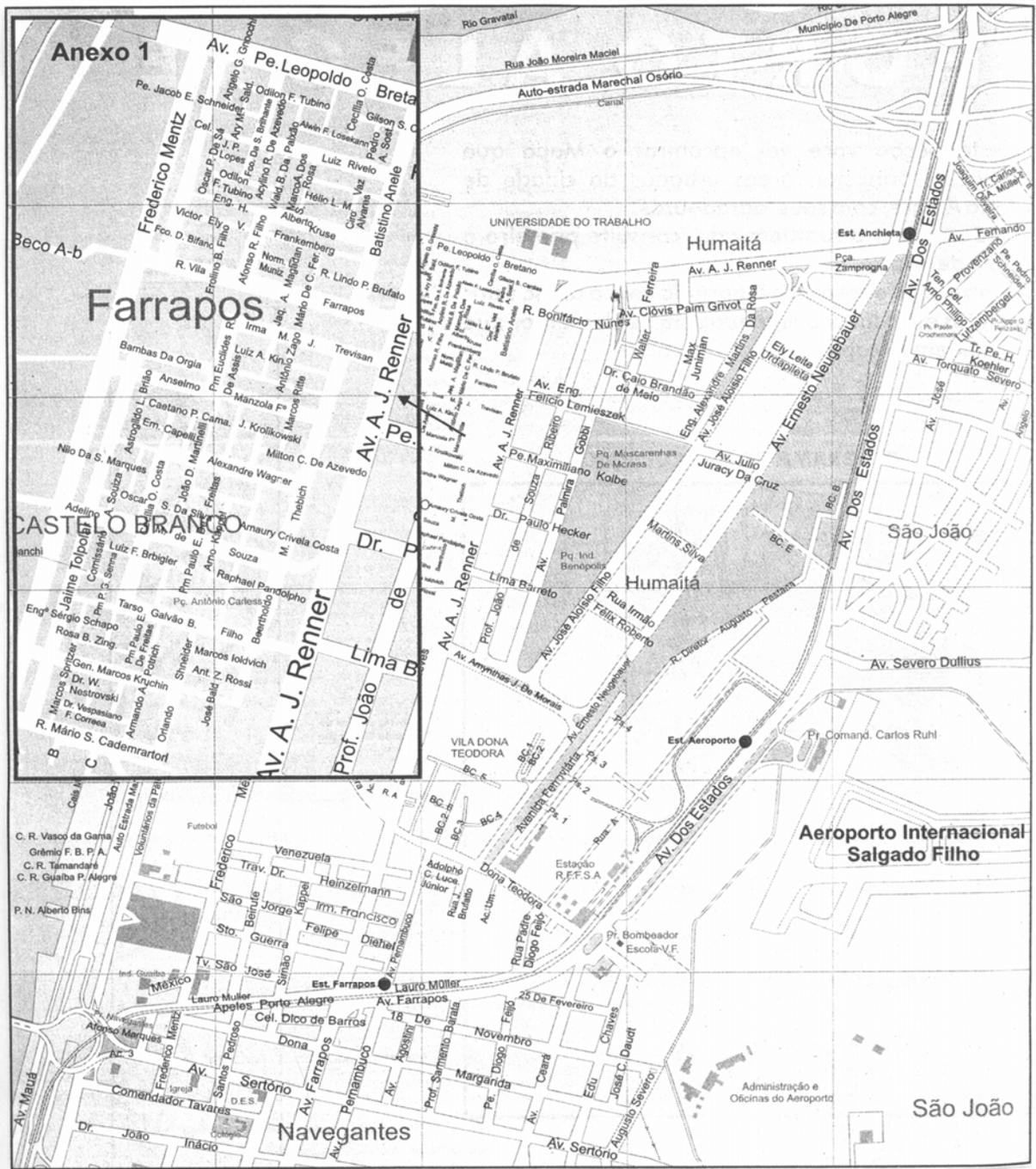
_____. Educação e juventude. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 29, 1999, pp. 7-13.

_____. Juventude: crise, identidade e escola. DAYRELL, Juares. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. pp. 96-104.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais** – Idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. V. 4, nov. 2001. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – BAIRRO FARRAPOS (MAPA 1)



ANEXO C – PRAÇAS LOCALIZADAS NO BAIRRO FARRAPOS

Obs.: Visualizar as praças no mapa 2.

	Praças	Localização no mapa
1	Pça. Affonso P. Fonseca, Cons.	3 – (C2)
2	Pça. Antão Abade das Chagas	8 – (B2)
3	Pça. Antero de Quental	9 – (C2)
4	Pça. Antônio Carlesso	10 – (C2)
5	Pça. Apparicio Silva Rillo	13 – (B2)
6	Pça. Aristides Dias Souto	15 – (B2)
7	Pça. Arlindo Wendelino Kremer	17 – (B2)
8	Pça. Carlinhos Hartlieb	24 – (C2)
9	Pça. Claudio Colling, Dom	28 – (B2)
10	Pça. Derly de A. Chaves, Ver. Dr.	29 – (B3)
11	Pça. Dimas Costa	30 – (B2)
12	Pça. Dirceu Mosmann	31 – (C2)
13	Pça. Edmundo Kunz, Dom	32 – (C2)
14	Pça. Glaucus Saraiva	39 – (C2)
15	Pça. Iberê Camargo	44 – (C2)
16	Pça. Ivo Alexandre Rizzo	46 – (B2)
17	Pça. Luiz Castro da Silva	58 – (B2)
18	Pça. M. A. Nezap	60 – (C2)
19	Pça. Marcos A. H. de Oliveira	62 – (B3)
20	Pça. Marcos Machado	64 – (B3)
21	Pça. Norberto C. da Silveira	72 – (C1)
22	Pça. Oscar Bertholdo	76 – (C2)
23	Pça. Osvaldo Mazola Rodrigues	80 – (B2)
24	Pça. Pedro Pufal	86 – (C2)
25	Pça. Setembrino Nunes da Silva	90 – (B2)

ANEXO D – FOTOS DO BAIRRO FARRAPOS

Fig. 1 – Loteamento Progresso



Fig. 2 – Vila Aparecida



Fig. 3 - Rua Gen. Marcos Kruchin



Fig. 4 - Rua Adelino Machado de Souza (Rua "larga")



Fig. 5 - Rua Anselmo Manzoli Filho



Fig. 6 – Praça Carlinhos Hartlieb



Fig. 7 – Praça Norberto C. da Silveira



Fig. 8 – Praça localizada junto ao Loteamento Progresso



Fig. 9 – “Praça do SESI”



Fig. 10 - Quadra de basquete (“Praça do SESI”)



Fig. 11 – Campo de futebol (“Praça do SESI”)

ANEXO E – LEI DA MEIA-ENTRADA EM PORTO ALEGRE⁴⁰

06/06/2006

JUVENTUDE

Prefeito sanciona lei da meia-entrada

O prefeito José Fogaça sanciona hoje, às 15h, no Salão Nobre do Paço Municipal, o projeto de Lei que concede o direito à meia-entrada para jovens carentes em atividades culturais e esportivas. O projeto, que tem co-autoria de três vereadores (Paulo Odone, do PPS, Manuela D'ávila e Raul Carrion, do PC do B), foi aprovado na Câmara Municipal com 26 votos a favor e uma abstenção. O benefício prevê descontos a estudantes matriculados em estabelecimentos de ensino regular, públicos ou privados.

Jovens com até 15 anos devem apresentar a carteira de identidade para ter direito aos benefícios da meia-entrada. Excetuam-se da proposta os cinemas nos finais de semana, quando será concedido desconto de 10%. Também ficam de fora os espetáculos teatrais, musicais e de dança em que estejam programadas, no máximo, duas apresentações do mesmo espetáculo. No caso de um maior número de apresentações será concedido desconto de 10% às sextas-feiras, sábados e domingos. Da mesma forma, não estão incluídos os ingressos comercializados nos jogos de futebol para ocupação de cadeiras e arquibancadas superiores, bem como metade daqueles disponibilizados, em cada evento, para as arquibancadas inferiores.

A Carteira de Identificação Estudantil (CIE) terá validade anual em todo o município de Porto Alegre. Os documentos somente poderão ser emitidos pela UNE, Ubes, UEE, Uges e Umespa. Podem ser distribuídos por entidades filiadas, tais como os diretórios centrais de estudantes, diretórios e centros acadêmicos, associações de pós-graduandos e grêmios estudantis.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs>> Acesso em: 30 jun. 2006.